

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

ROSEMEIRE MARIA DE SOUZA

**IMAGENS DA ESCOLA COMO MEDIADORAS DO PROCESSO FORMATIVO
DOS JOVENS NO ENSINO DA ARTE: DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA, MEMÓRIA
E AMBIENTES INTRAESCOLARES**

**VITÓRIA/ES
2014**

ROSEMEIRE MARIA DE SOUZA

**IMAGENS DA ESCOLA COMO MEDIADORAS DO PROCESSO FORMATIVO DOS
JOVENS NO ENSINO DA ARTE: DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA, MEMÓRIA E
AMBIENTES INTRAESCOLARES**

Dissertação apresentada à Linha de Pesquisa Educação e Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Gerda Margit Schütz-Foerste

VITÓRIA/ES
2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial de Educação,
Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

S729i Souza, Rosemeire Maria de, 1980-.
Imagens da escola como mediadoras do processo formativo dos jovens no ensino da arte: diálogos com a história, memória e ambientes intraescolares / Rosemeire Maria de Souza. – 2014. 200 f.: il.

Orientador: Gerda Margit Schütz Foerste.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Ambiente escolar. 2. Escolas – Imagens. 3. Jovens. 4. História. 5. Mediação. 6. Memória. I. Foerste, Gerda Margit Schütz. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROSIMEIRE MARIA DE SOUZA

**IMAGENS DA ESCOLA COMO MEDIADORAS DO
PROCESSO FORMATIVO DOS JOVENS NO ENSINO DA
ARTE: DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA, MEMÓRIA E
AMBIENTES INTRAESCOLARES**

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Educação da Universidade
Federal do Espírito Santo como requisito
parcial para obtenção do Grau de Mestre
em Educação.

Aprovada em 11 de março de 2014

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Gerda Margit Schütz Foerste
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Doutor Rogério Drago
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Doutor Hiran Pinel
Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Priscila de Souza Chisté
Instituto Federal do Espírito Santo

Alguns sonhos/desejos são tão potentes que ultrapassam todas as fronteiras... chegam a romper o improvável, o "quase" impossível. É a motivação que os torna reais.

Meire Souza

Dedico esta pesquisa a todos que acreditaram no potencial deste sonho.

AGRADECIMENTOS

A DEUS (ALLAH), por me fazer acreditar em sonhos tão distantes, por me dar forças para continuar mesmo sabendo das improbabilidades de seguir um caminho tão distinto dos meus pares. Por ser minha luz e esperança.

Aos meus pais, Sebastião e Jandira, pela dedicação, paciência e incentivo nos momentos delicados.

À minha família, pelo apoio, carinho e compreensão à falta de tempo.

À minha orientadora, Gerda Margit Schütz-Foerste, que partilhou todos os momentos da minha jornada acadêmica, pelo incentivo, por sua leveza e sabedoria. Por caminhar junto comigo sempre, por acreditar nos meus sonhos e no meu potencial.

Aos alunos, ex-alunos e funcionários da Escola “Hunney Everest Piovesan”, que partilharam suas valorosas memórias e histórias tão bem guardadas, mas nunca apagadas pelo tempo.

À Thalyta Monteiro, pelo apoio e por tantos conselhos.

À Dulcemar Uliana, pela amizade, tranquilidade e carinho a mim dispensado.

A todas as amigas do Grupo de Pesquisa Imagens e Infâncias, pelas inúmeras discussões, reflexões e troca de experiências acadêmicas.

À Secretaria de Estado da Educação do Estado do Espírito Santo e à Fundação de Apoio à Pesquisa do Espírito Santo, pelo fomento que me possibilitou fazer um intercâmbio acadêmico na cidade de Ancara na Turquia e trazer inúmeras contribuições ao campo educacional brasileiro e internacional.

Ao Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Ancara, particularmente ao Dr. Mehmet Necatti Kutlu, pelo convite e apoio, pela oportunidade de estudar com um intelectual visionário que valoriza as relações entre a América Latina e a Turquia.

A todos os amigos do Centro de Estudos Latino-Americanos, pelo carinho e apoio ao me introduzirem a vida na universidade turca.

Especialmente agradeço a Ibrahim Güler, amigo que dividiu sua sala comigo em minha estada no Centro de pesquisas e que tanto me auxiliou em diversos serviços

burocráticos na República da Turquia, por ter me introduziu aos costumes, vida cotidiana e ter me ajudado na assimilação do idioma sempre de forma prestativa e tranquila.

À amiga espanhola Maria que me auxiliou com informações valiosas e me fez companhia nas aulas formais de turco no Tömer.

A Reşat Onur Er, por me inspirar em melhorar minha proficiência no idioma turco e pelas diversas traduções feitas ao longo do estudo.

A todos os amigos, pela dedicação, carinho e que de alguma forma me proporcionaram momentos de aprendizado incríveis e inesquecíveis.

Si sobrevives...

*Si sobrevives, si persistes, canta,
sueña, emborráchate.
Es el tiempo del frío: ama,
apresúrate. El viento de las horas
barre las calles, los caminos.
Los árboles esperan: tú no esperes,
es el tiempo de vivir, el único.*

Jaime Sabines

RESUMO

Esta pesquisa apresenta as imagens da escola como mediadoras do processo formativo dos jovens no ensino da Arte em diálogo com a história, memória e ambientes intraescolares. Inscreve-se no debate produzido pela linha de pesquisa em Educação e Linguagens. Analisa a formação dos jovens numa turma do terceiro ano do Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Médio “Hunney Everest Piovesan”, localizada no município de Cariacica no Estado do Espírito Santo. O estudo foi realizado em 2013 e tem como objetivo analisar as imagens escolares como mediadoras na formação dos estudantes do Ensino Médio no ensino da Arte em diálogo com a história, memória e ambientes intraescolares. Ao mesmo tempo, por meio de trabalho colaborativo, contribui para (re)construção da história da instituição, significando-a junto aos alunos e comunidade escolar. Por meio de intervenção artística com imagens da escola propõe reflexão crítica, analisando a formação dos jovens no terceiro ano do Ensino Médio. Para compreender os conceitos de mediação e meio social, estabelece um diálogo com as obras de Lev Semenovith Vigotski. A partir dos estudos de Maria Ciavatta e Schütz–Foerste procura entender a mediação imagética e sua dimensão educativa. Dialoga ainda com Frago, Escolano e Buffa, ampliando as reflexões sobre os ambientes intraescolares, dimensionando a imagética desses espaços e o senso de pertencimento à escola a partir da impregnação pela história e memória. A investigação pauta-se nos referenciais do método qualitativo e colaborativo de pesquisa. A produção dos dados contou com o recolhimento e análise documental de um conjunto de fontes primárias e secundárias formadas por livro de registro de funcionários da escola da década de 1970, diários de classe, recortes de jornais, convites de formaturas e registros fotográficos escolares dessa mesma década até a atualidade. Além desses documentos históricos, foram analisadas entrevistas de antigos alunos e questionários dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio da instituição. Relata brevemente experiências de curto intercâmbio acadêmico realizado na Universidade de Ancara, na Turquia, com o objetivo de ampliar os horizontes de referência sociocultural, em especial com o contexto educacional do Ensino Médio euroasiático, identificando os espaços de formação dos jovens no contexto turco e suas relações com a educação brasileira. Esta experiência apresentada não integra a análise desta dissertação, mas projeta a discussão para novos estudos. A análise se elabora a partir da triangulação, entre outros, do referencial teórico com o processo de intervenção, produção de dados e no debate acadêmico em diferentes contextos. A partir da caminhada acadêmica permeada pela história e memória, inferimos que as imagens escolares medeiam o processo formativo dos jovens do terceiro ano do Ensino Médio no ensino da Arte. Contribuem para o cultivo da memória escolar, enquanto presença impregnada pela história da instituição, por meio da imagética dos seus ambientes intraescolares. Constatamos ainda que as imagens colaboram para o (re)conhecimento por parte desses sujeitos do seu papel ativo, autônomo e transformador da realidade escolar na qual estão inseridos.

Palavras-Chave: Imagens. Mediação. Jovem. História. Memória. Ambientes Intraescolares.

ABSTRACT

This research presents school images as mediators of the formation process of young people's learning of art, based on the dialogue with history, memory and intra school environments. The research is part of the debate produced by the line of research on Education and Languages. The research analyzes the formation of young people in a class of the last year of high school at the State High School "Hunney Piovesan Everest " located in Cariacica, in the state of Espírito Santo - Brazil. The study was realized in 2013 with the main aim of analyzing school images as mediators of the high school students learning of art and its relationship to history, memory and intra school environments. Meanwhile, through collaborative work, it contributed to the (re) construction of the history of the institution, giving to it meaning to the students and to the school community. Through artistic intervention with images of school it proposed critical thinking, analyzes youth training in the last year of high school. To understand the concepts of mediation and social environment, we related to the studies of Lev Semenovith Vigotski. From the studies of Mary Ciavatta and Schütz-Foerste we tried to understand the imagery mediation and its educational dimension. We also relate to Frago, Escolano and Buffa to expand reflections on intra school environments scales the imagery of these spaces and the sense of belonging to the school from the impregnation by history and memory. The research was based on qualitative benchmarks and collaborative research method. Data production relied on the collection and documentary analysis of a group of primary and secondary sources formed by the record book of school officials from the 1970s, diaries of class, newspaper clippings, invitations to graduations and photographic records of school from the same decade until today. In addition to these historical documents, interviews with former students and questionnaires of the students from the last year of high school of the institution were analyzed. The research also relates to experiences from the short-term academic exchange conducted at Ankara University in Turkey, with the aim of expanding the horizons of socio- cultural reference especially in the educational context of the Eurasian high school, identifying areas of training of young people in Turkish context and its relations with the Brazilian education. This experience does not integrate the analysis of this dissertation, but designs discussion for new studies. The analysis is elaborated from the triangulation, among others, the theoretical framework with the intervention process, data production and academic debate in different contexts. From the academic path permeated with history and memory, we infer that an inter-scholar image mediates the formative progress of youths from third year of high school in art education. They contribute to the cultivation of school memory while the presence permeated the history of the institution, through its imagery of intra school environments. We also acknowledge that the images collaborate for (re) knowledge for part of these subjects from their active role, autonomous role and they transform the inter-scholar environment in which they live.

Key Words: Images. Mediation. Youth. History. Memory. Inter-Scholar Environments.

ÖZET

Bu araştırma okul görüntülerini tarih, hatıra ve okul içi ortamlarla ilişkili olarak sanat eğitiminde genç insanların formasyon sürecinin aracı olarak sunmaktadır. Bu araştırma, Eğitim ve Dil araştırma hattı tarafından üretilen münazaranın bir parçasıdır. Araştırma Espírito Santo eyaletinin bir kasabası olan Cariacica'da bir Eyalet Lisesi olan "Hunney Piovesan Everest" Lisesi'nde 3. sınıfta okuyan gençlerin formasyonunu inceler. Bu çalışma 2013 yılında okul görüntülerinin ortaöğretim öğrencilerinin tarih, hatıra, ve okul içi ortamlarla ilişkili olarak eğitiminin aracı olarak analizi amacıyla yapılmıştır. Aynı zamanda, işbirlikçi çalışma sayesinde, kurumun (yeniden) inşa edilmesine öğrenciler ve okul camiası ile birlikte katkıda bulundu. Okulun görüntüleri ile birlikte sanatsal müdahale sayesinde okul eleştirel düşünmeyi sağlar ve gençlerin ortaöğretimin üçüncü senesindeki formasyonlarını analiz eder. Aracı kavramların ve sosyal çevrenin anlaşılabilmesi için Lev Semenovith Vigotski'nin çalışmalarına atıfta bulunduk. Mary Ciavatta and Schütz-Foerste'nin çalışmalarından imgesel aracılığı eğitimsel boyutlarıyla anlamaya çalışıyoruz. Çalışma Frago, Escolano and Buffa'ya da atıfta bulunarak okul içi çevrelerdeki yansımaları genişletmekte, bu alanların görüntülerini ve tarih ve hatırayla aidiyet duygusunun aşılmasını ölçmektedir. Araştırma niteliksel değerlendirme ve işbirlikçi araştırma yöntemlerine dayanır. Bilgiler 1970'li yıllardaki okul çalışanlarının kayıt defterlerinin, sınıf günlüklerinin, gazete kopyalarının, mezuniyet töreni daetiyelerinin ve aynı dönemden günümüze kadarki fotoğrafsal kayıtlarının belgesel analizine dayanmaktadır. Bu tarihi belgelere ek olarak, eski öğrencilerle yapılan röportajlar ve ortaöğretim üçüncü sınıf öğrencilerine yapılan anketler de incelenmiştir. Araştırma daha sonra Türkiye'de Ankara Üniversitesi'nde eğitim alanında özellikle Avrasya ortaöğretiminde sosyo-kültürel ufukların genişletilmesi, gençlerin Türkiye çevresindeki formasyonu ve bunun Brezilya'nın eğitimi ile ilişkilerinin tanımlanması amaçlarıyla gerçekleştirilen kısa dönem akademik öğrenci değişimine atıfta bulunmakadır. Bu deneyim tezi analiz etmemektedir fakat yeni çalışmalar için yeni tartışmalar tasarlamaktadır. Analiz verilerin incelenerek yorumlanması, veri üretimi ve çeşitli bağlamlarda akademik münazara yollarıyla özenle hazırlanmıştır. Tarih ve hatıradan geçen akademik yoldan okul görüntülerinin üçüncü sınıf öğrencisi gençlerin sanat eğitimindeki biçimlendirici sürecinin aracı olduğu sonucunu çıkarıyoruz. Bunlar okul hatıralarının işlenmesine katkıda bulunurken imgesel okul içi ortamlar aracılığıyla kurumun tarihine nüfus ediyor. Aynı zamanda okul görüntüleri bu konuların etkin rollerinden, otonom rollerinden biliyoruz ki okul görüntüleri onların yaşadığı okul içi çevrelerin dönüşümüne de katkı sağlamaktadır.

Anahtar Kelime: Görüntüleri. Aracılık. Genç. Tarih. Hatıra. Okul İçi Ortam.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANPAP – Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas

ANPED – Associação Nacional dos Pesquisadores em Educação

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de nível superior

CONFAEB – Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil

EEEM – Escola Estadual de Ensino Médio

FAPES – Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo

LAMER – Centro de Estudos Latino-Americanos

LDB – Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PCN – Parâmetro Curricular Nacional

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação da UFES

SEDU – Secretaria de Estado da Educação do Estado do Espírito Santo

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1- INAUGURAÇÃO DA ESCOLA POLIVALENTE EM 26/02/1972.	64
FIGURA 2 - SALA AMBIENTE EQUIPADA NA INAUGURAÇÃO DA ESCOLA.	65
FIGURA 3 - A ESCOLA ANTIGA, SALAS PROVISÓRIAS E A ESCOLA NOVA.	67
FIGURA 4- ESCOLA ANTIGA	68
FIGURA 5 - SALAS PROVISÓRIAS	69
FIGURA 6 - ARQUITETURA NOVA - MAIO DE 2013.	70
FIGURA 7 – PLANTA TOPOGRÁFICA DA ESCOLA EM CONSTRUÇÃO.	71
FIGURA 8- “NADA PAGA; NADA APAGA. NOSSA GRATIDÃO É ETERNA.”	73
FIGURA 9-CAMISA DESENHADA PELOS ALUNOS DA DÉCADA DE 1970.	75
FIGURA 10- BOLO COM LOGOTIPO DA ESCOLA POLIVALENTE PARA A FESTA DOS EX-ALUNOS DE 1972 A 1975.	75
FIGURA 11 - MODELO USANDO O VESTIDO DE FORMATURA.	78
FIGURA 12- ALUNA DA TURMA DE 1972-1975.	78
FIGURA 13 - CHEGADA DOS PROFESSORES NO ENCONTRO.	79
FIGURA 14-RECEPÇÃO AOS PROFESSORES.	80
FIGURA 15 - RECEPÇÃO AOS EX-PROFESSORES E EX-FUNCIONÁRIOS.	81
FIGURA 16 - PRIMEIRAS EXPERIMENTAÇÕES.	92
FIGURA 17 - EXPERIMENTAÇÕES IMAGÉTICAS.	94
FIGURA 18 - PAPEL FOTOGRÁFICO: DESCOBERTA DAS CORES.	94
FIGURA 19 - EXPERIMENTAÇÕES COM PAPEL VELADO.	96
FIGURA 20 - MOMENTOS DE INTERVENÇÃO.	97
FIGURA 21 - MOMENTOS DE EXPERIMENTAÇÕES.	97
FIGURA 22 - EXPERIMENTAÇÕES DIVERSAS.	98
FIGURA 23 - ALUNOS FAZENDO A ESCOLHA DAS IMAGENS A SEREM EDITADAS E RESSIGNIFICADAS POSTERIORMENTE.	99
FIGURA 24 - INTERVENÇÃO EM FOTOGRAFIAS DOS PRÓPRIOS ALUNOS.	101
FIGURA 25 - INTERVENÇÃO EM FOTOGRAFIAS ANTIGAS DOS ALUNOS.	103
FIGURA 26 - PROCESSO CRIATIVO DE AMANDA CRUZ.	104
FIGURA 27-- PROCESSO CRIATIVO DE JULIANA KRAUSE.	106
FIGURA 28- RESSIGNIFICAÇÃO FINALIZADA.	106
FIGURA 29- PROCESSO CRIATIVO DE HEVANDER MATOS.	108
FIGURA 30 - ALUNOS ESCRREVENDO SEUS NOMES NO PAPEL FOTOGRÁFICO.	111
FIGURA 31-EXPERIMENTAÇÕES COM OS NOMES DOS ALUNOS.	111
FIGURA 32-RETIRADA DAS FITAS ADESIVAS.	111
FIGURA 33-RESSIGNIFICAÇÃO DE FOTOGRAFIAS ANTIGAS DA ESCOLA.	113
FIGURA 34-AMPLIAÇÕES DE FOTOGRAFIAS DA ESCOLA.	114
FIGURA 35 - AMPLIAÇÕES DE FOTOGRAFIAS ANTIGAS DA ESCOLA.	115

FIGURA 36 - RESSIGNIFICAÇÕES NAS FOTOGRAFIAS ANTIGAS.	115
FIGURA 37-DESENHOS NAS FOTOGRAFIAS ANTIGAS.	116
FIGURA 38 - RESSIGNIFICAÇÕES DIVERSAS NAS FOTOGRAFIAS ANTIGAS.	117
FIGURA 39 - DESENHOS E TÉCNICAS MISTAS.	117
FIGURA 40 - EXPERIMENTAÇÕES APÓS OS DESENHOS.	118
FIGURA 41 - EXPERIMENTAÇÕES COM PAPEL FOTOGRÁFICO.	118
FIGURA 42 - INTERVENÇÃO EM FOTOGRAFIA DA DÉCADA DE 1970.	119
FIGURA 43 - RESSIGNIFICAÇÃO EM FORTOGRAFIA.	122
FIGURA 44 - ALUNO OBSERVANDO O PASSADO/PRESENTE.	124
FIGURA 45 - FOTOGRAFIAS RESSIGNIFICADAS.	124
FIGURA 46 - DESENHO EM FOTOGRAFIA ANTIGA.	126
FIGURA 47 - RESSIGNIFICAÇÃO COM CLORO.	127
FIGURA 48 - CONVITE DO VERNISSAGE- VERSO.	130
FIGURA 49 - CONVITE DO VERNISSAGE- ANVERSO	130
FIGURA 50 - CONFECÇÃO DE PAPEL ENVELHECIDO.	132
FIGURA 51 - MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO COM OS TRABALHOS DOS ALUNOS.	132
FIGURA 52 - MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO NO CONTRA-TURNO.	133
FIGURA 53 - REVELANDO DÉCADAS: MEMÓRIAS E MOMENTOS.	134
FIGURA 54- ABERTURA DA EXPOSIÇÃO.	135
FIGURA 55- IMAGEM DO VÍDEO ELABORADO PELO 3º M 03.	136
FIGURA 56- IMAGEM DO VÍDEO ELABORADO PELO 3º M 03.	136
FIGURA 57- IMAGEM DO VÍDEO ELABORADO PELO 3º M 03.	138
FIGURA 58- IMAGEM DO VÍDEO ELABORADO PELO 3º M 03.	138
FIGURA 59 – DISCURSO PROFERIDO POR UMA ALUNA.	139
FIGURA 60- IMAGEM DO VÍDEO ELABORADO PELO 3º M 03.	143
FIGURA 61- IMAGEM DO VÍDEO ELABORADO PELO 3º M 03.	143
FIGURA 62- IMAGEM DO VÍDEO ELABORADO PELO 3º M 03.	144

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
2. CONTEXTUALIZAÇÃO	28
2.1 METODOLOGIA	32
2.2 PESQUISAS E ESTUDOS EM DIÁLOGO	40
2.2.1 Diálogos com a Revisão de Literatura	41
3. A EDUCAÇÃO NOS AMBIENTES E A FORMAÇÃO DOS JOVENS	50
3.1 A EDUCAÇÃO DOS AMBIENTES EM LEV S. VIGOTSKI	52
3.2 A EDUCAÇÃO DOS AMBIENTES: CONVERSA COM OUTROS AUTORES	56
4. HISTÓRIA, CULTIVO DA MEMÓRIA E RESSIGNIFICAÇÃO DAS IMAGENS DA ESCOLA	62
4.1 A ESCOLA: HISTÓRIA E MEMÓRIA MATERIALIZADAS	63
4.2 TURMA DE 1972: ENCONTROS E LEMBRANÇAS	73
4.3 CONHECENDO A TURMA E (RE) CONSTRUINDO A HISTÓRIA A PARTIR DAS IMAGENS DA ESCOLA	82
4.3.1 A Turma Selecionada	84
5. 4. A ARTE NA FORMAÇÃO DO JOVEM: REFLEXÕES SOBRE AS INTERVENÇÕES IMAGÉTICAS	88
5.1 ANÁLISE DOS MOMENTOS DE EXPERIMENTAÇÃO	91
5.2 INTERVENÇÕES NA PRÓPRIA HISTÓRIA	100
5.3 ESCREVENDO SEU NOME NA HISTÓRIA	110
5.4 AMPLIAÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES DA MEMÓRIA	112
5.5 REVELANDO DÉCADAS: MEMÓRIAS E MOMENTOS	129
5.6 QUESTIONÁRIO DOS JOVENS – IMAGENS DA ESCOLA, HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESPAÇOS INTRAESCOLARES	145
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	155

7. REFERÊNCIAS	161
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO, DIVULGAÇÃO DE VOZ E IMAGEM	165
APÊNDICE B – AMBIENTES INTRAESCOLARES COMO MEDIADORES DO PROCESSO FORMATIVO DOS JOVENS NO ENSINO DA ARTE	166
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA DIVULGAÇÃO DE IMAGEM PARA ASSINATURA DOS JOVENS	167
APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTA DOS JOVENS	168
APÊNDICE E – PARTE DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO TÉCNICO-CIENTÍFICO NA UNIVERSIDADE DE ANCARA – TURQUIA	169
APÊNDICE F – PROTOCOLO DA PESQUISA / TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO	184
APÊNDICE G – PROTOCOLO DA PESQUISA / TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO EM TURCO	188
APÊNDICE H – QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS BRASILEIROS QUE ESTUDARAM NA TURQUIA	191
APÊNDICE I – TABULAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS DOS JOVENS DO 3ºM 03	192

1. INTRODUÇÃO

*A utopia está lá no horizonte.
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.
Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.
Para que serve a utopia?
Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.*

Eduardo Galeano

As imagens da escola como mediadoras do processo formativo dos jovens no ensino da Arte em diálogo com a história, memória e ambientes intraescolares¹ constituem um desafio ao pesquisador, visto que tal temática contempla imbricadas e complexas categorias no que diz respeito a esses ambientes e sua imagética. Entretanto, investigar as relações entre a história, a memória e as imagens escolares que medeiam a formação dos jovens a partir dos ambientes intraescolares sempre constituiu nosso desejo de pesquisa e nossas inquietações acadêmicas.

As obras “*O livro dos abraços*” e “*Veias Abertas da América Latina*” de Eduardo Galeano traduzem nossas inquietudes e refletem nossa trajetória de vida. Elas nos fazem pensar o propósito da caminhada e nos motivam a continuar andando, apesar das dificuldades e incertezas. Assim a utopia carrega consigo a possibilidade de um dia ter suas metas alcançadas. Na perspectiva utópica, Bredarioli (2009, p. 252) acredita que,

As utopias carregam em si a prospectiva, o projeto, o vislumbre de um futuro melhor que o presente. Carregam a fé no potencial de transformação, num sujeito imbrincado na história, agindo, construindo, transformando [...].

Ao dialogar com Bredarioli, percebemos que a utopia perpassa o ensino da Arte, fomentando formação e conhecimento que potencializam o sujeito. Assim, refletimos sobre o conceito de utopia em Paulo Freire, que concebe a ideia de sermos seres inacabados e em constante processo de construção de pensamento. Entre seus conceitos podemos vislumbrar a teoria das utopias realizáveis, aquelas que mesmo distantes podemos alcançar por meio da denúncia das injustiças para o anúncio de

¹Entendemos por ambientes intraescolares os espaços que a escola dispõe para a formação dos estudantes. Podemos elencar entre esses ambientes a sala de aula, os laboratórios de Arte, Informática, Física e de outras disciplinas, a quadra de esportes, o refeitório, entre tantos possíveis espaços de convivência, aprendizado e experiência.

um novo mundo, com a perspectiva da solidariedade e liberdade dos indivíduos. Segundo Freire (1979, p. 16),

O utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico.

Nesse compromisso histórico e dialético estamos cientes do nosso inacabamento como seres sócio-histórico-culturais e sofremos a influência do meio, da mesma forma que temos a possibilidade de transformarmos o ambiente social em que vivemos. Por meio dessas mediações² tornamo-nos indivíduos capazes de reelaborar nossa realidade de forma crítica, reinventando e reconstruindo nossa história a cada momento.

A nossa trajetória de vida é enleada pelos conceitos de história e memória, perpassadas pela questão imagética e pelas lembranças decorrentes dessa mediação. Somos forjados a partir das relações com o outro e pelas experiências que vivenciamos.

Essa apropriação de novos conhecimentos traz em seu repertório histórias e memórias vivenciadas. Todas as lembranças, desde a mais tenra infância, fazem parte desse repertório imagético, histórico e social produzindo “As Marcas do Humano” das quais somos constituídos. Vigotski (2010) e Pino (2008) acreditam que não nascemos humanos, tornamo-nos humanos a partir das mediações com o meio social.

O plano biológico da criança³ sofre a resignificação, incorporando o repertório imagético, simbólico e histórico-social do ambiente em que ela vive e transforma-se em plano cultural “[...] na medida em que as ações da criança vão recebendo a significação que lhe dá o outro [...] ela vai incorporando a cultura que a constitui

²A relação do homem com o real é sempre mediada. Mediada pelo outro e pelos signos. É no curso das relações sociais que os sujeitos produzem, se apropriam e transformam as diferentes atividades sociais, e as internalizam com modos próprios. Assim, constituem-se como indivíduos. Desse modo, para se conhecer, por exemplo, uma imagem, é preciso revelar sua estrutura social, apresentar o mundo das mediações, dos processos sociais (econômicos, políticos, científicos) em que o objeto está inserido (CHISTÉ, 2013).

³Esta pesquisa aborda o conceito de “jovens”. No entanto, é pertinente nos referirmos à criança para assim definirmos o plano biológico dos indivíduos e a mediação que perpassam os ambientes. O indivíduo sofre a influência do meio e ao mesmo tempo transforma o meio social ao qual frequenta.

como um ser cultural, ou seja, como um ser humano" (PINO, 2008, p. 66).

Tendo em vista que a criança se apropria social e culturalmente das mediações com o outro, compreendemos que o

[...] desvelar na realidade empírica da evolução da criança logo após o nascimento a maneira concreta como a *natureza*, constitutiva da sua condição biológica, transforma-se sob a ação da *cultura*, fazendo da criança um *ser humano* (PINO, 2008, p. 18, grifos do autor).

O papel do outro se torna imprescindível na mediação cultural e na ressignificação de nossas bases biológicas em bases histórico-sociais. Nesse contexto, disponho-me a exercitar minhas memórias e a me lembrar dos momentos em que minha mãe sentava comigo e com meus irmãos e mostrava fotos antigas de lugares e pessoas que nunca havíamos visto. Fotos dos nossos avós maternos que nem chegamos a conhecer, mas que por meio daquela imagem fixada no papel fotográfico tornava-se uma realidade materializada. Nesse período, em uma tenra infância, quando alguém perguntava como eram nossos avós, buscávamos nas lembranças provenientes das fotografias antigas e no relato de nossa mãe como eram nossos ancestrais.

Dialogo com a memória da minha mãe para formar meu repertório mnemônico. Esse exercício de reunir a família para ver fotos, cartas e documentos⁴ antigos sempre me instigou a conhecer a história das pessoas que vivenciaram aquela época. O interesse pela história e memória sempre fez parte da minha trajetória.

Durante nosso percurso, questões ligadas à Arte e a Educação dos ambientes também foram recorrentes em minha história de vida. O interesse pela Arte surgiu quando ainda era criança. Na adolescência frequentei uma aula de pintura artesanal como complemento para a formação educacional, que foi de fundamental importância para meu processo formativo. Meus pais achavam relevante uma pessoa ter acesso a outras formas de conhecimento complementares além da educação formal.

As aulas de pintura foram realizadas por dois anos, e ao cursar a 8ª série do Ensino

⁴A partir da década de 1960, com a escola dos Annales, as fotografias passam a ter o status de documento numa nova concepção do termo. Outros objetos da memória coletiva passam a ser entendidos como documentos.

Fundamental, a oportunidade de ter uma professora de Arte⁵ sensível inspirou-me de forma excepcional, tendo ela uma maneira de tratar os alunos humanizadora. Suas aulas promoviam reflexões sobre as produções artísticas em uma busca de desenvolver nosso senso crítico por meio das reflexões propostas.

Finalizado o Ensino Fundamental não tive acesso à Arte no Ensino Médio pelo fato de eu ter feito um curso de Técnico em Contabilidade na perspectiva de mais facilmente me inserir no mercado de trabalho. Em virtude de tal curso oferecer apenas disciplinas ligadas ao mundo do trabalho, o senso crítico e estético na formação dos sujeitos não era privilegiado. Segundo Ciavatta (2009, p. 21) “[...] há indicações claras de demanda por qualificação profissional entre os grupos jovens que frequentam o Ensino Médio, na expectativa de obter alguma educação profissional e conseguir emprego ou ascender profissionalmente”.

O término do Ensino Médio ocorreu em 1998, mas somente em 2002 ingressei na universidade. Entrar numa universidade era uma realidade distante e quase impossível. Em minha família, ter uma graduação era uma conquista para poucos e conseguir chegar a um Mestrado consistia numa tarefa quase impossível; um feito nunca alcançado pelos parentes mais próximos. Acessar o conhecimento que um curso de Mestrado proporciona é uma tarefa desafiadora e motivadora, visto que as experiências coletivas que vivenciamos nos colocam no papel de representar essas pessoas com quem convivemos e que contribuíram na nossa formação como um ser sócio-histórico e cultural.

O ingresso no curso de Artes Visuais em 2002, anteriormente com o campo artístico, ratificou a afinidade com a temática. As provocações propiciadas pelo curso de Artes Visuais direcionavam o percurso pelo ensino da Arte. Em 2004, iniciou-se então minha trajetória enquanto arte-educadora em regime de designação temporária pelo Governo do Estado do Espírito Santo. O início foi marcado pelo desconforto com relação à falta de espaços para a exposição dos trabalhos dos alunos e como os ambientes eram ressignificados para a formação desses estudantes.

⁵Na pesquisa optamos por utilizar o termo Arte em detrimento de Artes, pois entendemos a Arte como um campo de conhecimento humano. Encontramos o termo Arte na lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, nos Parâmetros Curriculares Nacionais e no Currículo Básico Comum da SEDU; portanto fizemos essa escolha por estar em consonância com os dispositivos legais educacionais e no intuito de valorizar a disciplina como campo de reflexão e conhecimento.

O exercício da docência despertou inquietações que se intensificaram com os desafios do cotidiano educacional e as fragilidades de uma instituição que não primava em proporcionar experiências intensas e possibilidades de complexas relações com a mediação de objetos artísticos a seus alunos. Como professora, a oportunidade de experimentar diversas situações me fez acreditar que a otimização do uso dos espaços intraescolares seria positiva para o processo de ensino e aprendizado.⁶

Nas aulas de Arte sempre tive uma preocupação como docente em propiciar aos alunos uma diversa gama de experiências em relação ao uso dos materiais artísticos, a leitura de obras de Arte e a contextualização das mesmas. Alguns desses estudantes nunca tiveram a oportunidade de conhecer ou manusearem materiais artísticos diferenciados, como goivas para entalhe na aula de gravura, produção de tintas à base de leite, cera de abelhas ou têmpera vinílica, lápis carvão ou mesmo giz de cera e lápis de cor, ficando os alunos em êxtase ao utilizar tais materiais.

Nessa perspectiva, compreendemos que “[...] a arte pode assumir diversos significados em suas várias dimensões, mas como conhecimento proporciona meios para a compreensão do pensamento e das expressões de uma cultura” (OTT, 2008, p. 113). E a respeito do ensino da Arte na educação Barbosa salienta,

O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte. Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público (BARBOSA, 2009, p. 32).

Esses questionamentos vieram à tona nos primeiros meses de trabalho como docente. Ao trabalhar numa escola de Ensino Médio no município de Cariacica, lecionando para turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), foi proposta aos

⁶Recentemente compreendemos que método de ensino e processo de aprendizagem não se confundem. A expressão “processo ensino-aprendizagem”, ainda de uso corriqueiro, expressa uma compreensão desses processos diferentes como se fossem duas faces da mesma moeda. No entanto, eles são dois processos diferentes e correspondem a dois sujeitos diferentes. O processo de ensino é dirigido pelo professor, e o processo de aprendizagem é realizado pela criança. E hoje já se aceita que a criança pode e costuma utilizar as informações do professor de forma muito diferente do que ele imagina (WEISZ, 1998 apud IAVELBERG, 2003, p. 53).

educandos uma oficina de fabricação de tintas⁷, utilizando a têmpera à ovo, têmpera vinílica, têmpera à caseína e têmpera à cera.

Após a produção dos trabalhos, os alunos foram instigados a fazer reflexões a respeito de todas as etapas das produções artísticas. Nesse contexto, acreditamos que a Arte não pode ser pensada apenas como técnica para a produção de objetos artísticos, mas como meio para reflexão e apropriação de conceitos possíveis por meio do senso estético, crítico e autônomo.

Finalizada a produção dos trabalhos, iniciavam-se as angústias e inquietações provocadas pela ausência de local para exposição dessas produções. Algumas perguntas eram pertinentes nessa fase do processo educacional. Um aluno então indagou:

– “Professora, onde vamos expor nossas obras”?⁸

– “Minha família poderá ver minha obra de arte”?

Nesse cenário educacional, estava imersa em várias inquietações. Contudo, uma questão causava grande desconforto: Havia um ambiente/espço⁹ específico para a exposição de objetos artísticos na escola?

Como a escola não possuía nenhum espaço específico, planejado para tal finalidade, foi pensado em otimizar o corredor da escola e transformá-lo numa galeria de Arte. Outro problema veio à tona: as paredes da escola não poderiam ser furadas para a afixação das telas. Para tal, cavaletes foram emprestados por uma fábrica de telas e fizemos a exposição nos corredores da escola.

No dia da abertura da exposição, um coquetel foi disponibilizado aos alunos e suas famílias participantes do evento. Os alunos tiraram fotografias e se sentiram participantes ativos daquela realidade, produtores de conhecimento.

⁷Na oficina de fabricação de tintas foi produzida a têmpera à ovo, que foi feita a partir da gema do ovo; a têmpera vinílica, que foi produzida a partir de adesivo vinílico; têmpera à caseína, feita com leite de vaca; e têmpera à cera, produzida a partir da cera de abelha.

⁸Referimo-nos a “obras” de arte levando em consideração a produção artística dos alunos e não apenas a produção legitimada pelas instâncias de poder artístico.

⁹Optamos por utilizar a denominação ambiente/espço para caracterizar os diversos meios sociais. Ora podemos encontrar a palavra ambiente, ora a palavra espaços, porém com a mesma intencionalidade.

Diante disso, concordamos com Barbosa (2009) quando diz que o ensino da Arte deve proporcionar aos alunos a possibilidade de vivenciar todas as etapas da produção artística, análise dos trabalhos, reflexão e senso crítico desses estudantes. Barbosa entende que

[...] um currículo que interligasse o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura (BARBOSA, 2009, p. 35).

Percebemos o quanto foi importante todas as etapas do processo artístico e de formação do aluno, a ressignificação do material numa obra de arte carregada com suas experiências. Ao exporem seus trabalhos, os estudantes tiveram a oportunidade de dialogar com as pessoas que participaram da sua constituição social, cultural e histórica. Nessa perspectiva, Góes e Smolka (1997, p. 14) esclarecem:

A interpretação do conhecimento como socialmente constituído supõe a relação mediada do sujeito cognoscente com os objetos. A mediação não se restringe a outros sujeitos fisicamente presentes, estende-se aos efeitos da incorporação de experiências nas relações sociais, vividas em diferentes contextos e de diferentes modos.

Em todas as escolas pelas quais passei tentava sempre estimular e oferecer essas experiências estéticas, essas vivências de construção do objeto artístico e da otimização do uso do espaço intraescolar com a finalidade de propiciar uma experiência sensível para o grupo que utilizava aquele ambiente. Concordamos com Chisté (2007, p. 71) quando afirma que “[...] a partir do contato com a obra de arte, são desencadeados processos de reflexão, interação, ação, análise, experiências e interpretação”.

Esses processos de reflexão, interação e experiências podem ser desencadeados no contato com a obra de arte e contribuir para a formação do jovem, reverberando em toda a sua vida. Esse processo formativo mediado pelas imagens da escola no ensino da Arte em diálogo com a história, memória e pelos ambientes intraescolares pode colaborar para a ressignificação de vínculos entre os jovens e a escola, com o sentimento de pertencimento e com a transformação da realidade educacional e

social do aluno e do meio social ao qual ele se insere.

Segundo Vigotski (2010, p. 284) “[...] o material humano possui uma infinita plasticidade em um meio social corretamente organizado. Tudo no homem pode ser educado e reeducado sob uma correspondente interferência social”, e acrescenta que o sujeito é transformado pelas relações e pelo meio social ao qual frequenta. Para Vigotski (2010, p. 243) “[...] aprender a pensar corretamente sobre o mundo significa preocupar-se com que na experiência do aluno se estabeleçam vínculos corretos entre os elementos do mundo e as reações desse aluno”.

Por entendermos que somos seres inseridos num contexto sócio-histórico-cultural, constituídos num processo de readaptação constante ao ambiente social que nos cerca, a reflexão sobre a educação nos ambientes intraescolares e seu impacto na formação do jovem no contexto do Ensino Médio sempre foi uma inquietação acadêmica.

Essa inquietação permaneceu comigo nos anos subsequentes, em outras instituições escolares, e também nas trajetórias acadêmicas de outros colegas professores de Arte, sendo a educação nos ambientes e a formação do jovem no Ensino Médio mediada pela memória e história da instituição objeto relevante de pesquisa.

Acreditamos que o ensino da Arte deve ser pensado tendo como premissa a formação dos jovens por meio de um pensamento crítico, reflexivo e autônomo. Partindo da concepção de que todos os ambientes podem ser analisados como espaços educativos, capazes de colaborar para a formação dos sujeitos, o conceito de ensinar somente em sala de aula formal se amplia e abre a possibilidade de utilização de outros possíveis espaços intraescolares para tal finalidade.

Nessa ótica, concordamos com Vigotski (2010, p. 77) quando diz que “[...] a educação só pode ser definida como ação planejada, racional, premeditada e consciente e como intervenção nos processos de crescimento natural do organismo”. Desta maneira, a investigação acerca da educação dos ambientes intraescolares como mediadores na formação dos jovens do Ensino Médio no ensino da Arte propõe uma reflexão da sua formação estética como premissa para uma transformação da sua realidade social.

Na perspectiva de analisar a formação do jovem no Ensino Médio a partir da mediação com as imagens da escola perpassadas pela história, pela memória e pelos espaços intraescolares, foi feito um levantamento buscando investigações na América Latina sobre a temática proposta. A partir de uma viagem à Colômbia em maio de 2013 para apresentação de um artigo, entramos em contato com a Rede Internacional do Conhecimento,¹⁰ composta por pesquisadores que têm como premissa fomentar pesquisas no contexto Latino-Americano. Por meio do acesso a essa rede de cientistas, conhecemos o professor Dr. Mehmet Necati Kutlu, diretor do Centro de Estudos Latino-Americanos¹¹ da Universidade de Ancara na Turquia, que nos convidou a fazer um intercâmbio acadêmico.

Essa experiência acadêmica teve como intuito analisar o cenário educacional turco, de forma específica a formação do jovem no Ensino Médio no contexto euroasiático.¹² Trata-se de uma investigação “inovadora”, visto que são poucos e incipientes os estudos que analisam o contexto educacional entre o Brasil e a Turquia. Pensamos que analisar outros contextos educacionais pode contribuir para a melhoria do nosso sistema educacional, proporcionando reflexões sobre novas metodologias, recursos educacionais, espaços escolares e formação dos jovens.

As reflexões decorrentes desse processo investigativo na Turquia como parte do intercâmbio acadêmico entre as Universidades de Ancara e a Universidade Federal do Espírito Santo foram apresentadas como parte do relatório para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES) e encontram-se nos apêndices desta dissertação, não sendo objeto de análise desta investigação, mas apontando para futuras pesquisas.

¹⁰A Rede Internacional do Conhecimento oferece ao pesquisador e ao leitor visitante a disponibilização da produção técnico-científica elaborada atualmente na América Latina por profissionais das várias áreas do conhecimento. Também informa, em nível mundial, as instituições de pesquisa que se propõem a investigar as relações entre a América Latina e o mundo em diversas áreas do conhecimento.

¹¹O Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Ancara é o primeiro Centro de investigações dos países Latino-Americanos localizado na Turquia e tem como objetivos a realização de pesquisas científicas sobre a América Latina, o apoio a pesquisadores dos países Latino-Americanos, a publicação dos resultados dessas investigações. O Centro também colabora com instituições acadêmicas, universidades, centros de pesquisas, embaixadas, consulados e outras organizações nacionais e especialmente internacionais relacionadas com a região.

¹²A Turquia é um país transcontinental tendo sua localização na Europa e na Ásia. É importante destacar que a investigação aconteceu em Ancara, cidade localizada no lado asiático, mas sofre grande influência socioeconômica e cultural europeia.

Esta pesquisa foi estruturada a partir de nossa trajetória, do percurso pelo ensino da Arte, pela formação dos jovens do Ensino Médio a partir das imagens da escola enleadas pela história, pela memória e pelos ambientes intraescolares. Não temos a pretensão de esgotar as temáticas, dadas as suas peculiaridades, mas proporcionar iluminações e análises a respeito da educação dos ambientes e a formação dos jovens mediada pela imagética escolar. Nessa perspectiva, tendo em vista a complexidade do estudo proposto e seus eixos de ligação, a pesquisa foi estruturada em quatro capítulos que contemplam os planos temáticos percorridos anteriormente.

No primeiro capítulo fizemos uma contextualização acerca do objeto de pesquisa no município de Cariacica no Estado do Espírito Santo, além de apresentar a metodologia e as questões teóricas com as quais dialogamos durante o processo investigativo.

No segundo capítulo investigamos questões ligadas à formação dos jovens e educação dos ambientes, dialogando com os estudos de Vigotski e com outros autores que se debruçaram sobre a temática.

No terceiro capítulo discutimos a História e Memória, a fotografia como fonte histórica na Contemporaneidade, o cultivo da memória escolar, o encontro anual da turma de 1972-1975, primeira turma formada pela instituição, e o sentimento de pertencimento à escola por meio das imagens escolares.

No quarto capítulo relatamos e refletimos sobre a intervenção na instituição escolar, a mediação artística na formação do jovem a partir da possibilidade de desconstrução e ressignificação das imagens em diálogo com as obras do arte-educador Marcelo Gandini. Analisamos os dados produzidos nas etapas do processo de investigação relacionados às imagens da escola como mediadoras na formação dos jovens do Ensino Médio em diálogo com a história, a memória e os espaços intraescolares.

Esta pesquisa compõe-se ainda pelas considerações finais e apêndices na tentativa de complementar nossa discussão.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

[...] na base da criação há sempre uma inadaptação da qual surgem necessidades, anseios e desejos.

L.S. Vigotski

Neste capítulo apresentaremos o contexto no qual esta pesquisa foi realizada, os questionamentos e as indagações que a impulsionaram, o espaço de pesquisa eleito para a investigação e a proposta de intervenção para a turma escolhida, além dos processos metodológicos.

Questões relacionadas às imagens da escola como mediadoras para a formação dos jovens sempre moveram nosso desejo de investigação. Entretanto, quando questões ligadas à história, memória e relacionadas aos ambientes intraescolares se amalgamaram, a inquietação ampliou-se agindo como mola propulsora do processo investigativo.

A temática é desafiadora, pois investigar a formação dos jovens a partir da ressignificação das imagens da escola requer uma rememoração do passado e uma ressignificação imagética que perpassa o contexto de cada estudante. Deste modo, entendemos que uma história é (re)construída a partir do outro e de seu repertório imagético, histórico e social.

Na perspectiva de imbricar a história individual de cada estudante com a história da escola, tivemos consciência das subjetividades implícitas e que o estudo poderia sofrer influências, mesmo que involuntárias. Recorrendo aos conceitos de Benjamin, Sarlo (2007, p. 49) comenta:

A rememoração do passado (que Benjamin propunha como a única perspectiva de uma história que não reificasse seu objeto) não é uma escolha, mas uma condição para o discurso, que não escapa da memória nem pode livrar-se das premissas impostas pela atualidade à enunciação. E, mais que uma libertação dos "fatos" coisificados, como Benjamin desejava, é uma ligação, provavelmente inevitável, do passado com a subjetividade que rememora no presente.

Em relação ao tempo passado, presente e seus diversos desdobramentos, Sarlo (2007, p. 49) faz um diálogo com Halbwachs e Svevo. Para o primeiro “O passado se distorce para introduzir-se coerência”. Já para Svevo “O presente dirige o

passado assim como um maestro, seus músicos”. Compreendemos que a história da escola é perpassada pelas décadas de sua existência e pelas experiências dos sujeitos que lá transitaram e ainda transitam. O passado constitui o tempo presente, resignificando-o em direção a um tempo futuro. Esses tempos são indissociáveis. Cada momento colabora e reverbera nas memórias dessa instituição e da comunidade escolar formando sua história.

Esse elo entre as imagens, memórias e história pode ser analisado a partir da arquitetura escolar na perspectiva de um programa educativo silencioso, o qual, por meio da sua materialidade, incorpora e reflete discursos através do tempo/espço, tecendo um emaranhado de relações entre a história e a memória das pessoas que habitam esse ambiente. Nesse contexto, faz-se necessário olhar o passado como parte integrante do presente por meio da memória coletiva, do sentimento de pertencimento dos alunos, das vivências, experiências e das marcas que os sujeitos deixaram nesse meio social.

Na tentativa de analisar a imbricada relação entre as memórias valorativas da escola por meio das materialidades dispostas desse ambiente escolar, o sentimento de pertencimento dos alunos no espaço educativo através da resignificação das imagens da escola, a educação nos ambientes intraescolares e a formação dos jovens do terceiro ano do Ensino Médio nos deparamos com a questão central da investigação: **Como as imagens da escola atuam como mediadoras do processo formativo dos jovens no ensino da Arte, em diálogo com a história, a memória e os ambientes intraescolares?**

A partir dessa questão central instigante, colocamo-nos num processo de reflexão e questionamentos que moveu o estudo. Dessa forma, outros questionamentos vieram à tona: a) Como a arquitetura escolar por meio da sua materialidade e da sua subjetividade pode atuar como programa formador dos jovens? b) Como (re)construir o passado através das memórias e histórias dos alunos e funcionários da escola? c) Como promover o senso de pertencimento dos alunos a partir de fotografias históricas da instituição escolar?

O estudo não tem a pretensão de responder às questões de forma objetiva e em tempo cronológico e histórico ocidental, visto que acreditamos que a história

constitui-se de forma cíclica. Tampouco não é nosso intuito tentar esgotar as indagações propostas, muito pelo contrário, a investigação tem a intenção de causar iluminações que poderão possibilitar reflexões e talvez outras inquietações, fazendo com que novas lacunas de possibilidades se abram e suscitem novas pesquisas.

Dessa forma, para a produção de dados, elegemos como espaço de pesquisa da investigação a Escola Estadual de Ensino Médio Hunney Everest Piovesan, que pertence à rede Estadual de Educação e localiza-se no Município de Cariacica, no Estado do Espírito Santo. O município de Cariacica faz parte da Região Metropolitana da Grande Vitória e possui uma população de 348.738 habitantes distribuídos nos seus 279, 859 km² de área, segundo dados oficiais do ano de 2013 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O município possui 27 escolas de Ensino Médio pertencentes à rede Estadual de Ensino, segundo levantamento do ano de 2013 da Secretaria de Estado da Educação (SEDU).

A escolha da escola para a realização do trabalho de campo ocorreu devido a algumas peculiaridades. A comunidade escolar já conhecia a nossa proposta de pesquisa e a nossa inserção na instituição de ensino aconteceu de forma acolhedora. A escola também se disponibilizou para dar o apoio institucional necessário à pesquisa. Em relação à arquitetura escolar, a unidade convive com um contexto específico que engloba três ambientes distintos convivendo no mesmo terreno: a escola antiga da década de 1970, as salas provisórias e a construção da escola nova.

Esses três espaços formadores dos sujeitos a partir da sua materialidade carregada das marcas desses indivíduos e em diálogo com a história e memória suscitam reflexões importantes em relação ao seu tempo/espço, cultivo da memória, senso de pertencimento e sua dimensão educativa na formação do jovem.

Deste modo, podemos perceber que a escola selecionada para o processo de investigação reúne as condições específicas para a produção de dados. A instituição colocou-se à disposição para esclarecer qualquer dúvida pertinente à pesquisa, bem como sinalizou a disponibilização de documentos, oferecendo todo o seu acervo documental e espaço físico para nos auxiliar com as questões pertinentes ao estudo proposto. A turma selecionada para a pesquisa seguiu os critérios metodológicos

ancorados na pesquisa colaborativa. Nessa perspectiva, o processo de escolha da turma envolveu os professores, além da equipe administrativa e pedagógica da escola.

A classe eleita para a investigação foi o 3º M 03¹³, do turno matutino, composta por 44 alunos com faixa etária entre 16 a 20 anos. No ano em que foi desenvolvida a pesquisa, a turma cursava o último ano do Ensino Médio. Esse ano representou um momento peculiar na história da educação estadual do Espírito Santo, visto que no início do ano de 2013 a Secretaria de Estado da Educação do Estado do Espírito Santo alterou a grade curricular, incorporando a disciplina Arte no currículo dos estudantes do terceiro ano do Ensino Médio.

É importante ressaltar que a educação formal básica poderá ser a última oportunidade que esses estudantes terão para vivenciar experiências estéticas que poderão transformar suas realidades e contribuir para um pensamento crítico da sociedade da qual fazem parte. Deste modo, a escolha da última etapa do segmento final do Ensino Médio teve a intencionalidade de fortalecer o vínculo estético, crítico e reflexivo dos jovens antes da entrada efetiva no mundo do trabalho ou no Ensino Superior.

Foram propostos momentos de intervenção com a turma nas aulas da professora de Arte. Entretanto, como as aulas de Arte eram apenas uma vez por semana, outros professores disponibilizaram suas aulas para a produção de dados. Desta maneira, a investigação teve início em abril de 2013, com a pesquisa exploratória, e de junho a outubro aconteceram momentos de intervenção com os alunos.

Nessa perspectiva, o estudo teve como objetivos:

- Analisar as imagens da escola como mediadoras na formação dos jovens do Ensino Médio no ensino da Arte, dialogando com a história, a memória e os ambientes intraescolares.
- Identificar a importância das mediações nos espaços intraescolares que se baseiam em suportes de materialidade e seus modos de atuação na formação do jovem por meio do cultivo da memória, das fontes histórico-

¹³3 M 03 corresponde a uma turma de terceiro ano do Ensino Médio do turno matutino da escola investigada.

documentais e do sentimento de pertencimento desses alunos na unidade escolar;

- (Re)construir a história da instituição escolar a partir dos fragmentos de história e memórias dos alunos e comunidade escolar;
- Propor uma intervenção artística em caráter colaborativo, utilizando fotografias antigas da escola na tentativa de promover uma ressignificação dessas imagens e uma reflexão crítica, analisando-se, dessa forma, a formação do jovem no terceiro ano do Ensino Médio.

2.1. METODOLOGIA

A emoção ou inquietação emerge cada vez que o equilíbrio com o meio é perturbado.

L.S. Vigotski

Quanto aos aspectos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa tendo como base as reflexões da corrente filosófica materialista histórico-dialética com os estudos de Vigotski (2010), partindo da concepção de que estamos inseridos num contexto local que faz um diálogo estreito com o meio social. Além disso, relaciona o conceito de experiência e memória coletiva dos outros sujeitos que engendram a realidade vivenciada. Esse cenário é constituído pelo contexto sócio-histórico-cultural e pelas marcas dos homens que habitaram esses ambientes, transformando suas realidades e sendo forjados pelos mesmos.

Diante dessa escolha tornou-se necessário compreender os conceitos de meio social, memória coletiva, mediação e cultivo da memória que permeiam essa discussão e se tornam vitais para o processo de entendimento e formação do jovem no contexto escolar. Sendo assim, Dessa forma, iniciamos esta pesquisa com o estudo do aporte teórico utilizado para compreender as concepções abordadas. Após esse entendimento, fez-se necessário o levantamento bibliográfico acerca das produções acadêmicas que tiveram como temática a educação dos ambientes, a formação do jovem e sua relação com o uso dos espaços intraescolares.

Inicialmente a pesquisa teve caráter exploratório, buscando conhecer a unidade escolar pesquisada, sua constituição histórica, seus espaços intraescolares e sua imagética, os sujeitos que transitam nesses espaços e que são formados por eles. Os espaços intraescolares foram analisados com o intuito de se problematizar o uso dos mesmos como espaços-ambiente planejados e com finalidades específicas. Para tanto, foram analisados os recursos inseridos nos ambientes, documentos da escola, projeto político pedagógico, diários de classe, fotografias e entrevistas com os profissionais da escola, com os alunos e os ex-alunos.

É importante ressaltar que para entender a constituição histórica dessa unidade de ensino, os sujeitos envolvidos nesse processo, tais como professores, serventes, pessoal administrativo, coordenadores, pedagogos, diretor escolar e a classe discente, foram instigados a refletir sobre o seu papel na comunidade. Foram feitas entrevistas com ex-alunos da unidade escolar e aplicação de questionários para os atuais alunos com o intuito de proporcionar uma reflexão acerca dos espaços que formam os sujeitos e são transformados por eles.

A partir dessas entrevistas, mergulhamos na história de cada sujeito e tentamos juntar os fragmentos das suas memórias para criar a escrita da história da instituição escolar. Nesse processo, nos aproximamos e depois exercitamos o distanciamento acadêmico necessário para refletirmos sobre o objeto do estudo. Sobre o processo reflexivo afirma Ibiapina (2008, p. 65):

[...] reflexão é o mergulho consciente no mundo da experiência e das inter-relações pessoais com o objetivo de desvelar valores, crenças, símbolos, relações afetivas, interesses pessoais e sociais construídos ao longo do percurso pessoal e profissional [...].

Acreditamos que por meio das entrevistas pudemos conhecer e refletir sobre as subjetividades dos alunos que frequentaram a escola na década de 1970, contribuindo para a (re)construção da sua história.

A escola foi inaugurada oficialmente em 26 de fevereiro de 1972, e a primeira turma que nela ingressou, após a inauguração, formou-se em 1975 e continua reunindo-se anualmente num baile de reencontro. Participamos dessa reunião anual e entrevistamos alunos dessa turma para nos aproximarmos da memória coletiva de sujeitos que foram formados pelos ambientes e que carregam essas experiências

capazes de reverberar ecos no presente como um passado “posto em ato”¹⁴, um passado que se sobrepõe ao presente, numa relação imbricada de memórias inseparáveis e coletivas.

Contudo, para que pudéssemos entrevistar esses ex-alunos, foi necessário formar laços de afeto e confiança para que as entrevistas pudessem refletir suas valorosas memórias e para que o processo de investigação pudesse reunir relatos com informações mais detalhadas a respeito do processo de ensino na década de 1970.

Concordamos que no processo de pesquisa a entrevista é um instrumento que exige “[...] mútua confiança e empatia para transformar o relato formal em diálogo e possibilitar que, além de se tornar mais autêntica, a fonte de informação propicie uma reflexão maior sobre o objeto de estudo” (CIAVATTA, 2009, p. 106).

Ciavatta (2009) também dialoga com Alberti (1989 apud Ciavatta, 2009, p. 106) sobre o teor documental das entrevistas. Nesse sentido, “[...] a entrevista adquire o caráter de documento, não como ciência factual, mas como história oral, uma ‘versão do passado’ na palavra do entrevistado e na interpretação do pesquisador”.

Por meio da história oral desses indivíduos, podemos ressignificar essas falas e transformá-las em análise. Concordamos que “[...] os relatos não são apenas narrativas cronológicas ou lineares, histórias objetivas ou versões subjetivas do passado [...]” (CIAVATTA, 2009, p. 51).

Ciavatta (2009) nos auxilia a entender o significado da História oral para a investigação. A autora esclarece que,

História oral é o termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variadas formas, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. Neste último caso, busca-se uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período de tempo (QUEIROZ, 1986 apud CIAVATTA, 2009, p. 107).

Após a identificação dos sujeitos da pesquisa, *corpus* documental e a exploração

¹⁴BREDARIOLLI, R. **O passado posto em ato**: da história do Festival de Inverno de Campos do Jordão, temas atuais para a formação de professores de artes. Palestra ministrada no miniauditório do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, realizada em Vitória, em maio de 2013.

dos ambientes sociais que atravessaram essa investigação, a segunda fase da pesquisa, teve um cunho colaborativo envolvendo vários atores do processo educacional. Segundo Ibiapina (2008, p. 37) “[...] a colaboração só se torna evidente em situações dialógicas, isto é, na interação entre os pares”. Sendo assim, as escolhas foram feitas de forma democrática e todos os participantes tiveram voz, compreendendo a pesquisa como um trabalho participativo e reflexivo. De acordo ainda com essa autora (2008, p. 55)

Os processos de pesquisa construídos colaborativamente oferecem um potencial que auxilia o pensamento teórico, fortalece a ação e abre novos caminhos para o desenvolvimento pessoal e profissional. Na pesquisa em educação, motivar a colaboração envolve também a reflexividade conjunta de conhecimentos, práticas e valores, trajetória em que os parceiros em momentos inter e intrasubjetivos interpretam o material que obtêm do mundo externo, transformando-o internamente.

Quando da pesquisa colaborativa com a turma de terceiro ano de Ensino Médio, os alunos foram motivados a exercitar sua reflexividade e diálogo com os outros participantes, visto que, em cada etapa da intervenção, as escolhas eram feitas de forma democrática, e todos os participantes estavam envolvidos no processo.

A investigação teve o intuito de analisar a formação de uma turma do Ensino Médio por meio da mediação das imagens escolares no ensino da Arte, enleadas pela história, pela memória e pelos ambientes intraescolares. Utilizamos fotografias como fonte documental da década de 1970, época da inauguração da escola, para traçarmos um panorama histórico e sua relação com o sentimento de pertencimento daquele espaço na atualidade.

Os alunos foram convidados a fazer interferências nessas imagens fotográficas, transformando-as de acordo com seu contexto sócio-histórico e artístico. Após essa intervenção imagética, a turma foi instigada a pensar num espaço para a exposição dos trabalhos.

Durante a fase de resignificação imagética contamos com a colaboração do arte-educador Marcelo Gandini. Já conhecíamos o trabalho de Gandini com Arte em papel fotográfico, mas foi numa oficina de fotografia que frequentamos no X Seminário Capixaba de Arte (2013) que nosso contato tornou-se intenso.

O trabalho artístico de Marcelo busca, por meio do desenho e de outras

intervenções em papel fotográfico, materializar suas intenções, suas motivações. A junção de técnicas artísticas deve-se ao fato de que em alguns momentos apenas a fotografia ou o desenho não consegue refletir a intencionalidade de uma pessoa. Dessa forma, faz-se necessário recorrer a outras possibilidades artísticas para finalizar um mesmo trabalho.

Essas técnicas artísticas em conjunto recorrendo para a produção de um trabalho envolvem a experimentação, o pensamento crítico e a colaboração. A partir do momento em que um aluno descobre que um determinado procedimento artístico pode ser melhor aplicado de outra forma, ele internaliza aquele conhecimento, faz uma reflexão crítica de como chegou àquele resultado e compartilha-o com seus pares.

Nessa perspectiva, o arte-educador participou da pesquisa colaborativa, pois “[...] colaborar significa criar novos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores essenciais para o entendimento compartilhado e para a efetivação das parcerias reflexivas” (IBIAPINA, 2008, p. 51).

Envolvido no processo de pesquisa, o arte-educador se disponibilizou a ceder o papel fotográfico e o revelador, utilizados nos momentos de intervenção imagética na escola. Ele também colaborou de forma conceitual para a ressignificação imagética, pois seu trabalho parte de uma imagem queimada para se transformar em material artístico ressignificado. Os alunos dialogaram com as obras do arte-educador para a ampliação do seu repertório artístico e cultural.

Nesse contexto, “o desenvolvimento de um trabalho colaborativo requer a criação de relações que incluam interesses pessoais e sociais comuns entre os partícipes, compondo uma densa teia de conexões interpessoal” (IBIAPINA, 2008, p. 36).

O espaço para a exposição dos trabalhos ao final do processo criativo foi escolhido de forma colaborativa e teve como premissa a relação com a arquitetura escolar, fazendo uma alusão aos espaços intraescolares e sua contribuição para a formação desse jovem. Esses objetos artísticos ressignificados foram analisados tentando buscar sua relação entre a experiência individual de cada aluno, sua produção artística e a relação dos espaços intraescolares como formadores do jovem no Ensino Médio.

Nesse processo coletivo de produção de conhecimento,

A colaboração é produzida por intermédio das interações estabelecidas entre as múltiplas competências de cada um dos partícipes, os professores, com o potencial de análise das práticas pedagógicas; e o pesquisador, com o potencial de formador e de organizador das etapas formais da pesquisa. A interação entre esses potenciais representa a qualidade da colaboração, quanto menor as relações de opressão e poder, maior o potencial colaborativo (IBIAPINA, 2008, p. 20).

Os sujeitos envolvidos na investigação concederam entrevistas, videogravações, fotografias e documentos, que posteriormente foram transcritos para a pesquisa. Para Ibiapina (2008, p. 22) o pesquisador “[...] deve ter o cuidado de dar voz e vez aos parceiros de quem ele solicitou a colaboração em todas as etapas da pesquisa [...]”. O diário de bordo também foi utilizado como ferramenta de memória e arquivo para análise e triangulação de dados.

Optamos por tratar os sujeitos da pesquisa pelos seus nomes, pois dentro do contexto de uma investigação acadêmica estamos respaldados legalmente com todas as autorizações necessárias de acordo com os dispositivos legais e por acreditarmos que as lembranças e concepções desses sujeitos que fizeram e fazem parte da história da escola são vitais para o desenvolvimento do senso de pertencimento nos alunos do terceiro ano do Ensino Médio e para a comunidade escolar.

Nessa ótica, escolhemos dar visibilidade à identidade e às vozes desses sujeitos, que direta ou indiretamente estiveram envolvidos no processo investigativo, pois entendemos que esses indivíduos “[...] têm uma vida, uma história e uma cultura” (RAMOS, 2004, p. 39) que se mesclam à história da instituição escolar, tornando-se indissociáveis.

A pesquisa se configurou em duas linhas de investigação conjuntas: uma no Brasil, no intuito de analisar as imagens da escola como mediadoras do processo formativo dos jovens em diálogo com a história, memória e ambientes intraescolares, e outra na Turquia, como parte de um intercâmbio acadêmico que investigou o contexto educativo dos jovens no Ensino Médio. “Esse intercâmbio de idéias, atividades e empreendimentos conjuntos pode ocorrer no interior das universidades ou entre programas de diferentes regiões do país, ou ainda entre grupos de diferentes

países” (ANDRÉ, 2007, p. 51).

André (2007) compartilha com as ideias de Gatti (2001 apud André 2007) em relação à cooperação entre as instituições. Para as autoras,

[...] temos que criar condições de promover conhecimentos interconectados, facilitando o acesso de professores e estudantes a outras áreas disciplinares, fora de sua especialidade específica; estabelecer intercomunicações entre áreas; facilitar caminhos para que se desenvolvam em métodos de análises interdisciplinares, promovendo seminários conjuntos, projetos de pesquisa interdisciplinares, colóquios; criando campos interdependentes de estudo ou outros mecanismos que alarguem as possibilidades de *insights* em conhecimentos que são, ao mesmo tempo, básicos em uma especialidade mas que necessitam de aportes de outros campos (GATTI, 2001a apud ANDRÉ, 2007, p.51).

Faz-se necessário ressaltar a parceria entre as instituições acadêmicas para a realização da investigação. Quando apenas um campo de conhecimento não pode alcançar a complexidade necessária, é importante a cooperação com finalidades em comum, o fomento do conhecimento e a troca de pesquisas acadêmicas para a melhoria da qualidade de ensino das instituições envolvidas.

Em relação às parcerias entre as instituições, compreendemos que,

A idéia de colaboração e negociação entre instituições interessadas no professor é um aspecto que parece sobressair-se. As práticas de colaboração mostram que instituições ou indivíduos se organizam para planejar e desenvolver programas em conjunto inclusive com envolvimento de setores do poder público [...] (FOERSTE, 2005, p. 89).

Entendemos que as parcerias entre as instituições de ensino e pesquisa no Brasil e no exterior são importantes para a troca e sistematização de conhecimentos entre essas instituições e para os países que a integram.

Colaborar com uma pesquisa inovadora que investiga a educação numa outra nação, em outro contexto sócio-histórico e cultural pode contribuir para que o pesquisador fique impregnado por aquele cenário educacional e colabore positivamente com a educação de seu país de origem, trazendo novas metodologias, avaliação, recursos utilizados, contribuindo com a melhoria do ensino e aprendizado.

Entretando, ainda hoje há uma barreira burocrática que impede o acesso à esse conhecimento por parte dos investigadores; não há fomento necessário para o nível de Mestrado e para o nível de Doutorado; são poucos os programas que contemplam tal iniciativa.

Por meio de parceria com a instituição de ensino brasileira buscamos (re)construir uma história a partir dos fragmentos de memórias de um grupo de indivíduos. Essa empreitada é desafiadora e instigante. A cada novo relato o quebra-cabeças da história da instituição escolar é montado.

Contudo, novas peças chegaram no momento da coleta de dados e nem sempre se encaixaram, pois fragmentos de memórias se mesclam ao contexto sócio-histórico de cada indivíduo, fazendo com que as experiências sejam vivenciadas de forma singular.

Segundo Sarlo (2007, p. 9),

O passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade).

A partir de entrevistas, questionários, processo de intervenção e outras fontes de pesquisa, tentamos organizar as memórias e subjetividades dos sujeitos que fizeram parte da construção da história da escola. Estamos cientes das discrepâncias entre as várias lembranças, pois envolvem momentos únicos perpassados por suas experiências.

Em diálogo com a metodologia colaborativa, buscamos reorganizar os fragmentos de lembranças e reconstituir a história escolar da instituição pesquisada, analisando a formação do jovem a partir das imagens da escola em diálogo com a história, memória e ambientes intraescolares.

2.2. PESQUISAS E ESTUDOS EM DIÁLOGO

*[...] tudo no homem pode ser educado e reeducado
sob uma correspondente interferência social.*

L.S. Vigotski

Na perspectiva de analisar a construção do conhecimento dos jovens a partir da mediação com a imagética escolar, problematizando a imbricada relação entre as memórias valorativas da escola, o senso de pertencimento, a ressignificação das imagens escolares e a educação nos ambientes, buscamos eleger alguns pesquisadores, cujos estudos iluminaram esta pesquisa.

Vigotski nos auxiliou a compreender o conceito de mediação, experiência, meio social e reeducação a partir da apropriação do repertório sócio-histórico e cultural que o ambiente nos favorece. Entre as obras desse pensador que nos trouxeram valiosa contribuição para nossa pesquisa podemos citar “A construção do pensamento e da linguagem” (2009), “Psicologia pedagógica” (2010), “A imaginação e criação na Infância: ensaio psicológico: livro para professores” (2009), “A Formação Social da Mente” (2007), além de outras.

Em Halbwachs foi possível analisar o conceito de experiência e memória coletiva. O autor, que pertence à escola de Émile Durkheim, nos brinda com a obra “A memória Coletiva” (2006), sobre a qual podemos acerca de questões pertinentes à memória coletiva na sociedade. Para o autor, estamos inseridos num contexto local, nacional e internacional, e por mais que nossas memórias possam parecer individuais, elas estão interconectadas a uma rede de indivíduos que convivem nessa sociedade e nesse contexto sócio-histórico.

Com Ciavatta e Schütz-Foerste pudemos compreender o conceito de mediação, ressignificação das imagens, imagem como fonte histórica e sua dimensão educativa. Fizemos um diálogo com as ideias de Ciavatta nas obras: “O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica” (Rio de Janeiro, 1900-1930) (2002), “A Leitura de imagens na pesquisa social: história, educação e comunicação” (2008) e “Mediações históricas de trabalho e educação: gênese e disputas na formação dos trabalhadores” (2009). Schütz-Foerste nos auxiliou com uma contribuição no campo da compreensão da materialidade imagética dos ambientes e

sua apropriação com a obra: “Leitura de Imagens: um desafio à educação contemporânea” (2004).

Questões pertinentes à educação dos ambientes e sua correlação entre a arquitetura escolar, a organização do espaço escolar e sua contribuição para a formação de um sujeito crítico e reflexivo foram problematizadas a partir dos estudos de Buffa, Almeida, Frago e Escolano. Em Buffa e Almeida, dialogamos com as obras “Arquitetura e Educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos Paulistas 1893/1971” (2002) e “Arquitetura e educação: câmpus universitários brasileiros” (2009). Por sua vez, Frago e Escolano trouxeram grande contribuição teórica com a obra “Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa” (2001). Neste contexto ressaltamos a necessidade de apresentarmos as pesquisas que tratam dos conceitos e das temáticas.

2.2.1 Diálogos com a Revisão de Literatura

Na tentativa de ampliar e consolidar as discussões acerca da educação nos ambientes intraescolares, as imagens da escola no processo formativo do jovem no ensino da Arte, mediação, história e memória, analisamos estudos anteriores que investigaram a temática analisada.

Para tanto, foram mapeados estudos nos bancos de dados do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE), entre os anos de 2006 a 2013; no banco digital de teses da Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (CAPES), entre os anos de 2003 a 2012; no acervo digital da Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo; no sítio eletrônico do Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil (CONFAEB), nos anos de 2006, 2008, 2010, 2011 e 2012; no site da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), no período de 2007 a 2012; no acervo digital da Associação Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em Educação (ANPED), no período de 2006 a 2012; e no banco digital de dissertações e teses da Universidade de São Paulo.

O levantamento bibliográfico foi feito preferencialmente utilizando os dados obtidos

em bases digitais. A pesquisa nos diversos bancos de dados de instituições a respeito da temática proposta demonstrou que a literatura existente sobre a temática Educação nos ambientes e a formação do jovem mediada por objetos artísticos encontra-se em fase embrionária, com poucos estudos.

Importante ressaltar a importância de alguns trabalhos encontrados no banco de dados digitais do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, que colaboraram com nossa pesquisa de forma singular. Nesse contexto, destacamos os estudos de Priscila de Souza Chisté (2007), Adriana Magro (2010), Andrea Brandão Locatelli (2012), Maria Angélica Vago Soares (2012), Letícia Queiroz de Carvalho (2012) e Thalyta Botelho Monteiro (2013).

Nessa perspectiva, a dissertação de mestrado “O Processo Catártico no Ensino da Arte: uma parceria entre escola e espaço expositivo”, de Priscila de Souza Chisté (2007), foi de grande relevância para nossa investigação. Essa pesquisa colaborou com o nosso estudo, pois refletiu sobre o papel do espaço expositivo como instituição informal de ensino em parceria com a escola no processo do ensino da Arte. Teve uma importante contribuição em relação à experiência catártica do jovem no Ensino Fundamental.

Para a pesquisadora Priscila de Souza Chisté, o processo catártico contribui para que o aluno amplie sua visão de mundo e possa repensar seu cotidiano, enquanto se apropria da linguagem artística. Esse processo se desenvolve de forma diferenciada em cada aluno, de acordo com sua experiência, e pode reverberar por toda a vida desse sujeito. Sobre o papel da escola nesse processo, concordamos com Chisté (2007, p. 74) quando afirma que “[...] o processo catártico, provocado por uma obra de arte, pode e deve ser proporcionado dentro do trabalho educativo”.

Dessa forma, os dois ambientes devem ser espaços educativos capazes de proporcionar experiências estéticas que possibilitem ao aluno transformar sua realidade por meio da tomada de consciência que a Arte possa possibilitar. Escola e museu devem estar em parceria para que o processo catártico possa se efetivar através da subjetivação desse aluno.

Outro estudo que proporcionou reflexões para nossa investigação foi a tese “A Significação do Espaço Escolar”, de Adriana Magro (2010) do PPGE/UFES, na qual

podemos perceber um diálogo entre os espaços intraescolares e sua significação. O espaço escolar é visto como um elemento constituinte desse sujeito aluno, que é formado por esse meio social e ao mesmo tempo pode transformar esse ambiente. Dessa forma, os ambientes intraescolares carregam nossas marcas, nossas vivências e nossas experiências.

Magro (2010, p. 12) afirma que

Entendemos o espaço escolar como um espaço de significação composto não somente por uma estrutura física e arquitetônica, ou das legislações que o normatizam, mas de práticas cotidianas que o engendram, o articulam e o constituem assim como aos sujeitos que ali transitam.

O estudo faz uma reflexão a respeito da preocupação com a visualidade dos espaços para a formação do aluno e as interações e significações do espaço escolar. Também evidencia as marcas dos sujeitos nesses espaços destacando o potencial formador desses ambientes.

Ainda para a autora,

O espaço torna-se ambiente de passagem, um momento de vida e também um espaço de pensamento. Falamos do espaço das coisas e do espaço entre as coisas, as cores, o chão, as paredes, dão sentimento de ordem que atua também como elemento contagiante. Quando mantido, pouco-a-pouco ele contagia todos os participantes, levando-os vivenciarem, a introjetarem esses valores. Quando o espaço escolar está “preenchido” de “pessoalidades”, que são as marcas deixadas pelos sujeitos nas paredes, portas, pilares e em todos os lugares, ele também educa (MAGRO, 2010, p. 160).

Nas duas investigações, temos reflexões importantes a respeito dos espaços educacionais. No primeiro estudo podemos perceber uma ênfase nos espaços informais de ensino em parceria com a escola e no segundo trabalho temos a significação dos espaços escolares como forma de constituição do ser social, um sujeito que se forma e tem a possibilidade de transformar a realidade em que habita e/ou transita. Isso nos faz pensar que tanto o espaço informal quanto o espaço formal de ensino contribuem para a constituição sócio-histórica e cultural do aluno. Os alunos devem ter a oportunidade de vivenciar experiências em ambos os meios sociais, em complemento à sua formação como um cidadão autônomo e crítico.

A tese “Espaços e Tempos de Grupos Escolares Capixabas na Cena Republicana do

Início do Século XX: arquitetura, memórias e história”, de Andrea Brandão Locatelli (2012), investiga a arquitetura dos grupos escolares no Espírito Santo tendo a inspiração do projeto arquitetônico dos Grupos Escolares de São Paulo. Este estudo é importante, pois trata da relação da arquitetura escolar como um programa de ensino em consonância com as ideias pedagógicas, tentando compreender as relações de espaço e dimensão estética e educativa que compõem a arquitetura escolar.

Fizemos um diálogo entre a tese acima e o nosso estudo na perspectiva de entendermos que a materialidade da escola não está apenas no seu valor arquitetônico, mas nas relações subjetivas entre as pessoas que participam desse ambiente social e constroem a história da instituição escolar. Concordamos que “Todos os edifícios são caracterizados por uma pluralidade de valores: econômicos, sociais, técnicos, funcionais, artísticos, espaciais e decorativos [...]” (ZEVI, 1978 apud LOCATELLI, 2012 p. 49).

Gostaríamos de evidenciar especialmente a dissertação de mestrado “Produções Artístico-Culturais do Município de Serra: diálogos com o ensino da arte na infância” de Maria Angélica Vago Soares (2012), que nos brinda com a análise sobre a construção imagético-discursiva infantil em diálogo com produções artísticas do município de Serra. A autora faz um percurso que envolve os conceitos de mediação e experiência, analisando as intervenções nos espaços escolares a partir do entendimento da criança como protagonista do seu ambiente social.

Em relação à singularidade das experiências vivenciadas nos espaços escolares, a mediação com o ambiente social e a memória desses momentos como possibilidade de formação dos indivíduos, concordamos com Soares (2010, p. 49):

Os encontros, nos espaços que freqüentamos, com o outro ou com os elementos diversos, podem ser experiências significativas. Na vida, há momentos de diferentes experimentações que aguçam de forma tão potente os sentidos, que ficam impressos em nossas memórias por muito tempo e até por toda a vida [...].

A dissertação acima nos faz perceber que as relações vividas na escola reverberam por toda a vida do indivíduo. A imagética presente na instituição escolar irá contribuir para a formação de um ser sócio-histórico e protagonista de sua realidade social.

Nesse contexto educacional “É importante perceber que o espaço escolar é vivido por indivíduos [...] que se inter-relacionam, que produzem e reproduzem encontros [...]” (SOARES, 2012 p. 27). Dessa forma, o espaço escolar contribui para a formação dos jovens por meio das diversas experiências vividas e pela possibilidade do jovem ser protagonista da sua transformação social.

No que tange à educação em espaços não formais de ensino, podemos destacar a tese de Letícia Queiroz de Carvalho “A Leitura Literária em Espaços Não Escolares e a Universidade: diálogos possíveis para novas questões na formação de professores”, que corrobora com as ideias de CHISTÉ (2007) ao afirmar que o ensino consiste na formação de um sujeito autônomo, reflexivo e crítico com ênfase em espaços educativos formais e informais.

Segundo Carvalho (2012, p. 108),

A educação com espaço de trocas precisa ser pensada como questão essencial para o trabalho com a arte, a leitura, a ciência, enfim, para o trabalho com o outro, o nosso interlocutor, independente do contexto em que essa prática se realize.

A autora aponta a potencialidade da escola como espaço de convivência democrática, de apropriação de conhecimento de grupos que circundam a mesma, de possibilidades de conexões entre esses sujeitos, de trocas de experiências e vivências, de parcerias em prol de um ensino em consonância com as ideias de democracia e autonomia do indivíduo. Os espaços devem possibilitar a troca de conhecimento e não cercear a apropriação deste limitando-o a um grupo seletivo de sujeitos. Para Carvalho (2012, p. 12),

A dimensão social educativa manifesta-se, sobretudo, pela abertura das escolas às diversas realidades que a circundam e que se constituem também em espaços educativos nos quais a prática pedagógica estabelece importantes conexões para o desenvolvimento de uma educação mais democrática.

Dialogamos com a dissertação de mestrado “Cinema de Animação no Ensino de Arte: a experiência e a narrativa na formação da criança em contexto campestre”, de Thalyta Botelho Monteiro (2013), nas questões ligadas à experiência, vivência, imaginação, criação e memória.

Concordamos com essa pesquisadora quando ela afirma que “[...] tanto experiência quanto vivência são sedimentadas pela memória, e o excesso das informações faz com que optemos por uma ou outra lembrança que se estabelece na vida” (MONTEIRO, 2013, p. 87). Na perspectiva de refletir sobre o conceito de mediação, a autora acrescenta que, “[...] experiência, criação e imaginação na infância são situações que se manifestam diariamente na criança, desde que seja mediada e incentivada a ampliar seu repertório” (MONTEIRO, 2013, p. 162).

Em todas as discussões podemos identificar como uma constante o caráter de formação do aluno, a importância do meio social como elemento mediador na formação de novos vínculos e apropriação do conhecimento. Além disso, observamos o estudante como um ser social, cultural e historicamente constituído pelo ambiente em que vive e que tem a possibilidade de se apropriar de elementos desse meio para sua constante formação. Entendemos esse indivíduo como um sujeito inacabado, que tem a possibilidade de transformar e ser transformado pelo seu ambiente social por meio da sua experiência vivenciada, pelas marcas e memórias.

No banco de dados da Capes, foram encontrados alguns estudos que dialogaram com a temática estudada. Na investigação “Políticas para o Ensino Médio no Brasil: perspectivas para a universalização”, das autoras Savana Diniz Gomes Melo e Adriana Duarte, pudemos observar um panorama do Ensino Médio no Brasil a partir de 2007, analisando o contexto e as contradições na política educacional para a implantação desse nível de ensino. Esses estudos trouxeram contribuições para nossa pesquisa, pois tratam de questões ligadas às políticas públicas dos Estados para o Ensino Médio e que estão diretamente ligadas a todo o sistema escolar, sobretudo à políticas para a formação dos jovens, tema da nossa investigação.

No estudo “Experiência Escolar de Jovens/Alunos do Ensino Médio: os sentidos atribuídos à escola e aos estudos”, de Rosemeire Reis, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Alagoas, pudemos refletir sobre a experiência escolar de um grupo de jovens do Ensino Médio, a apropriação dos saberes e a formação desses indivíduos no âmbito escolar. Este trabalho nos levou a pensar os sentidos que estes jovens atribuem à escola e sobre o senso de pertencimentos desses alunos à instituição, o que contribuiu para o nosso estudo, tendo em vista a

aproximação com a nossa temática.

Também analisamos os anais do Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil (CONFAEB)¹⁵, que nos revelou importantes contribuições para a investigação. Já o artigo “A Fotografia como Ferramenta Pedagógica na Terceira Idade”, de João Batista Lemos dos Santos Júnior, da Universidade Federal de Goiás – UFG/FAV, trata da educação informal de pessoas da terceira idade com resgate da memória desses indivíduos mediada pela fotografia.

Este estudo reforça a contribuição da formação do sujeito a partir do resgate da história e memória através de mediação com objetos fotográficos. Nosso estudo estebelece um diálogo com essa temática ao analisar as imagens da escola como mediadoras na formação dos jovens no ensino da Arte em diálogo com a história, memória e ambientes intraescolares.

No estudo “A Identidade do Olhar: os usos da fotografia na construção das memórias sociais”, de Lorena Best Urday, do Programa de Pós-Graduação em Memória Social -UNIRIO, podemos vislumbrar a construção de memórias coletivas a partir dos usos da fotografia nos espaços formais e informais de ensino.

O artigo “O Olhar Construído na Escola – identidade, diferença, autonomia e reconhecimento”, de Marisa Cobbe Maass, da Universidade de Brasília, discute a educação do olhar com a perspectiva de formação de um “olhar crítico”.

A contribuição desse artigo para a nossa investigação está pautada na criticidade do aluno em relação ao seu contexto escolar. Por meio desses estudos, podemos pensar que a formação do jovem a partir das imagens da escola no ensino da Arte e seu diálogo com a história, memória e ambientes intraescolares pode possibilitar sua autonomia, reflexão e olhar crítico, atributos capazes para a inserção desse indivíduo numa sociedade crítica e reflexiva.

Fizemos uma análise nos anais da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (Anpap) e encontramos alguns trabalhos que nos trouxeram contribuições importantes. O estudo “A Disciplina de Arte nas Escolas de Ensino Médio da Região

¹⁵Dados do CONFAEB. Disponível em: <<http://projetos.extras.ufg.br/confaeb20anos/>>. Acesso em: 2 nov. 2013.

Metropolitana de Porto Alegre qualifica a formação cultural dos jovens?”, de Celso Vitelli, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, problematiza a formação cultural dos jovens diante da profusão de imagens e discursos, levando em conta especificamente um estudo concentrado na disciplina de Arte no Ensino Médio.

Em diálogo com a tese apresentada anteriormente pela pesquisadora Adriana Magro, o artigo “Inter Relações entre o Espaço Escolar e a Arte” da mesma autora, analisa o espaço escolar e seus modos de significação. A nossa investigação aproxima-se desse estudo ao analisar os espaços intraescolares e sua imagética na formação do jovem na perspectiva de que os espaços atuam na formação desses sujeitos a partir da sua imagética e significação.

Encontramos no banco de teses e dissertações da Universidade de São Paulo uma investigação que trouxe significativas contribuições para nossa pesquisa. A tese “XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão: variações sobre temas de ensino da arte”, da pesquisadora Rita Luciana Berti Bredariolli, trata da concepção do ensino da Arte narrada por pessoas que participaram da edição de 1983 do Festival de Inverno de Campos do Jordão. Esse estudo é entrelaçado pelas fontes históricas e memória desses participantes.

Segundo Bredariolli (2009, p. 12),

Escrevemos essa história como uma “ficção”, uma produção de sentidos, aptos a gerar muitos e muitos outros por sua leitura. Seguindo essa aceção, incorporamos a esta escrita, a imaginação, o esquecimento, as incoerências, as contradições, a inconstância, pontos de vista, os “atos falhos, torneios de estilo, silêncios”, próprios do movimento mnemônico.

Os estudos de Bredariolli trouxeram grande contribuição para nossa investigação ao evidenciar a importância do resgate da história, memória e senso de pertencimento por meio do ensino da Arte. A concepção de passado “posto em ato”, o qual a autora entende que o tempo passado pode agir no presente para uma ressignificação do futuro, constitui-se num conceito importante e que dialoga com a nossa pesquisa. As fontes históricas e os relatos dos participantes do Festival de Inverno de Campos do Jordão serviram de base para a construção da sua tese.

No nosso estudo, também fizemos um diálogo com os documentos históricos da escola e as entrevistas dos diversos atores da pesquisa com o propósito de

(re)construir a história da escola pesquisada por meio do senso de pertencimento dos alunos à instituição, perpassadas pelas imagens da escola.

Todos esses estudos nos auxiliaram no entendimento e na apropriação dos conceitos pertinentes à nossa investigação. Compreendemos as categorias imagens da escola, mediação, processo formativo dos jovens, história, memória e ambientes intraescolares a partir desses estudos, dos referenciais teóricos, e consideramos que estas contribuições estão refletidas na nossa investigação. Desse modo, construímos esta pesquisa analisando as imagens escolares como mediadoras na formação dos jovens no ensino da Arte em diálogo com a história, memória e ambientes intraescolares.

Diante dessas ideias, no próximo capítulo aprofundaremos questões relacionadas à Educação dos ambientes e a formação dos jovens, em diálogo com os estudos de Vigotski, Ciavatta, Schütz-Foerste, Frago e Escolano, entre outros.

3. A EDUCAÇÃO NOS AMBIENTES E A FORMAÇÃO DOS JOVENS

*Quanto mais rica a experiência da pessoa,
mais material está disponível para a imaginação dela.*

L.S. Vigotski

Na sociedade atual, o papel da arquitetura como fator condicionante do comportamento humano ganha cada vez mais destaque. Ambientes planejados são cada vez mais utilizados em todos os contextos sociais, culturais e econômicos, ou seja, em todas as atividades humanas. Esses ambientes/espços¹⁶ com a arquitetura cuidadosamente elaborada muitas vezes têm a possibilidade de reelaborar/reeducar comportamentos, já que o homem, sendo um sujeito social e historicamente constituído, possui uma adaptabilidade a diversas situações. A imagem está inserida nesse contexto por meio da arquitetura desses ambientes, contribuindo para a formação dos esquemas cognitivos dos indivíduos que transitam nesses espaços.

A sociedade atual caracteriza-se pelo dinamismo do tempo, do espaço, pelo consumismo exacerbado, pela liquidez das relações e pelo uso exagerado das imagens. Para Baumam (1998, p. 92), “[...] a modernidade é a impossibilidade de permanecer fixo”. Essa modernidade líquida e o bombardeio de milhares de imagens diariamente podem comprometer nosso senso crítico e reflexivo. Quando estamos sujeitos ao bombardeio imagético, podemos perder a possibilidade de pensar criticamente, na medida em que a quantidade toma lugar da qualidade dessas imagens. Não conseguimos mais filtrar as informações, apenas absorvê-las.

Jameson (2006, p. 135) acredita que “[...] a reflexividade como tal se submerge na pura superabundância de imagens como em um novo elemento no qual respiramos como se fosse natural”. Nesse sentido, entendemos a importância da reflexão sobre as imagens como mediadoras na formação dos jovens no ensino da Arte em diálogo com a história, memória e ambientes intraescolares. Acreditamos que a partir da

¹⁶Optamos por utilizar a denominação ambientes/espços e espços-ambiente para caracterizar os diversos meios sociais potencialmente educativos. Ora podemos encontrar a palavra ambiente, ora a palavra espços, porém com a mesma intencionalidade. As nomenclaturas espço/ambiente e espços-ambiente fazem alusão a espços cuidadosamente elaborados e com finalidades educativas específicas.

ressignificação dessas imagens da escola, enleadas pelo cultivo da memória coletiva e pelo senso de pertencimento dos alunos à instituição escolar, o senso crítico dos alunos pode ser aguçado e colaborar para a formação de sujeitos autônomos e reflexivos.

Ambientes devidamente projetados e com finalidades direcionadas a um público específico são comuns em todos os setores da vida humana. Fábricas, restaurantes, bibliotecas, estádios de futebol, cinemas, museus e galerias de Arte são exemplos da aplicação dos elementos constituintes do meio social como fator de mudança e adaptação do comportamento social e cultural do homem. No cenário educacional, os espaços-ambiente são cada vez mais utilizados como recurso favorável na formação do comportamento dos sujeitos que deles se utilizam e na construção do conhecimento a partir desse novo olhar sobre a estética vinculada à arquitetura.

Tradicionalmente, a escola ocupa uma posição singular como ambiente formal de ensino, tendo a vocação de se constituir como ambiente privilegiado na apropriação do conhecimento dos alunos. Apesar das diferenças internacionais e regionais, esse espaço formal educacional possui elementos arquitetônicos com algumas características comuns. Entre elas podemos citar: salas de aula com quadro negro ou branco, laboratório de informática, biblioteca, refeitório, ginásio poliesportivo, banheiros, sala dos professores, sala da coordenação, sala da direção, secretaria escolar, estacionamento e pátio escolar.

Todos esses ambientes podem ser utilizados pelas diversas disciplinas com o intuito de favorecer um ensino-aprendizado do mais alto nível, potencializando todos os espaços possíveis. A escola como estabelecimento formal de ensino se caracteriza como uma instituição hierarquizada, vinculada à secretaria de educação do município ou Estado a qual pertença e segue a legislação educacional em vigor. Essa legislação pode prever critérios para a construção desses espaços, bem como sua utilização pela comunidade escolar.

Além da instituição formal de ensino, podemos encontrar outros espaços com vocação educativa. Esses espaços-ambiente informais de ensino se caracterizam por oferecer programas de educação vinculados a projetos específicos e/ou temporários. Essas instituições podem estar vinculadas a órgãos de fomento a

cultura e amparadas por leis de incentivo fiscal.¹⁷

Entre os diversos espaços informais de ensino, podemos destacar os museus, as galerias de Arte e outros espaços expositivos. “Quando se expõe os alunos a obras de arte no original, essas desafiam seu poder de observação e oferecem conhecimento que os habilita para esforços criativos posteriores” (OTT, 2008, p. 123). Nesses ambientes os alunos têm a possibilidade de entrar em contato com obras de arte, contribuindo para a formação de seu senso estético e a valorização da cultura.

É importante salientar que a educação formal pode ser complementada pela educação informal no intuito de proporcionar aos alunos um aprendizado de excelência, abarcando vivências e experiências que no ambiente formal não seriam possíveis, devido à sua limitação espacial, expositiva e institucional, entre outras. Entretanto, neste estudo, buscamos evidenciar a importância dos ambientes intraescolares formais como espaços mediadores para a formação dos jovens. Para tanto, elegemos alguns autores que dialogam com a temática e que puderam balizar essa investigação.

A educação dos ambientes, a arquitetura escolar e sua imagética, a memória e história da instituição de ensino narradas pelos diversos atores ao longo da sua trajetória temporal são questões que permeiam este estudo. Dessa forma, apresentamos a seguir os conceitos de educação e estética dos espaços escolares e a formação do jovem em diálogo com os estudos de Vigotski.

3.1. A EDUCAÇÃO DOS AMBIENTES EM LEV S. VIGOTSKI

Tanto o sentimento quanto o pensamento movem a criação humana.

L.S. Vigotski

O comportamento humano necessita de condições biológicas e sociais para o seu desenvolvimento. Como sujeito sócio-histórico, o homem se apropria dos elementos

¹⁷Um dos exemplos de Lei de incentivo Fiscal é a Lei Municipal 3.730 ou Lei Rubem Braga, que oferece incentivo fiscal às empresas estabelecidas em Vitória, Espírito Santo – Brasil, que financiam projetos culturais selecionados por sua Comissão Normativa.

constituintes do meio social para se reeducar e transformar sua condição social, e a estrutura desses locais pode determinar o grau de desenvolvimento desse indivíduo.

Segundo Vigotski (2010), a reeducação consiste na elaboração e incorporação de novos vínculos, a fixação de novas habilidades a um sistema comportamental previamente constituído. Sendo assim, em algumas instituições formais de ensino podemos encontrar ambientes propícios, planejados para estimular a construção do conhecimento nos sujeitos que lá estudam por meio da arquitetura, do mobiliário e dos recursos tecnológicos instalados nesses espaços. O papel do professor é vital nesse processo, pois ele atua como mediador na construção do conhecimento dos alunos, podendo potencializar esses espaços. Vigotski (2010, p. 65) esclarece que “[...] o meio social é a verdadeira alavanca do processo educacional, e todo o papel do mestre consiste em direcionar essa alavanca”.

A escola como meio social deve levar em consideração a experiência individual de cada educando, e a partir dessas experiências o professor poderá articular outras relações complexas. Vigotski (2010, p. 72) compreende que “[...] em relação ao meio, o homem sempre usa a experiência social”.

Todos os sujeitos envolvidos nessa imbricada teia de relações devem possuir um papel importante e ativo nesse contexto educacional. Segundo Vigotski (2010, p. 64),

[...] a passividade do aluno como subestimação da sua experiência pessoal é o maior pecado do ponto de vista científico, uma vez que toma como fundamento o falso preceito de que o mestre é tudo, e o aluno nada. Ao contrário, o ponto de vista psicológico exige reconhecer que, no processo educacional, a experiência pessoal do aluno é tudo.

Diversos fatores podem influenciar ativamente a construção do conhecimento dos sujeitos envolvidos no processo educacional. Nesse sentido, tanto professor como aluno têm um caráter ativo no meio educativo. Para Vigotski (2010, p. 70),

O que menos se deve é imaginar o processo educativo como unilateralmente ativo e atribuir todo o caráter ativo ao meio, reduzindo a nada o caráter ativo do próprio aluno, do mestre e de tudo o que está em contato com a educação. Na educação, ao contrário, não existe nada de passivo, de inativo. Até as coisas mortas, quando se incorporam ao círculo da educação, quando se lhes atribui papel educativo, adquirem caráter ativo e se tornam participantes ativos desse processo.

Assim, a construção do conhecimento em ambientes informais de ensino como museus e galerias de arte a partir da mediação dos objetos artísticos deve acontecer de forma dinâmica e dialógica. O espaço educativo, os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizado e todos os elementos do meio social interagem entre si de forma ativa. Ainda de acordo com Vigotski (2010, p. 342),

Uma obra de arte vivenciada pode efetivamente ampliar a nossa concepção de algum campo de fenômenos, levar-nos a ver esse campo com novos olhos, a generalizar e unificar fatos amiúde inteiramente dispersos. É que, como qualquer vivência intensa, a vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores e, evidentemente, nunca passa sem deixar vestígios para o nosso comportamento [...].

A apropriação do conhecimento e a mediação com o ambiente social estão em profunda consonância. Afirma Vigotski que (2010, p. 71) “[...] o meio não é algo absoluto, exterior ao homem. Não se consegue nem sequer definir onde terminam as influências do meio e começam as influências do próprio corpo”. O ambiente social está em constante transformação, a sua dinâmica consiste em tecer novas e complexas relações com todos os elementos que o constituem. Este cenário dinâmico pode colaborar para a apropriação de novos conceitos e saberes.

Nesse contexto, o meio social pode agir como um fator de mudança comportamental, de elemento educativo. Nesse sentido, Vigotski (2010, p. 65) esclarece que “[...] educar significa, antes de mais nada, estabelecer novas reações, elaborar novas formas de comportamento”.

Sobre a dinâmica do meio social, o autor ressalta:

Mas o meio também não é algo de absolutamente estagnado, rígido e imutável. Ao contrário, na realidade fatural não existe meio indiviso. Ele se subdivide em uma série de segmentos mais ou menos independentes e isolados entre si, que, como algo diferente, podem ser objeto de uma ação racional do homem. Em suma, para o homem o meio é o meio social, porque onde este atua até mesmo como meio natural são patentes, apesar de tudo, momentos sociais determinantes em relação ao homem (VIGOTSKI, 2010, p. 72).

A adaptação ao meio ambiente deve levar em consideração a relevância do aspecto social, a possibilidade de flexibilização do meio e sua dinâmica. O meio social não é estático, está em constante mudança com o intuito de propiciar uma melhor inserção do indivíduo ao ambiente e conseqüentemente sua melhor apropriação dos

elementos desse meio. O sujeito constitui-se como parte integrante desse ambiente, entretanto essa tarefa propõe desafios. Vigotski comenta:

O meio social contém uma infinidade dos mais diversos aspectos e elementos. Esses elementos estão sempre na mais violenta contradição e luta entre si, e todo o meio deve ser entendido não como um sistema estático, primordial e estável de elementos, mas como um processo dinâmico em desenvolvimento dialético (VIGOTSKI, 2010, p. 278).

Como o processo de adaptabilidade ao meio social se caracteriza por uma constante luta de contradições, a educação possui um importante papel na orientação do caráter e formação das atitudes do indivíduo frente a esse cenário mutante. Nessa fase de adaptação aos elementos do meio, o indivíduo pode ter reações diversas, e é o papel da orientação que irá contribuir para determinar seu grau de adaptabilidade.

O papel do professor nesse contexto de divergências internas e externas é primordial, pois conforme Vigotski (2010, p.76) “[...] a educação é definida como adaptação da experiência hereditária a certo meio social”. Ainda sobre o papel do mestre no cenário educativo o mesmo autor afirma que:

[...] no processo de educação também cabe ao mestre um papel ativo: o de cortar, talhar e esculpir os elementos do meio, combiná-los pelos mais variados modos para que eles realizem a tarefa de que ele, o mestre necessita. Deste modo, o processo educativo já se torna trilateralmente ativo: é ativo o aluno, é ativo o mestre, é ativo o meio criado entre eles (VIGOTSKI, 2010, p. 73).

Além dos elementos constitutivos do meio, da sua dinâmica em busca da melhor adaptabilidade e do papel ativo de todos os sujeitos envolvidos nesse processo educativo, Vigotski (2010, p. 78) nos chama a atenção para o caráter emocional e sua contribuição para a apropriação do conhecimento nos sujeitos: “[...] o comportamento é uma forma superior de adaptação ao meio [...]” e esse processo de adaptação pode acontecer devido a uma série de complexas inter-relações do aluno com o ambiente, e o caráter emocional poderá ter fator preponderante nessa fase. O autor acrescenta ainda que

Nenhuma forma de comportamento é tão forte quanto aquela ligada a uma emoção. Por isso, se quisermos suscitar no aluno as formas de comportamento de que necessitamos teremos sempre de nos preocupar com que essas reações deixem um vestígio emocional nesse aluno [...] (VIGOTSKI, 2010, p. 143).

A partir do diálogo com os estudos de Vigotski, compreendemos os conceitos de meio social, mediação, experiência e educação estética. Entendemos que no processo educativo, a formação dos jovens no ensino da Arte perpassada pelas imagens da escola em consonância com a história, memória e ambientes intraescolares contribui com o processo de apropriação desses conhecimentos e na formação de um aluno consciente de seu papel transformador da sua realidade.

As imagens da escola medeiam a formação desses jovens no ensino da Arte, e através da sua experiência eles têm a possibilidade de promover ressignificações imagéticas, contribuindo para o desenvolvimento do senso estético, reflexivo e crítico. Portanto, a seguir buscaremos dialogar com outros autores que ampliam a discussão realizada sobre a Educação dos ambientes e a formação dos jovens em diálogo com a história e memória.

3.2. A EDUCAÇÃO DOS AMBIENTES: CONVERSA COM OUTROS AUTORES

*O espaço comunica; mostra a quem sabe ler,
o emprego que o ser humano faz dele mesmo.
Um emprego que varia em cada cultura [...].*

Frago; Escolano

A arquitetura escolar pode refletir os conceitos e concepções político-econômico-culturais e pedagógicas de cada época. Nesse sentido, o projeto arquitetônico e a proposta pedagógica da instituição escolar devem estar em harmonia. A arquitetura escolar não se constitui apenas como forma física e estrutural. “[...] as pessoas é que dão vida ao espaço, dentro de uma lógica temporal, situacional e histórica. Elas é que o habitam com suas histórias, memórias e experiências” (TRIERWELLER, 2011, p. 96).

Buffa e Almeida Pinto (2002) corroboram as ideias de Vigotski (2010) acerca da importância da valorização da experiência dos sujeitos e a organização do meio social como fator fundamental para a apropriação do conhecimento. Nessa perspectiva, os autores entendem que:

O processo educativo não se restringe à relação individual entre professor e alunos. Quem realmente educa é um ambiente geral, uma Paidéia, um clima cultural complexo que envolve, num mesmo processo educativo, alunos, professores, administradores da escola e população. O espaço físico da escola, sua fachada e estrutura, o jardim, as salas de aula, os corredores, a sala dos professores e do diretor, enfim, toda a organização arquitetônica do espaço é parte importante desse determinado ambiente que educa (BUFFA; ALMEIDA PINTO, 2002, p.13).

Segundo Trierweiller (2011, p. 90-91), “[...] estar aberto à experiência do outro não significa esvaziamento da própria experiência, mas diálogo, tensão, complexidade, enriquecimento, alteridade”. Os sujeitos possuem marcas das suas experiências, e esses elementos culturais e sociais devem ser levados em consideração. Sendo assim, é importante traçar diálogos com essas experiências, dos outros possíveis sujeitos envolvidos no processo educativo. Essa relação de mediação e apropriação do conhecimento deve ser dialógica e dialética.

Schütz-Foerste (2004) também compartilha com as concepções de Vigotski (2010) sobre a importância da Arte como mediação na construção do conhecimento e sobre os espaços de formação dos jovens. Sobre os espaços informais de ensino e o processo formativo dos alunos, concordamos que

Cabe ao museu fomentar o trabalho de formação e informação do cidadão, no que tange ao conhecimento artístico. Isso significa que sua tarefa não pode ser cumprida de forma passiva, pela porta aberta, mas que necessita de um movimento e um envolvimento com a comunidade (SCHÜTZ-FOERSTE, 2004, p. 83).

Por meio da educação nos ambientes, o homem pode incorporar outras formas de comportamento apropriando-se dos elementos constituintes do meio social. Desse modo, o meio social adquire um caráter importante na construção do conhecimento.

O professor pode oferecer ao aluno a possibilidade de frequentar espaços estimulantes, agradáveis, ricos em elementos sociais e culturais com o intuito de potencializar o ensino-aprendizado. Assim possibilitará ao aluno reconhecer-se como parte da história/memória desse espaço educativo.

Segundo Buffa (2002), os ambientes educacionais começaram a ser planejados vinculando arquitetura e propostas pedagógicas muito tardiamente nos Estados Unidos e na Europa. A concepção de que os alunos necessitariam de um espaço devidamente organizado e em consonância com a proposta pedagógica vigente

iniciou em 1854, nos Estados Unidos, com a publicação do *Manual School Architecture*, escrito por Henry Barnard, que destacava os erros mais comuns na construção das escolas, como localização, tamanho inapropriado, materiais utilizados para a construção, mobiliário, ventilação e iluminação.

Na década de 1920, muitos educadores brasileiros estavam inspirados em ideias de renovação educacional. Anísio Teixeira viajou para a Europa e Estados Unidos e quando voltou ao Brasil, em 1928, publicou “Aspectos Americanos de Educação”, que traduz os ideais e concepções do filósofo e pedagogo americano John Dewey. Essa influência foi marcante para a vida de Anísio Teixeira e de relevância para o ensino brasileiro, pois, de acordo com Buffa (2002, p. 100), o educador brasileiro acreditava que a

[...] educação é um processo de contínua reorganização e reconstrução da experiência, pois essa é a característica mais particular da vida humana. Dessa forma, não se aprende para depois viver, o que fazia com que a escola fosse considerada uma preparação para a vida. De fato, simultaneamente, vivemos, experimentamos e aprendemos, portanto, escola é vida [...].

Refletindo com Vigotski (2010) e Buffa (2002) sobre o papel da importância da valorização da experiência dos sujeitos e sua relação com o meio social, podemos perceber o processo educativo como algo dinâmico e com um caráter de transformação da realidade social dos indivíduos.

No Brasil, a valorização dos espaços escolares e a concepção de educação dos ambientes como forma de contribuir ativamente para a apropriação do conhecimento eclodiu em 1932, com o “Manifesto dos Pioneiros da Educação”, o qual denunciava as mazelas da educação brasileira e propunha sua reformulação. Em 1933, Fernando de Azevedo, que na época era Diretor da Instrução Pública do Estado de São Paulo, instituiu o Código de Educação que previa instalações escolares apropriadas com a nova realidade pedagógica proposta. O documento explicita que:

O Serviço de Prédios e Instalações Escolares tem por fim propagar a nova política das construções escolares, ampliando em todas as camadas sociais a consciência da necessidade de cada escola possuir instalações próprias e dar a cada prédio as condições higiênico-pedagógicas que façam dele centro de saúde e alegria, ambiente de educação estética e fator de nacionalização (BRASIL, 1933, Artigo 32).

Essas experiências e memórias ultrapassam o campo individual. Mesmo sendo vivenciadas por uma única pessoa, elas são construídas coletivamente, pois esse indivíduo não está sozinho no mundo, ele faz parte de uma teia de relações imbricadas e complexas. Esse homem está inserido na sociedade num contexto familiar, local, nacional e global, por isso as memórias são construídas coletivamente. Na obra “A Memória Coletiva”, Halbwachs (2006, p. 30) afirma que

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem.

As experiências têm relação direta com o meio em que o indivíduo está inserido, e a construção de sua memória perpassa o contexto coletivo. A escola também é um lugar de memória, de história, de resgate social e cultural daqueles indivíduos que já passaram por aquele espaço e por tantos outros que ainda estudarão. Segundo Halbwachs (2006, p. 72),

Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente.

Sobre essa questão, o debate é ampliado a partir dos estudos do historiador francês Jacques Le Goff, que reflete sobre o papel do documento e do monumento na sociedade atual e destaca a importância da perpetuação da memória de um grupo social como condição histórica. Para Le Goff (2003, p. 532) “[...] a memória coletiva valoriza-se, institui-se em patrimônio cultural”. O historiador francês Pierre Nora também nos auxilia a compreender os lugares de memória como coletivos e não individualizantes.

Ao refletirmos com Halbwachs e Le Goff, percebemos a importância da memória coletiva como perpetuação de uma comunidade num determinado contexto social. Entendemos a escola como um dos espaços de formação em que a memória coletiva auxilia na construção da identidade da comunidade à qual está inserida. O senso de pertencimento dos alunos à instituição também é aguçado, quando se

sentem participantes daquela realidade. Concordamos com Ciavatta (2005, p. 96) quando afirma que,

Por ser um espaço ocupado pela infância e a juventude, cujo sentimento do passado é quase inexistente, a escola [...] parece ser um lugar de memória mais esmaecido. No entanto, esse sentimento aflora com o passar do tempo, e até a vivência com os colegas de infância e de juventude tornan-se, mais tarde, densos “lugares de memória”, contribuindo para a construção de uma identidade singular e, ao mesmo tempo, coletiva, como pertencimento a um tempo, a um grupo com as marcas desse tempo.

Sobre o papel social da escola e sua relevância na construção histórica, social e cultural da sociedade, a mesma autora entende que,

Como elemento aglutinador, gerador de coesão social, a escola deve se tornar um lugar de memória, de resgate das identidades, da compreensão do presente, incorporando as dificuldades, as lutas e as conquistas do passado, suas representações na forma de imagens e de documentos, seus símbolos carregados de história e de significados (CIAVATTA, 2005, p. 100).

Sendo a escola um lugar de memória, não só fixada em imagens fotográficas, mas também por sua história arquitetônica refletida por meio da sua materialidade, o edifício escola pode refletir as concepções pedagógicas que aquela arquitetura representa e instituir alguns discursos sobre a educação. Contudo, é importante analisar que o espaço-escola é constituído por diversos elementos em profunda interligação, o meio social não é unilateral, ele é constituído pela soma dos elementos e atores que dele fazem parte e perpassa as experiências e as memórias dos sujeitos pertencentes a esse contexto. De acordo com Escolano (2001, p. 45),

A arquitetura escolar pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja, por si mesma, bem explícita ou manifesta. A localização da escola e suas relações com a ordem urbana das populações, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende.

Nessa perspectiva, a escola como instituição cronologicamente institucionalizada possui memórias e vivências dos sujeitos que, ao longo de sua jornada, contribuíram para a formação de sua história. A arquitetura escolar reflete não apenas a materialidade de uma época vivida, mas a experiência coletiva de uma comunidade que fez e faz parte dessa instituição de ensino.

A escola como espaço de cultivo da memória coletiva é atravessada por experiências de um determinado grupo social que contribuiu ativamente para a construção do conhecimento no passado e ajuda a preservar essas memórias na consciência dos indivíduos no presente, como forma de perpetuação e valorização da escola como espaço de memória e apropriação do conhecimento.

Deste modo, acreditamos que os ambientes intraescolares não possuem apenas a materialidade do espaço, mas são carregados com as marcas dos sujeitos que o compõem com sua experiência, história e memória. Os ambientes escolares são construídos a partir das relações sociais vivenciadas nesses espaços. Entendemos que a partir da mediação com as imagens da escola, o jovem possa ter seu senso de pertencimento à instituição escolar aguçado, sentindo-se parte ativa daquela comunidade ao qual está inserido.

Diante dessas ideias no próximo capítulo traremos discussões sobre a história, o cultivo da memória e a ressignificação das imagens da escola.

4. HISTÓRIA, CULTIVO DA MEMÓRIA E RESSIGNIFICAÇÃO DAS IMAGENS DA ESCOLA

Memória e história são personagens do mesmo cenário, mas cada uma se veste a seu modo. A história, intelectual e formal, usa a vestimenta acadêmica, enquanto a memória não respeita regras nem metodologias, é afetiva e revive a cada lembrança.

Ana Mae Barbosa

Neste capítulo trataremos de questões ligadas à história, cultivo da memória e ressignificação imagética. Iremos problematizar a constituição da instituição escolar, o papel da primeira turma que ingressou na escola após sua inauguração, em 1972, e conhecer a turma 3ºM 03, selecionada para a investigação.

O processo de (re)construção das memórias de uma instituição escolar consiste numa tarefa complexa e desafiadora. Isso porque os fragmentos de memória das diversas pessoas que passaram por aquele espaço estão mergulhados nas suas experiências pessoais. Assim, a investigação constituiu-se como uma colcha de retalhos que precisam ser costurados numa teia de relações imbricadas entre gerações de indivíduos. Sendo assim, concordamos que por meio da “[...] história do passado, buscamos elementos para compreender o presente, de modo a subsidiar a reflexão sobre o significado da relação entre trabalho e educação, hoje em nossas escolas” (CIAVATTA, 2009, p. 20).

Ao mesmo tempo, guardar e (re)escrever essas lembranças tão valiosas para a comunidade da Escola “Hunney Everest Piovesan” trazem uma grande responsabilidade, pois a instituição escolar necessita de uma história escrita. Não basta apenas vivenciá-la, experimentá-la, é necessário transformá-la em ato escrito, em documento. Nessa perspectiva, Le Goff (2003, p. 545) compreende que “[...] o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder [...]”.

A partir de reuniões com a comunidade escolar, notamos que ela tinha o anseio em ter sua memória construída num texto e transformada em fonte histórica, em documento de pesquisa para as próximas gerações. Nesse contexto, Ciavatta (2009, p. 12-13) acredita que “[...] o processo de pesquisa é também um árduo trabalho

coletivo, gerando uma dívida para todos aqueles que, direta ou indiretamente, concorreram para sua realização”.

Na tentativa de resgatar a história e a memória de algumas pessoas que estudaram/trabalharam/transitaram na instituição de ensino e promovendo o cultivo da memória e senso de pertencimento dos alunos que frequentam o terceiro ano do Ensino Médio, propusemos intervenções com documentos fotográficos, os quais, através da sua materialidade imagética, reproduzem o percurso da escola.

4.1. A ESCOLA: HISTÓRIA E MEMÓRIA MATERIALIZADAS

*Uma verdadeira viagem de descoberta não é a de pesquisar novas terras,
mas de ter um novo olhar.*

Marcel Proust

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Médio “Hunney Everest Piovesan”¹⁸, localizada na Rua Carlos Rogério de Jesus Gomes, s/nº, bairro Santa Fé, no município de Cariacica. Essa unidade escolar foi inaugurada oficialmente¹⁹ em 26 de fevereiro de 1972, pelo ministro da Educação à época Jarbas Gonçalves Passarinho²⁰ e pelo Governador do Estado Artur Carlos Gerhardt Santos.²¹

¹⁸Hunney Everest Piovesan pertencia a uma família abastada do atual município de Alfredo Chaves. O nome da Escola foi atribuído a ele como homenagem póstuma. Seu irmão fez a doação dos terrenos onde está localizada a instituição escolar, e o nome do seu irmão que havia morrido foi escolhido para nomear a escola.

¹⁹A inauguração oficial da escola aconteceu em 26/02/1972, conforme fotografias da década de 1970. Entretanto, durante a fase de produção de dados, foi encontrado o livro de ponto número 1 com assinaturas de 35 funcionários, entre eles, professores, coordenadores e diretora da época datadas de agosto de 1971. Esses dados divergentes nos trouxeram inquietações e instauraram indagações no processo investigativo. Qual foi a data em que a escola iniciou suas atividades? A escola já funcionava em 1971, mas só foi inaugurada oficialmente em 1972? A inauguração da escola pelo ministro da Educação fazia parte de um programa do governo de propaganda política educacional e sua agenda impossibilitou a inauguração em 1971? Essas lacunas históricas e políticas relacionadas à datação histórica da Instituição Escolar e a investigação sobre as possíveis causas da inconsistência nas datas da inauguração da instituição escolar pesquisada configuram-se em um campo aberto para futuras pesquisas.

²⁰Jarbas Gonçalves Passarinho foi Ministro da Educação entre 1969 a 1974, durante o Regime da Ditadura Militar no Brasil.

²¹Artur Carlos Gerhardt Santos exerceu o cargo de governador do Estado do Espírito Santo entre 15/03/1971 a 14-03-1975. Disponível em: <http://www.es.gov.br/EspiritoSanto/paginas/governadores_estado.aspx>. Acesso em: 11 dez 2013.

A inauguração aconteceu num contexto de ditadura militar²², e sua arquitetura reflete a importação de modelos arquitetônicos que estavam em consonância com as ideias do regime tecnocrático estabelecido no Brasil na década de 1970. Nessa ótica, “[...] a escola é uma instância mediadora na consecução do preparo técnico, da disciplina para o trabalho e da representação do trabalho como um valor” (CIAVATTA, 2009, p. 30).

Essa concepção pedagógica previa sala ambiente com mobiliário e equipamentos específicos para a formação dos alunos com o intuito de ampliar a formação de trabalhadores capacitados.



Figura 1- Inauguração da Escola Polivalente em 26/02/1972.

Fonte: Acervo da E.E.E.M. "Hunney Everest Piovesan". Foto de Sara Rangel.

Inicialmente, a instituição escolar chamava-se Escola Polivalente de Campo Grande e era federalizada. Não ofertava o Ensino Médio, formando os discentes apenas em

²²Neste ano de 2014, completa-se 50 anos do golpe militar que inaugurou o período da ditadura no Brasil. O regime militar perdurou por pouco mais de duas décadas, entre 1964 e 1985.

nível de Ensino Fundamental.²³

Posteriormente o nome da escola foi alterado e passou a se chamar “Hunney Everest Piovesan”, em homenagem póstuma ao irmão do doador do terreno para a construção da escola.



Figura 2 - Sala ambiente equipada na inauguração da escola.
Fonte: Acervo da E.E.E.M. “Hunney Everest Piovesan”. Foto de Sara Rangel.

É interessante ressaltar que o nome da rua onde fica localizada a instituição escolar chama-se Carlos Rogério de Jesus Gomes, em homenagem a um aluno da escola que morreu afogado durante uma visita mediada à Lagoa da Coca-Cola, localizada na Reserva ambiental Paulo César Vinha, no município de Guarapari, na década de 1970. Essas memórias/histórias fazem parte da formação humana e da constituição social e histórica dos indivíduos daquele contexto sócio-histórico-cultural.

Após alguns anos e com a volta do regime democrático no Brasil, a instituição passou a ser administrada pela Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo

²³Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 9394/96, o ensino básico se constitui em ensino fundamental e ensino médio. Na década de 70 a escola pesquisada ofertava apenas o ensino fundamental.

e passou a ofertar o Ensino Médio.

Atualmente a escola possui 1.920 alunos matriculados no Ensino Médio nos três turnos. A maioria dos alunos mora em áreas periféricas do município de Cariacica. A instituição possui um total de 95 professores em seu quadro docente: 20 funcionários administrativos e 40 funcionários terceirizados que cuidam da manutenção, limpeza e refeição dos alunos. Esta instituição oferta o Ensino Médio nas modalidades regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA), possuindo 48 turmas distribuídas nos turnos matutino, vespertino e noturno.

A escola conviveu com uma realidade que contemplou três ambientes num mesmo espaço/tempo. No prédio antigo, durante algum tempo ainda, funcionou a biblioteca da escola. Esse edifício refletia a importação da arquitetura num momento de regime tecnocrático. Nas salas provisórias, os alunos conviveram com um espaço que não contemplava as mínimas condições para o ensino-aprendizado, sem acústica apropriada, salas pequenas e telhado sem isolamento térmico, o que obrigava os discentes a estudar em condições degradantes. O prédio novo estava em construção no momento da pesquisa, tendo sido entregue a primeira fase em maio de 2013, e a fase final estava prevista para ser entregue em 2014.

Os três espaços de formação que a escola possuía no momento do registro fotográfico nos remeteram à ideia do tempo passado, presente e futuro. Não é possível apreender um único tempo, pois eles estão interligados numa rede de relações sociotemporais complexas. Refletindo com Ciavatta (2009, p. 48), acreditamos que:

A experiência cotidiana de viver traz continuamente uma rica temporalidade do passado, do presente e do futuro. No entanto, ao menor sinal de “deter” o tempo para um exame desses três momentos, eles se “volatizam” como objetos individualizados, e o que era futuro segundos atrás já é passado, e o presente não parece ser nada que não seja a expectativa do futuro e a lembrança do passado. É nesse devir permanente que existimos e é nele que nos reconhecemos.

Nesse contexto temporal, Ciavatta (2009) também dialoga com os estudos de Braudel (1982) a respeito do tempo e suas dimensões. Seus estudos explicitam que “[...] o presente e o passado esclarecem-se mutuamente, com uma luz recíproca” (BRAUDEL, 1982 apud CIAVATTA, 2009, p. 88).

Por meio da materialidade dos ambientes da escola, o tempo passado, presente e futuro fundem-se numa só temporalidade. Tempo e espaço estão volatilizados e em constante transformação, sendo visibilizada pela materialidade da arquitetura escolar, num processo dinâmico e que se transforma constantemente.



Figura 3 - A escola antiga, salas provisórias e a escola nova.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 4- Escola antiga





Figura 5 - Salas provisórias em 2010.





Figura 6 - Arquitetura nova - Maio de 2013.

Essa transformação pode ser percebida no projeto arquitetônico da nova escola, no qual podemos visualizar a preocupação²⁴ com novos espaços de convivência/aprendizado como laboratórios de Arte, Matemática, Física, Química e outras disciplinas, quadra poliesportiva coberta, refeitório, banheiros com acessibilidade para pessoas com necessidades especiais, vestiários, biblioteca climatizada, entre outros. No momento da pesquisa, o prédio novo estava em construção. A primeira etapa da obra foi entregue em maio de 2013 e a segunda está em andamento.



Figura 7 – Planta topográfica da escola em construção.
Acervo: Fonte pessoal

²⁴O setor de Engenharia da Secretaria de Estado da Educação ofereceu o Projeto Arquitetônico da Nova Escola “Hunney Everest Piovesan” para finalidades acadêmicas. O engenheiro Gilmar também nos ofereceu uma visita monitorada ao canteiro de obras da nova escola com o intuito de dirimir quaisquer dúvidas a respeito dos moldes arquitetônicos da instituição em construção.

Entretanto, no início da investigação na escola, a comunidade escolar convivia com uma realidade bastante peculiar. A escola possuía três espaços formadores dos sujeitos, que ao longo do tempo formaram outras pessoas, e suas marcas continuam a formar os alunos que ocupam esse ambiente. Ter uma visão do passado e dos ambientes que esses sujeitos utilizaram, bem como as marcas dos sujeitos sócio-históricos que fizeram parte desse espaço, é interessante para tentar compreender como o passado age no presente resignificando-o. O passado posto em ato por meio das suas experiências constituem essa instituição de ensino, tendo esses espaços como um elemento formador do aluno. A experiência pode nos vincular ao passado como um elo entre esses elementos que não se dissociam. Essas experiências nos auxiliam a resignificar nosso presente, tendo a consciência da vinculação desses tempos/espaços.

Atualmente, a escola funciona nesses três ambientes, e o ano letivo está dividido em três trimestres conforme calendário escolar²⁵ disponibilizado pela Secretaria de Educação. Nesses trimestres estão previstos momentos de recuperação e reuniões com os pais ou responsáveis. A escola também conta com alguns projetos em nível estadual, entre eles Projeto Mais Tempo na Escola, Projeto Esporte na Escola e Projeto Família Presente na Escola.

É nesse tripé arquitetônico, no convívio com várias realidades distintas, que mesclam a escola antiga da década de 1970, as salas provisórias e o prédio novo em construção, ambientes repletos de memórias e histórias materializadas, pelos quais os alunos conviveram durante quase três anos. Passado, presente e futuro resignificando a imagética escolar e a formação dos jovens.

Entendemos que a formação dos jovens perpassa a constituição histórica da escola e as marcas dos sujeitos que por aquele espaço foram formados. Nessa perspectiva, a relação entre a primeira turma a ingressar na escola em 1972 e as memórias da turma de terceiro ano do Ensino Médio serão problematizadas.

²⁵Disponível em: <http://www.educacao.es.gov.br/download/calendario_A4_regular_2.pdf>. Acesso em: 11 out 2013.

4.2. TURMA DE 1972: ENCONTROS E LEMBRANÇAS

*Nada paga, Nada apaga;
Nossa gratidão é eterna.
Turma de 1972, Escola Polivalente de Campo Grande.*

Inicialmente a Instituição de Ensino era federalizada e chamava-se Escola “Polivalente de Campo Grande”. Após algum tempo, a instituição recebeu a denominação E.E.E.F.M. “Hunney Everest Piovesan” e atualmente oferta apenas o Ensino Médio, tendo a denominação de E.E.E.M. “Hunney Everest Piovesan”.

A primeira turma da escola que ingressou, após sua inauguração em 1972, na Escola Hunney Everest Piovesan formou-se no Ensino Fundamental em 1975. Mesmo após várias décadas de formatura, essa turma possui um forte vínculo de amizade entre amigos e professores e continua se encontrando anualmente para celebrar.



Figura 8- “Nada paga; Nada Apaga. Nossa gratidão é eterna.”
Fonte: Acervo pessoal.

Pa
rtic

ipamos do 12º Encontro da Turma de 1972, que foi realizado dia 28 de setembro de

2013, no espaço recreativo do Granito Zanetti²⁶, em Jacaraípe, no município de Serra.

A turma possui um comitê organizador composto por integrantes da turma de 1972, que se encarrega de localizar os alunos, catalogar seus dados e convidá-los para as ações previstas. É interessante ressaltar que essa comissão esteve na escola para tentar localizar esses alunos, mas devido ao longo período decorrido, alguns deles não foram encontrados, pela mudança de endereço ou telefone.

O senhor Jânio²⁷ nos concedeu uma entrevista e nos relatou como foi esse trabalho de localização dos alunos. Ele comenta:

- “Foi realmente um trabalho de investigação”.
- “Alguns alunos só foram localizados com a ajuda de outros alunos que nos cederam essas informações” (DIÁRIO DE BORDO, 28/09/2013).

Encontramos uma recepção minuciosamente organizada, com crachás de identificação para os alunos da turma de 1972, lista com todos os nomes, endereços e telefones de contato dos antigos estudantes e situação atual dos mesmos. Os alunos que já haviam falecido também foram lembrados na confraternização.

O ambiente do evento estava repleto de lembranças, memórias materializadas por objetos da época, como camisas originais desenhadas e autografadas por alguns alunos, fotografias e indumentárias de formatura da turma de 1972.

²⁶A escola onde a turma de 1972 se formou está localizada no município de Cariacica. Entretanto, o encontro anual da turma aconteceu no município de Serra. Essa questão foi questionada, e o Sr. Jânio, um dos organizadores do evento, nos informou que a maioria dos alunos da escola que se formou nessa turma atualmente são médicos, empresários, professores, advogados, e o espaço cedido para a confraternização pertence a um aluno da turma de 1972.

²⁷O senhor Jânio faz parte do grupo que coordena os encontros anuais da turma de 1972-1975.



Figura 9-Camisa desenhada pelos alunos da década de 1970.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 10- Bolo com logotipo da Escola Polivalente para a festa dos ex-alunos de 1972 a 1975.
Fonte: Acervo pessoal.

Uma mesa com frutas, doces e um bolo com a logomarca antiga da escola também completavam esse ambiente de memórias e história. No bolo havia a frase escrita, que remetia à concepção de que mesmo depois de décadas a turma continuava unida, fazendo menção à música “Amigos para sempre”, de tradução livre. A letra da

música refletiu o ambiente da confraternização da turma de 1972:

*Amigos para sempre
 Eu não tenho nada pra dizer
 Você parece no momento até saber
 O quanto eu estou sofrendo
 Vem, veja através dos olhos meus
 A emoção que sinto em estar aqui
 Sentir seu coração me amando
 Amigos para sempre é o que nós iremos ser
 Na primavera ou em qualquer das estações
 Nas horas tristes, nos momentos de prazer
 Amigos para sempre
 Amigos para sempre é o que nós iremos ser
 Na primavera ou em qualquer das estações
 Nas horas tristes, nos momentos de prazer
 Amigos para sempre
 Você pode estar longe, muito longe sim
 Mas por te amar, sinto você perto de mim
 E o meu coração contente
 Não nos perderemos, não te esquecerei
 Você é a minha vida, tudo que sonhei
 E quis para mim um dia
 Amigos para sempre é o que nós iremos ser
 Na primavera ou em qualquer das estações
 Nas horas tristes, nos momentos de prazer
 Amigos para sempre
 Amigos para sempre é o que nós iremos ser
 Na primavera ou em qualquer das estações
 Nas horas tristes, nos momentos de prazer
 Amigos para sempre*

A música “Amigos para sempre” é frequente nas confraternizações da turma de ex-alunos do Polivalente de Campo Grande. Em 2009, a música também foi tema do encontro²⁸ da turma de 1972.

Os encontros com os ex-alunos da turma de 1972-1975 acontecem anualmente desde 1997, quando conseguiram reunir um número considerável de ex-alunos e promoveram o primeiro encontro. Nos encontros seguintes o número de alunos catalogados e convidados aumentou, e hoje a coordenação do comitê organizador do evento conta com mais de 250 alunos catalogados²⁹, com endereço e telefone de contato.

²⁸O vídeo mostra o encontro anual de 2009 com ex-alunos do Polivalente de Campo Grande, tendo a música “Amigos para sempre” como temática. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=LP3mAHfi9tY>>. Acesso em: 19 dez 2013.

²⁹O comitê organizador cedeu para as pesquisadoras uma cópia da lista com os nomes de todos os ex-alunos da turma de 1972 catalogados. A relação possui endereços, telefones e relação da situação de cada ex-aluno. Os alunos falecidos também são contabilizados e lembrados nas confraternizações.

Nesse espaço de memórias escolares que materializavam tantas aventuras e histórias a partir de objetos, fotografias e relatos orais, nos deparamos com uma indumentária muito interessante: um lindo vestido de formatura de uma das alunas da turma de 1972. O organizador do evento nos apresentou a aluna e tivemos a possibilidade de entrevistá-la. Ela narrou como eram as suas vivências na instituição escolar e como essa experiência de processo formativo na Escola Polivalente de Campo Grande contribuiu para sua formação profissional e humana.

A aluna nos mostrou seu vestido de formatura que fora usado em 1972. A peça estava num estado de conservação impecável, era esvoaçante, num tom de azul celeste muito delicado (Figuras 11 e 12). Ela fez questão de dizer que sempre que o vestido começava a descosturar, ela rapidamente o consertava.

Isso demonstra o grau de importância que alguns objetos carregam. Eles materializam um momento vivido. As lembranças valorativas das pessoas mesclam-se com esses objetos carregados de história e memória.



Figura 11 - Modelo usando o vestido de formatura.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 12- Aluna da turma de 1972-1975.
Fonte: Acervo pessoal.

Em relação ao contexto escolar, a ex-aluna, que atualmente é médica especializada na área cardiológica, nos contou que a Escola Polivalente de Campo Grande exerceu grande importância na sua formação. Inicialmente o ensino na escola era em horário semi-integral. Os alunos estudavam as matérias básicas num determinado turno e complementavam seus estudos no contra-turno, frequentando outras disciplinas.

A escola oferecia aulas nas disciplinas de Francês, Educação para o lar, Educação Artística, Técnicas Industriais, Educação Física, entre outras. Segundo a ex-aluna, esse sistema de ensino constituía-se no melhor modelo de ensino, pois agregava vários conhecimentos importantes para a formação de vida do indivíduo.

A disciplina “Técnicas Industriais” capacitava os alunos para a inserção no mercado de trabalho. Para que o aluno pudesse frequentar a disciplina “Educação Física”, era necessária dedicação e boas notas. Ela ainda comentou que uma vez por semana os alunos cantavam o Hino Nacional na entrada da escola.

A médica ainda relatou que a educação básica é vital para a formação do aluno, e que numa educação de qualidade prevalecem o respeito aos funcionários da escola e aos professores. A família também tem um importante papel nesse processo. Podemos visualizar esse tratamento dispensado aos professores no dia da confraternização. Os professores eram tratados com extremo respeito, e os alunos, mesmo 41 anos depois, ainda utilizavam a denominação professor/professora antes do seu nome (Figura 13).



Figura 13 - Chegada dos professores no encontro.
Fonte: Acervo pessoal.

A ex-
aluna também destacou os espaços utilizados pela escola para o processo de ensino-aprendizagem. Comentou que a escola Polivalente foi inaugurada com vários laboratórios, bem equipados e com maquinário específico para as disciplinas cursadas. Para ela, isso ressalta a qualidade no ensino e faz com que o aluno sinta vontade de estudar. Quando os ambientes são devidamente estruturados para uma finalidade específica, os alunos sentem prazer em estar na escola, e isso reverbera na sua formação.

Nesse encontro também conhecemos vários professores que lecionaram na escola na época da sua inauguração. Entre eles podemos destacar a professora Élide, de

Educação Artística, que trabalhou na instituição escolar entre 1972 e 1994, e a professora Ivonete, que lecionou a disciplina Inglês entre 1971 e 1994, entre outros. Além dos professores, a equipe de coordenação do encontro dos ex-alunos também convidou outros funcionários antigos da escola, como o Senhor José Bonela, que trabalhou na escola desde a sua fundação, e o funcionário “Pinguim”, que vendia picolés na escola na década de 1970.

No dia da confraternização (Figura 14), a equipe coordenadora do evento organizou uma recepção tematizada para receber os ex-funcionários, e nesse contexto, um carrinho de picolés foi providenciado para o Senhor “Pinguim”, que se mostrou muito contente com a receptividade dos ex-alunos.



Figura 14-Recepção aos professores.
Fonte: Acervo pessoal.

Alguns ex-alunos remetiam-se à época da escola, pedindo picolés ao ex-funcionário e saboreando-os enquanto conversavam com os amigos. Todos os ex-funcionários foram recebidos com carinho e respeito pelos ex-alunos (Figura 15).



Figura 15 - Recepção aos ex-professores e ex-funcionários.
Fonte: Acervo pessoal.

Um dos organizadores do evento, o Senhor Jânio, comentou: “Todo ano tentamos fazer uma recepção diferente para receber os ex-professores e ex-alunos e cada ano encontramos mais ex-alunos e ex-funcionários” (DIÁRIO DE BORDO, 28/09/2013).

Podemos perceber um cuidado com as relações sociais estabelecidas ao longo das décadas. Todos os integrantes das turmas que iniciaram em 1972 e foram formadas pela instituição no ano de 1975 são convidados para o evento. A equipe de coordenação trabalha de forma voluntária para que o evento continue acontecendo e dedica grande parte do seu tempo e recursos próprios na localização de mais ex-estudantes.

Ao tratarmos da relação de afetividade e do forte vínculo que liga as pessoas que participaram da primeira turma formada pela escola após sua inauguração em 1972, fica evidente que a história e a memória da escola estão implícitas nessas relações. A instituição escolar não é formada apenas pela sua arquitetura, pelos seus

espaços, ela é formada e transformada pelas pessoas que habitam esses espaços. Nesse contexto, torna-se evidente o respeito e a valorização com os ex-professores que foram convidados para o evento, assim como com todos os ex-alunos e ex-funcionários da escola.

Também fica claro o anseio dessas pessoas em terem suas memórias escritas, materializadas no papel, para que as futuras gerações tenham conhecimento de que a primeira turma formada pela escola sente orgulho de ter estudado nessa instituição e prima pela continuação da mesma. Essa afirmação é baseada nas constantes visitas desses ex-alunos à instituição e na participação do conselho de escola da instituição escolar.

Diante disso, fez-se necessário conhecer a primeira turma formada pela escola, analisar e fazer reflexões com esses ex-alunos com o intuito de investigarmos a formação dos jovens numa turma atual do terceiro ano do Ensino Médio.

4.3. CONHECENDO A TURMA E (RE)CONSTRUINDO A HISTÓRIA A PARTIR DAS IMAGENS DA ESCOLA

A história é uma relação ativa com o passado.

Maria Ciavatta

Este estudo propõe analisar as imagens da escola como mediadoras da formação dos jovens no ensino da Arte em diálogo com a história, memória e ambientes intraescolares. A investigação analisou os conceitos de espaços intraescolares, história, memória, ressignificação das imagens e investigou a primeira turma formada pela escola após a sua inauguração como premissa de que a (re)construção da história de uma instituição deve ser permeada pelo contexto coletivo e pelas subjetividades dos sujeitos que a integram.

Nessa perspectiva, a pesquisa teve como proposta propor intervenções imagéticas em turma de terceiro ano do Ensino Médio. A turma foi escolhida em caráter de colaboração, numa parceria entre todos os professores da turma, equipe administrativa e pedagógica.

O estudo contempla especificamente a formação dos jovens no Ensino Médio. Em relação a essa etapa de ensino, a Constituição da República Federativa do Brasil prevê que o acesso à educação básica é um direito garantido por lei e tem como premissa o desenvolvimento do indivíduo e sua inserção na sociedade. Acerca dessa temática, a legislação explicita que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, Artigo 205).

A Lei 9394/96 de diretrizes e bases da educação nacional fixa as normas para a educação básica. Ela prevê que a educação seja organizada pela União, pelos Estados e Municípios em regime de colaboração. Estabelece ainda normas específicas para o Ensino Médio. De acordo com a Lei 9394/96 (Artigo 10º, VI) é papel do Estado “[...] assegurar o ensino fundamental e oferecer, com prioridade, o Ensino Médio”.

Ainda segundo a legislação educacional,

A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Artigo 22).

No território brasileiro, em consonância com os dispositivos legais, o Ensino Médio está a cargo dos governos estaduais e federal. No Espírito Santo, o órgão que controla e administra a educação ofertada pelo estado é a Secretaria de Estado da Educação (SEDU). De acordo com dados fornecidos pela SEDU, o Espírito Santo possui 252 escolas de Ensino Médio na área urbana e 28 escolas na área rural, totalizando 280 instituições formais de ensino. Atualmente o Ensino Médio público é ofertado pela Secretaria de Estado da Educação e pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES).

4.3.1 A Turma Selecionada

No espaço de pesquisa, foi proposta uma conversa com os professores que opinaram sobre as possíveis turmas que poderiam integrar este estudo. A equipe pedagógica fez todo o trabalho de mediação entre essas conversas. Após longos debates com a comunidade escolar, foi selecionada uma turma heterogênea para a investigação.

A turma selecionada possui 32 alunos, sendo 18 alunas e 14 alunos, com idades entre 16 e 20 anos de idade. Nessa turma, encontram-se matriculados dois alunos com necessidades educacionais especiais.³⁰ Conforme a matriz curricular da Secretaria de Estado da Educação, os alunos têm uma aula de Arte por semana. Entretanto, outros professores se dispuseram a colaborar com a investigação cedendo suas aulas para a intervenção.

Num primeiro momento, foi combinado com a equipe pedagógica e com a professora de Arte regente que os alunos seriam convidados a irem ao laboratório de informática para a apresentação do projeto de pesquisa, bem como conhecer a pesquisadora, com o intuito de formar laços de confiança entre os pares.

Partindo da concepção de que os espaços nos formam e refletem os discursos pedagógicos da instituição de ensino, a sala de informática foi preparada para a apresentação do projeto de pesquisa aos alunos do 3ºM 03. A preparação contou com a produção de um vídeo que retratou a história da instituição escolar e sua trajetória ao longo dos anos. Alguns alunos se mostraram surpresos com tal vídeo, pois não conheciam a história da escola que frequentavam.

Também foram oferecidos aos alunos registros fotográficos originais da escola, mostrando imagens da sua inauguração até os tempos atuais. Nessas fotografias, há alguns professores que ainda se encontram em exercício, o que despertou curiosidade em alguns alunos da turma. Também conseguiram reconhecer amigos e parentes que estudaram na escola e foram formados por ela.

Nessa oportunidade, foi exibido um vídeo do artista capixaba Marcelo Gandini

³⁰De acordo com os laudos emitidos por médicos especialistas e fornecidos pela escola, a aluna Lindamara apresenta indícios de deficiência mental moderada. Já o aluno Paulo apresenta limitações de ordem intelectual em virtude de patologia genética.

intitulado “O Processo”³¹, no qual o artista propõe a construção de imagens pela reconstrução, utilizando técnicas fotográficas aliadas ao desenho e ao grafite.

Os alunos foram informados das etapas da pesquisa e dos procedimentos e instrumentos que iríamos utilizar. Após a explanação, eles puderam fazer perguntas, contribuindo ativamente para a investigação. Dentro da proposta colaborativa, acordamos com os alunos as etapas da pesquisa e nos mostramos dispostos a flexibilizar os procedimentos de acordo com os anseios da turma analisada.

Os procedimentos acordados para a produção de dados foram:

- Os alunos conheceriam a história da escola através de álbuns fotográficos, documentos da instituição, tais como diários de classe e convites de formatura de turmas antigas.
- A turma entraria em contato com a obra do arte-educador Marcelo Gardini, que propõe uma resignificação das imagens por meio de técnicas diversificadas de fotografia.
- A turma iria fazer intervenções em imagens da escola e nas suas próprias imagens com técnicas fotográficas como senso de pertencimento a um passado “posto em ato”, que contribui ativamente com o presente.
- Após as intervenções, os alunos escolheriam um local para fazer a exposição dos trabalhos realizados.
- A turma responderia um questionário sobre questões ligadas à história, cultivo da memória e senso de pertencimento escolar.
- Em todas as etapas da pesquisa, os alunos iriam fazer filmagens e fotografias como registro dos momentos da intervenção, bem como iriam contribuir na produção de um vídeo que seria reproduzido no dia da abertura da exposição com os trabalhos dos alunos.

³¹Disponível em:< <http://www.youtube.com/watch?v=3wLYAdQasl0>>. Acesso em: 01 jun 2013.

- A turma iria decidir todas as etapas da pesquisa em regime de colaboração.

Após esse momento de apresentação da intervenção foi oferecido aos alunos um lanche especial, antes do horário do recreio. Os alunos ficaram assustados com a recepção, pois de certa maneira não acreditaram que aquele momento tinha sido feito para eles e começaram a indagar:

A aluna Juliana Krause perguntou:

– “Professora, esse lanche é pra gente”?³²

– “Porque nossa turma foi selecionada, não somos os melhores da escola”? (DIÁRIO DE BORDO, 01/07/2013, 8:50h).

Prontamente respondemos que aquela recepção fora feita com antecedência e de forma especial para aquela turma que iria participar da investigação. A equipe pedagógica da escola, a professora regente e a pesquisadora, em regime de colaboração, providenciaram os recursos utilizados no laboratório de informática e a pequena recepção para os alunos.

A reação dos alunos reflete a falta de autoestima a que estavam submetidos. Não se sentiam parte vital do processo educativo, mas apenas figurantes de um processo no qual não se percebiam protagonistas. A educação tem a função de propor novas formas de apreensão de conhecimentos, de fazer com que os estudantes se sintam protagonistas num processo educativo emancipador e reflexivo.

Nessa perspectiva, concordamos com Paulo Freire no sentido que devemos ter “[...] a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas, sobretudo, para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a [...]” (FREIRE, 1996, p. 28). Por esse viés, a intervenção teve como propósito criar propostas em caráter colaborativo e relacionados à história, memória e senso de pertencimento à instituição escolar atravessadas por questões relacionadas aos espaços escolares e à formação dos jovens através da ressignificação das imagens.

³²As falas dos jovens foram transcritas sem correção ortográfica e destacadas entre aspas para melhor organização textual.

Deste modo, a investigação buscou (re)construir a história da escola por meio das lembranças de vários sujeitos que habitaram e transitaram nesse ambiente ao longo das quatro décadas de sua existência, e a análise dos dados produzidos pautou-se nas intervenções propostas com o intuito de analisar as imagens da escola como mediadoras da formação dos jovens no ensino da Arte em diálogo com a história, memória e ambientes intraescolares.

5. A ARTE NA FORMAÇÃO DO JOVEM: REFLEXÕES SOBRE AS INTERVENÇÕES IMAGÉTICAS

*A arte é cognoscível e sensível.
Arte é conhecimento de pessoas inquietas, “buscantes”.*

Lucimar Bello

Entendemos que um processo investigativo que tem o intuito de provocar a memória das pessoas para iluminar a história de uma instituição escolar e sua relação com o processo formativo dos jovens constitui-se num desafio, dada sua especificidade, complexidade e trato com as memórias valorativas da comunidade escolar. Nesse sentido, concordamos com Ciavatta (2009, p. 17) quando diz que “[...] a ação sobre o presente permite transformar a realidade”.

Refletindo com Ciavatta, entendemos que a partir da tomada de consciência do seu papel na comunidade escolar no que tange ao senso de pertencimento, esses indivíduos podem transformar sua realidade.

Nessa perspectiva, compreendemos que uma história é feita pelas várias vozes dos sujeitos que lá transitaram e pelos indivíduos que ainda transitam na instituição. Sabemos também que esses discursos são mesclados com as experiências de cada ser humano envolvido na investigação.

Dada a dimensão do processo investigativo, vamos analisar os dados produzidos na escola de Ensino Médio “Hunney Everest Piovesan”. Estes se relacionam às imagens da escola como mediadoras na formação dos jovens por meio de objetos fotográficos que envolvem a história e a memória da instituição escolar e o senso de pertencimento a esses espaços intraescolares.

Dessa forma, acreditamos que um ambiente agradável, confortável e rico em estímulos visuais e pedagógicos pode contribuir com uma reeducação e a formação de novos vínculos comportamentais para a classe discente. De acordo com Vigotski (2010, p. 77) “[...] seria correto falar em reeducação [...] uma vez que, em termos psicológicos, temos em toda a parte a fixação de alguns novos vínculos no sistema já constituído de comportamento”. Ao dialogar com Vigotski nos referimos a uma reeducação do olhar, das diversas possibilidades que um ambiente pode nos

propiciar e como a aproximação da Arte corrobora a ampliação de sentido atribuído pelos sujeitos aos espaços intraescolares e ao cultivo da memória desses ambientes.

A partir dessas ideias, a análise dos dados produzidos com os jovens foi pautada nos momentos de experimentações, nas intervenções em fotografias que narram sua história familiar e escolar, o processo de ressignificação das imagens da instituição escolar ao longo dos anos e em questionários propostos aos alunos.

Assim, neste capítulo, iremos analisar as imagens escolares na formação dos jovens no ensino da Arte em diálogo com a história, memória e ambientes intraescolares. Acreditamos que a Arte, no terceiro ano do Ensino Médio, pode estimular a apropriação dos saberes culturais e vivências estéticas que irão reverberar durante toda a vida do indivíduo.

Deste modo, é de vital importância proporcionar momentos de experimentação e vivências artísticas aos educandos nesse nível de ensino. A Legislação Educacional Nacional prevê o ensino da Arte nos diversos níveis da educação básica. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,

O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (BRASIL. Lei n. 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Artigo 26, § 2º).

Acreditando que a Arte é parte integrante do currículo do Ensino Médio e entendendo sua contribuição na formação dos jovens, iniciamos a intervenção com as primeiras experimentações em papel fotográfico³³. Nessa ocasião os alunos foram estimulados a fazer as “Primeiras experimentações: velando o papel fotográfico” e se apropriando de diversas técnicas e possibilidades de refletir sobre outras possíveis maneiras de alcançar seus objetivos artísticos. Em seguida, fizemos as “Intervenções na própria história”: nesse momento os alunos fizeram modificações em suas próprias imagens fotográficas. Na proposta “Escrevendo seu

³³Papel fotográfico é um tipo de papel revestido com uma camada de produtos químicos fotossensíveis. O papel fotográfico utilizado na intervenção foi gentilmente doado pelo arte-educador plástico Marcelo Gandini.

nome na história”, os jovens fizeram intervenções em papel fotográfico com seus nomes inscritos em um processo coletivo de ressignificação.

O próximo passo da intervenção aconteceu no laboratório de informática. Na ocasião os alunos puderam fazer “Ampliações e ressignificações da memória”. Nessa intervenção, os estudantes puderam desenhar no papel fotográfico utilizando caneta de retroprojeter num tamanho ampliado. Após essa etapa, as produções artísticas foram ressignificadas no laboratório de fotografia improvisado no vestiário feminino da escola.

Outro momento de intervenção foi o “Revelando Décadas: Memórias e Momentos”, no qual os jovens organizaram a exposição dos seus trabalhos numa proposta colaborativa.

Nesse capítulo, apresentaremos ainda, algumas problematizações em relação a inauguração oficial da escola, análise dos questionários e dos espaços intraescolares em diálogo com a história e memória da escola por entendemos que os momentos de experimentação e as concepções por ele adquiridos contribuem para a formação dos jovens, pois acreditamos que “[...] como qualquer vivência intensa, a vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores e, evidentemente, nunca passa sem deixar vestígios para o nosso comportamento [...]” (VIGOTSKI, 2010, p.342). Acreditamos que no processo educacional o fazer artístico está ligado ao pensamento reflexivo sobre sua produção. Dessa forma, apresentaremos e analisaremos as reflexões sobre o processo de intervenção em todas as etapas da pesquisa.

É importante ressaltar que em todas as etapas da pesquisa proposta foram utilizados vários instrumentos de produção de dados como registros fotográficos, gravação de áudio e vídeo e diário de bordo. Deste modo, as análises subsequentes têm como base a organização, escuta e resscuta desses materiais a fim de tornar a análise o mais original possível, pois concordamos que “[...] os aspectos sociais do ser humano não podem ser separados dos outros aspectos da sua vida [...]” (HOBSBAWM, 1983 apud CIAVATTA, 2009, p.49).

5.1. ANÁLISE DOS MOMENTOS DE EXPERIMENTAÇÃO

Todo o futuro é alcançado pelo homem com a ajuda da imaginação criadora.

L.S. Vigotski

Apresentamos, a seguir, as experimentações fotográficas produzidas pelos alunos do último ano do Ensino Médio e suas reflexões durante o processo de intervenção na Escola “Hunney Everest Piovesan”.

As experimentações configuram-se em momentos importantes para a criação, pois “[...] é exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente” (VIGOTSKI, 2009, p. 14).

Como dissemos, os momentos anteriores à intervenção oportunizaram aos alunos atividades expostas e visualizadas no laboratório de informática na busca de sensibilizá-los a respeito da temática abordada em todas as fases da intervenção.

Cabe lembrar que inicialmente os alunos participaram de uma palestra a respeito da constituição histórica da escola. Foi produzido e exibido um vídeo com as imagens da escola que permeiam sua inauguração oficial até a atualidade. O objetivo foi apresentar as fotografias originais da década de 1970, as quais retratam a trajetória da escola. Também foram apresentados outros documentos históricos, tais como o primeiro livro de ponto da instituição escolar, recortes de jornais da mesma década e diários de classe.

Após a fase de sensibilização histórica, os jovens tiveram aproximações com as obras do arte-educador Marcelo Gandini e puderam ampliar seu repertório imagético e artístico. Posteriormente, os estudantes foram convidados a refletir sobre a trajetória, os documentos históricos e fotografias da escola com as obras do arte-educador e do seu processo de ressignificação imagética.

Entendemos que proporcionar momentos de criação e experiências estéticas é importante para a ampliação do repertório imagético do aluno. Concordamos com Vigotski (2009, p. 11) quando afirma que “[...] atividade criadora do homem é aquela que se cria algo novo”. Entendemos que a formação dos jovens por meio de objetos fotográficos pode contribuir para o senso de pertencimento dos alunos à instituição

escolar e ao cultivo da memória, pois esse processo educativo “[...] está ligado de modo íntimo à memória; sua essência consiste em reproduzir ou repetir meios de conduta anteriormente criados e elaborados ou ressuscitar marcas de impressões precedentes” (VIGOTSKI, 2009, p. 11).

As experimentações (Figura 16) foram pautadas no respeito às especificidades e também na busca do “afastamento”, este embasado em uma tentativa de não privar ou influenciar o processo criativo do jovem. Dessa forma, há a necessidade de “mergulharmos” na investigação para posteriormente termos um distanciamento metodológico, um exercício árduo e diário que se encontra em constante transformação.



Figura 16 - Primeiras experimentações.
Fonte: Acervo pessoal.

Os alunos foram convidados a fazer as primeiras experimentações no laboratório de fotografia³⁴ e começaram a velar³⁵ o papel fotográfico. No momento em que estavam

³⁴ Laboratório este improvisado no vestiário feminino da escola.

³⁵ No processo utilizado com os alunos o papel fotográfico foi exposto à luz e posteriormente passou por um processo químico com banho em revelador para transformar os sais de prata em prata metálica e dessa forma acelerar o processo que seria natural mas extremamente demorado de

velando o papel, uma série de questionamentos vieram à tona, pois não acreditavam naquela “mágica” do papel azul claro transformar-se em segundos numa superfície com um azul muito escuro, quase negro.

Alguns alunos comentaram que o processo assemelhava-se à química e que seria mais interessante se a aula de química fosse daquela maneira também.

– “A aula de química poderia ser assim”.

– “Eu iria gostar de aprender química desse jeito” (DIÁRIO DE BORDO, 03/07/2013).

Esse processo despertou a curiosidade dos alunos, já que um momento artístico envolvia um processo químico do material que estava sendo ressignificado. A articulação da Arte com outras disciplinas é prevista nos diversos dispositivos legais para o Ensino Médio. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1999, p. 179), “[...] é da natureza da arte sua articulação com outras formas de saber: filosófica, histórica, social, científica”.

No discurso dos alunos compreendemos a importância da contextualização para o processo formativo. Aprender de forma contextualizada pode motivar os estudantes e instigar a imaginação e a atividade criadora. Concordamos com Vigotski (2009, p. 19) que o processo criativo “[...] não existe de modo isolado no comportamento humano, mas depende diretamente de outras formas de atividade, em particular do acúmulo de experiência”.

Os alunos ainda conseguiram perceber que a textura do papel fotográfico também mudou com o processo de velamento. Ele tornou-se gelatinoso. Compreendemos que seus interesses quanto à aula contextualizada e com o uso de novos espaços para o aprendizado pode favorecer a formação dos jovens do terceiro ano do Ensino Médio.

Em seguida ao processo de velamento do papel (Figura 17), os alunos puderam testar diversas formas de construção imagética. A cada cor que os estudantes conseguiam revelar era uma descoberta surpreendente. Nessa perspectiva, “[...] a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade

da experiência anterior da pessoa [...]” (VIGOTSKI, 2009, p. 22).

A partir dos registros fotográficos (Figura 17 e 18), analisamos que os discentes utilizaram diversas técnicas para a construção imagética. Entre elas estão o isolamento de determinadas partes do suporte fotográfico, a raspagem e a retirada das cores utilizando cloro borrifado, ou de forma um pouco mais controlada, utilizando cotonetes.



Figura 17 - Experimentações imagéticas.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 18 - Papel fotográfico: descoberta das cores.
Fonte: Acervo pessoal.

Materiais artísticos diversos como papel fotográfico, cloro, água sanitária, revelador,³⁶ espátulas, algodão, luvas, vinagre, água, fita adesiva, estilete, tesoura e canetas para retroprojektor foram utilizados para possibilitar a experimentação e ampliação da técnica.

O papel fotográfico foi cortado pelos alunos para que pudessem socializar o material. Após o corte em pedaços desproporcionais³⁷, os alunos começaram a velar o papel fotográfico. Enquanto o processo químico de velação estava acontecendo, uma surpreendente gama de cores aparecia e à medida que o tempo passava, essas tonalidades modificavam-se, dando lugar a cores mais escuras até chegar ao preto velado. Acrescentar ou dar visibilidade a uma quantidade de cores nesse papel inicialmente branco para posteriormente retirar as camadas de tinta na tentativa de construção de imagens era um processo instigante.

Já que o processo de velamento e secagem iria demandar certo tempo, tivemos que guardar esse material para ser utilizado no próximo encontro. Consideramos que períodos de espera entre uma aula e outra constituem momentos importantes de reflexão sobre a prática estética. Cada estudante necessita de tempos diferentes para a apropriação do conhecimento e é necessário respeitarmos essa peculiaridade. Deste modo, “[...] o ensino de arte necessita de um processo sistemático de aprender a ver, observar, pensar criticamente [...]” (OTT, 2008, p. 123).

No encontro seguinte os alunos estavam ansiosos para fazer as intervenções nos papéis que haviam velado anteriormente. Para a criação de uma imagem com uma ressignificação um pouco mais precisa, eles usavam cotonetes embebidos em cloro ou água sanitária (Figura 19).

³⁶O revelador é um produto químico, que, por meio de uma reação de óxido-redução, conclui a transformação dos haletos de prata. Os reveladores são soluções alcalinas, geralmente à base de hidroquinona e metol.

³⁷A desproporcionalidade foi intencional e decidida em caráter colaborativo, visto que estávamos numa turma de Ensino Médio com características heterogêneas, e os alunos queriam ter a possibilidade de experimentar tamanhos diversificados como suporte.



Figura 19 - Experimentações com papel velado.
Fonte: Acervo pessoal.

É interessante ressaltar que a água sanitária tem um poder de ação mais lento que o cloro, o que proporciona maior controle sobre a imagem a ser construída. Outra possibilidade foi a raspagem dos papéis para a criação de imagens. Alguns alunos optaram por usar apenas uma técnica ou várias técnicas numa mesma imagem.

Também puderam criar desenhos utilizando canetas de retroprojeter, que possibilitava fazer intervenções em imagens já construídas e ressignificá-las. Após esses desenhos, os alunos podiam continuar intervindo nesses suportes.

Outra forma de construção imagética era o isolamento de determinada área com fita adesiva ou qualquer material que impossibilitasse que o cloro agisse retirando as camadas de cor nas imagens. Esses materiais isolantes poderiam ser fitas adesivas, vaselina ou a gordura do próprio corpo dos alunos. Alguns estudantes experimentaram essa técnica e foi muito interessante, pois a partir de materiais do seu próprio organismo puderam ressignificar as imagens.

Essas experiências individuais, mas compartilhadas coletivamente, aumentaram o repertório imagético desses estudantes e puderam proporcionar vivências estéticas

singulares (Figuras 20, 21 e 22).



Figura 20 - Momentos de intervenção.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 21 - Momentos de experimentações.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 22 - Experimentações diversas.
Nota: Acervo pessoal.

No terceiro encontro, os momentos de experimentação continuaram, já que a turma era composta de um número significativo de alunos e o espaço utilizado para a intervenção foi o vestiário feminino, um local pequeno, mas que apresentava condições que possibilitavam as intervenções, como pias para lavarmos o papel fotográfico, banco para acomodarmos os materiais e paredes azulejadas para a secagem das fotografias. Entretanto, os alunos tiveram que ser divididos em dois grupos para um maior conforto em relação ao espaço utilizado.

Entendemos que todos os espaços intraescolares são potencialmente educativos. Deste modo, na pesquisa foram utilizados diversos ambientes para a produção de dados. Nesse sentido, compreendemos os espaços como formadores dos sujeitos a partir da sua imagética e das marcas implícitas na sua arquitetura.

Enquanto um grupo trabalhava no laboratório de fotografia improvisado, outro esperava nos bancos da quadra poliesportiva da escola, fazendo a seleção das imagens que seriam trabalhadas na próxima aula, discutindo como seria o vídeo, qual música acrescentar na edição, e refletindo sobre as imagens feitas (Figura 23).



Figura 23 - Alunos fazendo a escolha das imagens a serem editadas e ressignificadas posteriormente.

Fonte: Acervo pessoal.

Após vivenciar algumas possibilidades artísticas que o papel fotográfico poderia oferecer e de serem estimulados pela diversidade de materiais criados nos momentos de experimentação, os estudantes puderam experimentar novos suportes e outras formas de criação, desta vez com base na história e memória da instituição escolar e nas próprias vivências.

Concordamos com Vigotski (2009, p. 14) quando afirma que

O cérebro não é a apenas o órgão que conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas também o que combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento.

A diversidade de materiais empregados para o processo de construção imagética reflete a experiência que esses estudantes acumularam nos momentos de experimentação. Acreditamos que “[...] quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela” (VIGOTSKI, 2009, p. 22).

Nessa fase da investigação, percebemos o quanto é importante para a formação dos jovens os momentos de vivências e experiências imagéticas. Entendemos que “[...] a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e

a técnica” (VIGOTSKI, 2009, p. 14).

Acreditamos que quando estimulamos os jovens no processo criativo por meio das experimentações, sua gama de possibilidades estéticas amplia-se e sua capacidade crítica é aguçada.

5.2. INTERVENÇÕES NA PRÓPRIA HISTÓRIA

Propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada.

Beatriz Sarlo

No intuito de agregar os conhecimentos adquiridos anteriormente com os momentos de experimentações, nossas próximas reflexões são entrelaçadas pela história de cada estudante, cada recorte de memória que reunimos como parte de uma história coletiva e propusemos uma intervenção imagética a partir de fotografias antigas³⁸ dos próprios alunos. Essas imagens carregadas de história e lembranças foram ressignificadas pelos alunos e compartilhadas com a comunidade escolar.

Nesse processo de ressignificação, os estudantes utilizaram canetas de retroprojeter para fazer desenhos sobrepondo às imagens fotográficas ou acrescentando informações a elas. Essa etapa de construção imagética aconteceu em sala de aula tradicional, pois não necessitava de ambiente específico com lavatórios e os estudantes não utilizaram produtos químicos como o cloro, interviram com as canetas de retroprojeter e estiletos para rasparem as imagens (Figura 24).

³⁸Para a investigação não delimitamos um tempo preciso para determinar o termo “antigo”. Alguns alunos levaram fotos de 10 anos atrás, outros fizeram a intervenção em fotos de 1 ano de existência. Acreditamos que toda fotografia é carregada de história e essas memórias podem ter 15 anos ou 10 dias. Elas continuam sendo significativas para aquelas pessoas.



Figura 24 - Intervenção em fotografias dos próprios alunos.

Fonte: Acervo pessoal

No processo seguinte fomos para o vestiário, onde funcionava nosso laboratório fotográfico e fizemos as intervenções com água sanitária e cloro. Nessa etapa, os alunos, já dispostos de conhecimento anterior sobre o uso das técnicas de reconstrução pela construção, puderam escolher qual experimentação gostariam de utilizar. Também tiveram a oportunidade de descobrir outras possibilidades, por meio da experimentação.

O aluno Relton Cruz descobriu, através dos momentos de experimentação artística, que se juntasse vinagre ao cloro, o processo de retirada das camadas de tinta poderia ser acelerado. Acreditamos que esses momentos de descoberta e experimentação são importantes, pois o processo criativo acontece nos momentos “[...] em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo [...]” (VIGOTSKI, 2009, p. 15).

Rapidamente, após o momento da descoberta, o aluno compartilhou o conhecimento com a turma com o intuito de que outros alunos também pudessem experimentar a criação e acelerar o processo de desenho por meio da desconstrução das cores do papel velado.

Relton Cruz comentou a descoberta:

Gente, se misturarmos um pouco de vinagre ao cloro, poderemos acelerar o processo de retirada das camadas de tinta (DIÁRIO DE BORDO, 29/07/2013).

Na etapa de ressignificação no laboratório de fotografia, os alunos ressignificaram suas próprias imagens, o que causou um certo receio de alguns.

Professora, vou passar só um pouquinho de cloro, porque não quero que minha imagem desapareça.

A aluna Keity Tohnes comentou sua intervenção artística:

Eu gostei muito da minha foto, ela ficou mais bonita (DIÁRIO DE BORDO, 08/08/2013).

Esse fato nos faz perceber o cuidado com a invisibilidade ou desmaterialização dos próprios sujeitos. Alguns alunos sentiram receio em desmaterializar sua imagem, já outros fizeram a intervenção sem medo, reconstruindo suas imagens através da retirada das camadas de cor por processo químico.

Durante esse processo de ressignificação, tivemos que repensar nossa prática. Ao modificarmos a imagem original dos álbuns dos alunos, perdemos o registro fotográfico, a história implícita naquela imagem. Nesse momento, foi necessário redirecionar nossas ações para que nas próximas etapas fosse preservado o registro original, a memória e a história de cada aluno e da instituição escolar.

Para a análise dos dados produzidos, foram eleitas três produções imagéticas. As intervenções escolhidas foram das alunas Amanda, Juliana e Hevander. Essa escolha foi feita tendo como parâmetro o envolvimento dos alunos em todas as etapas da intervenção proposta. Eles foram convidados a fazer um resgate das suas memórias, refletir sobre sua trajetória de vida e ressignificar suas imagens.

Esse processo de ressignificação imagética (Figura 25) a partir da história e memória de cada estudante foi extremamente complexo, pois lidar com memórias valorativas, materializadas nas fotografias, requer extrema sensibilidade.



Figura 25 - Intervenção em fotografias antigas dos alunos.
Fonte: Acervo pessoal.

Os alunos levaram álbuns das famílias para a escola e puderam contar/relembrar suas histórias. Deste modo, adentraram num universo de lembranças que remetem a infância e fatos ocorridos em suas vida. Concordamos que “[...] cada registro é parte de uma história e constitui, ele próprio, um princípio de memória” (CIAVATTA, 2009, p. 116).

Analisando a intervenção de Amanda Cruz (Figura 26), pudemos perceber um cuidado com o desenho no processo criativo. A aluna faz uso de várias espessuras de traçado e procura dar um tratamento diferenciado no seu animal de estimação. Ela comenta:

Professora, não quero mudar muito não. Só quero acrescentar algumas coisas na fotografia (DIÁRIO DE BORDO, 05/08/2013).



Figura 26 - Processo criativo de Amanda Cruz.
Fonte: Acervo pessoal.

No trabalho de Amanda, notamos um cuidado com o tratamento da imagem, como se a desmaterialização da mesma fosse acarretar danos às suas lembranças e conseqüentemente à sua história. Nesse contexto, a fotografia caracteriza-se como “Testemunho visual das aparências, como informação e como fonte de recordação e emoção, a imagem fotográfica associa-se à memória [...]” (CIAVATTA, 2009, p. 118). Por ser fonte histórica e carregada com as memórias dos estudantes, nossas ações tiveram que ser redirecionadas com o intuito de preservar esse documento histórico e fonte de recordação nas próximas intervenções. Notamos que, ao modificar as imagens originais dos alunos, estávamos comprometendo o cultivo da memória materializada naqueles suportes fotográficos.

Um cuidado especial com o animal de estimação também é exposto na imagem. Ela utiliza caneta de retroprojeter de diversas cores para desenhar traços nos pelos da cadela e no laço de fita em sua cabeça. São traços delicados como se os pelos do animal estivessem em movimento. Também notamos um zelo com as linhas que representam a cama em que a estudante está deitada de bruços. Ela acrescenta detalhes rebuscados na cabeceira da cama que provocam uma harmonia na composição. Os traços lineares do lençol da cama provocam efeito de perspectiva na imagem de Amanda.

Entendemos que essa valorização dos elementos da imagem por meio do traçado cuidadoso e delicado reflete o valor que esse suporte imagético exerce nas memórias valorativas das pessoas. Sabemos que, “[...] como arte, documento ou fonte histórica, a fotografia é sempre produto do encontro entre o olhar humano e o aparato técnico” (CIAVATTA, 2009, p. 116).

Enquanto o processo de ressignificação estava em andamento, os alunos conversavam sobre fatos ocorridos na época da captura dessas imagens. Esse diálogo perpassou questões ligadas à família desses estudantes, a escola onde estudaram, seus animais de estimação, seus *hobbies* prediletos, o lugar onde moravam, entre outros.

A imagem fotográfica medeia o processo de recordação dos fatos passados e, por meio do processo narrativo, os estudantes materializam essas experiências através da história oral. Concordamos que “[...] a narração da experiência está unida ao corpo e à voz a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência [...]” (SARLO, 2007, p. 24).

Esse retorno ao passado através das imagens fotográficas evidencia que “a fotografia é parte importante da ampliação da capacidade humana de se representar, construindo a história e conferindo significado a essas representações”. (CIAVATTA, 2009, p. 114).

Na ressignificação imagética de Juliana Krause (Figura 27), identificamos uma produção que evidencia a figura da estudante em primeiro plano com destaque para o traçado expressionista nos seus cabelos e o desenho do urso de pelúcia que a aluna abraça aconchegantemente.

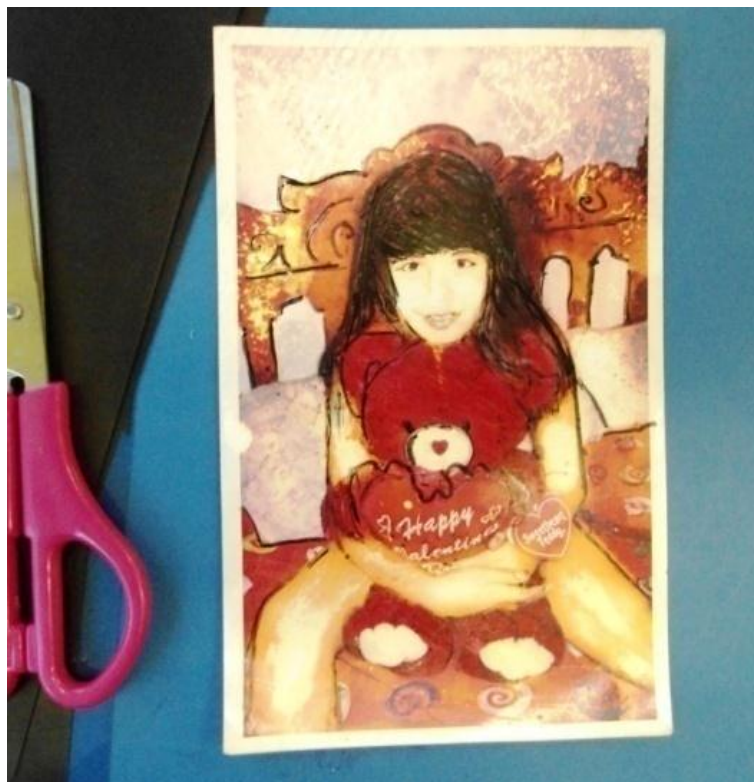


Figura 27-- Processo criativo de Juliana Krause.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 28- Resignificação finalizada.
Fonte: Acervo pessoal.

Nos cabelos da estudante, as linhas se entrelaçam, sobrepondo-se, criando um efeito de volume e movimento que conferem leveza a seu semblante pueril. A combinação de desenho com caneta de retroprojeto e a construção das imagens pela desconstrução da cor por processo químico com cloro provocaram uma composição muito interessante.

É importante destacar o desenho na cabeceira da cama com arabescos talhados na madeira e (re)construídos por Juliana com desenhos que seguiam precisamente os entalhes na madeira e ora acrescentava arabescos novos à produção imagética. O mobiliário na fotografia reflete a época em que a imagem foi capturada.

Remetemo-nos à concepção de indiciário de Carlo Ginzburg (1989), caracterizando-se pela observação dos mínimos detalhes, prevendo “[...] não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas [...] pelo contrário, é necessário analisar os pormenores mais negligenciáveis [...]” (GINZBURG, 1989, p. 144).

Entendemos que a análise desses elementos indiciários reflete a trajetória dessa estudante, seus hábitos e costumes, pois a lembrança nos acomete “[...] até mesmo quando não é convocada” (SARLO, 2007, p. 10).

Compreendemos a importância da contextualização histórica no processo educativo, e que a mediação consiste na “[...] visão historicizada do objeto singular, cujo conhecimento deve ser buscado em suas determinações mais gerais, em seus universais, assim como ser situado no tempo e no espaço [...]” (CIAVATTA, 2009, p. 133-134).

O suporte fotográfico como elemento mediador consiste em situar a imagem “[...] em sua gênese, conhecer as relações subjacentes ao objeto fotográfico, as razões de ser de determinada imagem, sua trajetória, seus usos e sua apropriação” (CIAVATTA, 2009, p. 119).

Na produção de Hevander Matos (Figura 29), a infância é a temática principal. O aluno se recordou dos momentos em que frequentava a educação infantil e como era o uniforme que usava. Essas lembranças foram elementos disparadores para uma série de inquietações de seus amigos, que perguntaram em qual escola,

Hevander estudou e onde ele morava quando era pequeno.



Figura 29- Processo criativo de Hevander Matos.
Fonte: Acervo pessoal.

Ao olhar a imagem fotográfica, recordações vieram à tona, e o aluno lembrou-se de fatos que ele havia esquecido temporariamente. Ele recordou a cor do seu uniforme escolar que há muitos anos usava. Nesse sentido, concordamos “[...] que as imagens não possuem significações em si mesmas, mas sim na interação com um meio, num dado tempo e lugar [...]” (BREDARIOLI, 2009, p. 18).

O aluno utilizou canetas de retroprojeter e fez desenhos no papel fotográfico, acrescentando elementos à imagem. Após esse processo criativo, ele fez interferências, incorporando novos elementos a partir da técnica da raspagem com estilete e desconstrução da cor com cloro.

Na imagem de Hevander, percebemos um tratamento gráfico diferenciado no seu uniforme e na sua mochila. O aluno preservou algumas características do uniforme escolar, entretanto modificou outros elementos, como a manga da blusa, sua bermuda e as alças da mochila que guardava seus materiais.

A sala onde o estudante estava também ganhou um tratamento com desenhos e intervenções químicas com cloro, especialmente o sofá e o tapete que estava no

chão. Os arabescos no tapete foram desenhados, e um minucioso trabalho de construção imagética foi feito com a desconstrução pelo cloro.

Durante essa etapa do trabalho artístico, o estudante complexificou seu processo de ressignificação da imagem ao mesmo tempo em que se apropriou e reconstituiu novas lembranças recorrentes da intervenção. “Dessa forma, a imaginação sempre constrói materiais hauridos da realidade” (VIGOTSKI, 2009, p. 21).

A imagem materializada suscita lembranças que estavam há muito tempo esquecidas e voltaram a se materializar no momento da ressignificação imagética. O aluno comentou com seus amigos de escola os momentos infantis que vivenciou e reportou-se a uma memória escolar, que faz parte da sua identidade. Esses relatos são “[...] discursos prenhes de elementos de ação que se projetam do passado para o presente e instauram formas de ser do passado no presente, em direção ao futuro” (CIAVATTA, 2009, p. 51).

Ao mesmo tempo em que os alunos produzem as ressignificações nas imagens, eles fazem reflexões sobre os ambientes representados nelas. O espaço intraescolar tem o potencial de transformar a realidade dos estudantes, pois possuem elementos, marcas dos sujeitos que por ele transitaram e foram formados, auxiliando na formação dos jovens e na construção de sua identidade.

Ao relacionarmos o meio social e as imagens, concordamos que as “[...] fotografias não são apenas fragmentos de uma realidade ‘que foi’. Elas conformam uma memória que articula sentimentos, aspirações, interesses, projetos, que educa para organizar ações e constituir identidades [...]” (CIAVATTA, 2009, p. 118).

Buscamos repensar nossas ações com o intuito de não causar desconforto nos alunos em relação ao processo interventivo. Sabemos que trabalhar com as valorosas memórias dos indivíduos é desafiador, pois as lembranças são bens imateriais de valor inestimável que contam a sua história e de seus familiares. No entanto, este processo investigativo fez com que repensássemos e analisássemos nossa própria prática e os caminhos metodológicos utilizados para esta intervenção, visto que a ausência de zelo em não ter reproduzido as imagens desses alunos e pedirmos uma intervenção sobre as originais trouxe o apagamento da memória materializada dada pela fotografia. Indisplicência esta que torna-se experiência e

também memória, pois percebemos nos diálogos e nas análises destes a preocupação dos estudantes em intervir de fato, invisibilizando suas marcas históricas, impossibilitando assim outras e possíveis transformações deste objeto, caso tivesse proporcionado escaneamento, fotografia de fotografia, xerox colorida, preservando dessa forma a imagem original e, logo, sua materialidade.

5.3. ESCREVENDO SEU NOME NA HISTÓRIA

[...] os homens agem no presente enquanto recriam o passado.

Maria Ciavatta

Dentro da proposta colaborativa, os alunos foram estimulados a escreverem seus nomes no papel fotográfico, que havia sido anteriormente velado. Como estávamos trabalhando com um rolo de papel fotográfico³⁹ em dimensões consideráveis, os alunos puderam escrever seus nomes e implicitamente suas memórias dentro de uma história coletiva.

Para o processo criativo, os estudantes fizeram uso da técnica de isolamento do papel velado utilizando fitas adesivas. Alguns alunos optaram por escrever seu primeiro nome completo e outros escreveram de forma abreviada (Figuras 30, 31 e 32).

³⁹Papel fotográfico é um tipo de papel revestido com uma camada de produtos químicos fotossensíveis. O papel fotográfico utilizado na intervenção foi gentilmente doado pelo arte-educador plástico Marcelo Gandini.



Figura 30 - Alunos escrevendo seus nomes no papel fotográfico.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 31-Experimentações com os nomes dos alunos.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 32-Retirada das fitas adesivas.
Fonte: Acervo pessoal.

Os estudantes trabalharam em conjunto, utilizando um único papel fotográfico em tamanho retangular para a criação artística. Enquanto estavam escrevendo seus nomes, produziam coletivamente sua intervenção. Esse processo artístico privilegiou o princípio coletivo e colaborativo de trabalho.

Para as etapas da criação artística, demandava-se um período de reflexão e produção. Concordamos com Chisté (2007) quando afirma que a vivência estética consiste num processo lento, que não acontece de forma repentina, pelo contrário, esta pode reverberar-se de inúmeras formas e em vários momentos da vida.

Entendemos ainda que “[...] a vivência artística é a vivência mais econômica e mais útil para o organismo, produz o máximo efeito com a mínima perda de energia, e esse ganho de energia é o que constitui uma espécie de base do prazer estético” (VIGOTSKI 2010, p. 335).

De alguma maneira, a história desses indivíduos estava sendo gravada naquele suporte artístico, e essa história é repleta de lembranças e experiências. Após o processo de isolamento, seguimos para o laboratório de fotografia, e os alunos puderam gravar suas histórias no suporte fotográfico, como marcas na história da turma e assim ampliar mais um capítulo na história da escola.

As marcas que os alunos deixaram nas imagens fotográficas também ficaram implícitas naqueles espaços que eles utilizaram. Um ambiente intraescolar estimulante pode agir na formação dos sujeitos ao mesmo tempo em que pode ser ressignificado pelos estudantes.

5.4. AMPLIAÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES DA MEMÓRIA

[...] alimentar a memória dos homens requer tanto gosto, tanto estilo, tanta paixão, como rigor e método.

Le Goff

Construída em conjunto, a atividade proposta constitui-se de um trabalho que envolve as lembranças materializadas nas fotografias antigas da escola que foram ressignificadas 40 anos após sua inauguração por alunos que estudam na mesma

instituição escolar.

As fotografias são marcas de um passado e refletem seu modo de viver, de estar na sociedade. A indumentária da época (Figura 33) e a disciplina materializada no suporte fotográfico chamaram a atenção dos alunos. Entretanto, outras características são comuns depois de quatro décadas. Os jogos de futebol constituíram elemento comum na vida estudantil.



Figura 33-Ressignificação de fotografias antigas da escola.
Fonte: Acervo pessoal.

Para esse momento criativo, os alunos foram convidados a executar a primeira fase da intervenção no laboratório de informática. As imagens fotográficas foram reproduzidas no “data show” e puderam ser ressignificadas no papel fotográfico afixado na parede da sala. Os alunos utilizaram canetas de retroprojeter de diversas cores (Figura 34).



Figura 34-Ampliações de fotografias da escola.

Fonte: Acervo pessoal.

Dentro desse processo criativo, também foi proposto aos alunos que fizessem ressignificações em fotografias que refletiam a história da instituição escolar (Figuras 35 e 36). As fotografias foram selecionadas a partir de dois álbuns fotográficos antigos, que foram encontrados por um ex-funcionário da escola e entregues à instituição, que prontamente os cedeu para a investigação.

É importante salientar que esses documentos perderam-se durante uma reforma na escola e ficaram mais de décadas sem serem encontrados. Como consequência do sentimento de preservação da memória escolar, o ex-funcionário devolveu esse valioso material histórico para a instituição.



Figura 35 - Ampliações de fotografias antigas da escola.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 36 - Ressignificações nas fotografias antigas.
Fonte: Acervo pessoal.

Nesse contexto, os alunos escolheram 50 fotografias que foram impressas em papel fotográfico com tamanhos que variavam entre 10 x 15 centímetros e 50 x 70 centímetros. Esses “documentos” que narram visualmente a história da escola foram ressignificados (Figuras 37, 38 e 39) por meio de técnicas diversas, incluindo as experimentações anteriores e novas técnicas criadas pelos estudantes.

Nessa perspectiva, as fotografias enquadram-se na categoria de documentos, pois “[...] a história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem [...], logo, com palavras. Signos. [...]” (FEBVRE, 1949 apud LE GOFF, 2003, p. 540).



Figura 37-Desenhos nas fotografias antigas.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 38 - Ressignificações diversas nas fotografias antigas.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 39 - Desenhos e técnicas mistas.
Fonte: Acervo pessoal.

No laboratório de informática, dois grupos de trabalho se formaram: um grupo trabalhou na ampliação das fotografias da instituição escolar e outro ressignificou as 50 fotografias selecionadas pelos estudantes e impressas anteriormente.

Após esse processo de desenho e ressignificação das imagens, os alunos puderam iniciar o processo de velamento e em seguida desconstrução da cor e ressignificação das imagens com a utilização de estiletes e cloro (Figuras 40 e 41).



Figura 40 - Experimentações com papel fotográfico.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 41 - Experimentações após os desenhos.
Fonte: acervo pessoal.

Foram selecionadas algumas fotografias para esse procedimento. As análises que seguem têm como referência imagens da escola da década de 1970 e imagens escolares contemporâneas. É importante salientar que a escolha dessas imagens foi feita de forma colaborativa, tendo relação com o uso dos espaços no processo educativo (Figura 42).

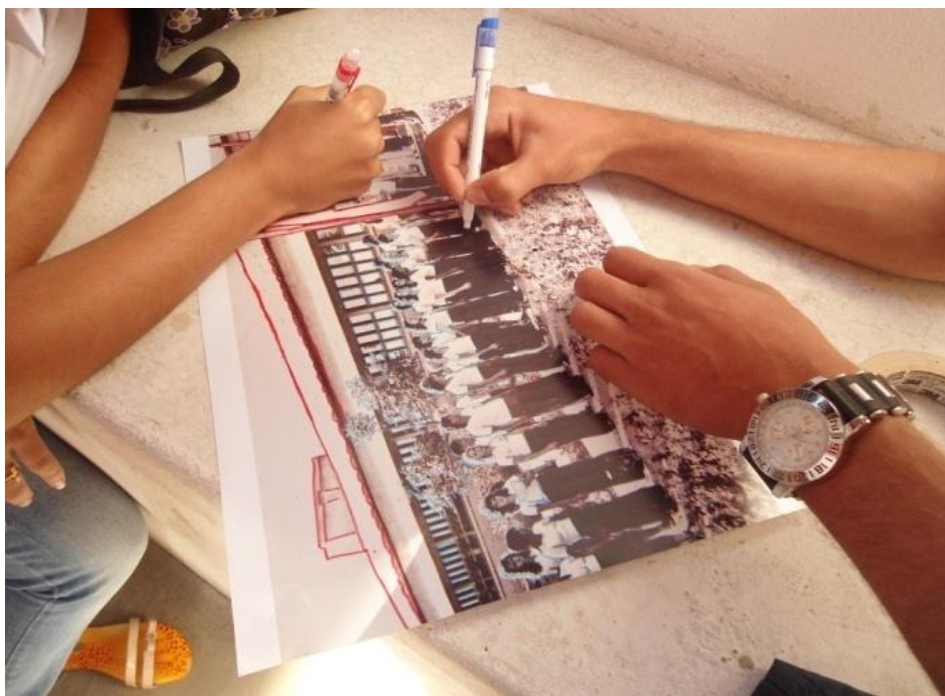


Figura 42 - Intervenção em fotografia da década de 1970.
Fonte: Acervo pessoal.

Ao dialogar com Kosik (1976), Ciavatta (2009) menciona a respeito da constituição da história humana. Nesse contexto, acreditamos que, por meio da mediação com imagens escolares antigas, “[...] o homem realiza a si mesmo e se humaniza na história. A história humana constitui o desdobramento das possibilidades do homem no tempo” (KOSIK, 1976, apud CIAVATTA, 2009, p. 59).

É importante ressaltar que essas produções são fruto de um trabalho coletivo em que um determinado aluno fez intervenções em desenho sobre papel fotográfico, outro estudante propôs ressignificações com cloro sobre esse mesmo suporte e ainda outros alunos fizeram outras tantas intervenções nessa mesma imagem.

Deste modo, as obras aqui apresentadas são fruto de um trabalho coletivo, em consonância com a proposta da investigação acadêmica, não sendo possíveis atribuí-las a um único aluno, mas sim à turma investigada.

Iniciamos a análise pela fotografia em que um grupo de alunos está em posição ereta, aguardando para cantar o Hino Nacional. Todos os estudantes estão uniformizados e alguns professores hasteiam a bandeira do Espírito Santo e do Brasil na frente da escola. Problematizar os aspectos dessa imagem “[...] é uma forma de educar o olhar e a consciência, de dar a ler o mundo em torno e de pensar sobre a realidade” (CIAVATTA, 2009, p. 114).

Geralmente esse ritual acontecia uma vez por semana, e todos os estudantes participavam desse momento. Reflete o nacionalismo que à época da ditadura militar instigava a sociedade. As imagens podem nos levar a outras épocas, outros contextos políticos e educacionais. Sendo assim, as fotografias podem contar a história daquele determinado momento, podem mediar a apropriação de saberes, pois “[...] a história é o mundo das mediações. E a história, enquanto movimento do próprio real, implica o movimento das mediações” (CIAVATTA, 2009, p. 130).

Percebemos a arquitetura escolar agindo como um elemento pedagógico nessa imagem. O discurso pedagógico da época da ditadura militar com seu sistema arquitetônico importado reflete os ares da década de 1970. Essa intervenção externa nos modelos arquitetônicos reflete a “[...] intervenção externa, se não direta e brutal como no tempo da Colônia, mas consentida e associada, permanente e insidiosa por meio de recursos e de ideologias [...]” (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2004, p.14).

Nesse contexto, faz-se necessário “buscar a compreensão pela totalidade implícita, mas oculta, na fotografia supõe o esforço de articular as partes em um todo com seus significados. Supõe investigar o contexto da produção, da apropriação e do uso da fotografia” (CIAVATTA, 2009, p. 115).

É interessante ressaltar que quando essa fotografia foi mostrada para alguns professores atuais da escola, eles alegaram ser a primeira vez que viam todos os vidros das janelas da escola em perfeito estado de conservação. Antes da demolição da escola antiga para a construção da nova, a instituição estava em estado precário de conservação, não possuindo uma única janela em condições ideais de uso.

Alguns alunos que haviam estudado na escola antiga também perceberam esse fato e fizeram interferências em desenho sobre papel fotográfico, representando essa arquitetura peculiar. Os uniformes dos alunos também foram ressignificados e

questões como disciplina e nacionalismo vieram à tona.

Os alunos sabiam que essa fotografia representava um grupo de educandos cantando o Hino Nacional, mas comentaram que na escola atualmente não existe esse ritual semanal. Lembraram que o Hino Nacional raramente é cantado nessa instituição, sendo reservado apenas para momentos solenes da escola ou em jogos escolares. O ato de cantar o Hino Nacional possui implícito em seu bojo uma série de questões políticas e sociais. Reflete a ideologia e as concepções pedagógicas do momento em que a imagem foi produzida.

Após os desenhos com canetas de retroprojeter sobre o suporte fotográfico, os estudantes produziram interferências químicas sobre o papel fotográfico com o intuito de ressignificar a imagem e apreender novas interpretações sobre os costumes, vestuário e comportamento da época.

Acreditamos que essas intervenções em objetos artístico-documentais que representam/contam a história da instituição escolar conferem à educação a “[...] capacidade de conhecer e de atuar, de transformar e de ressignificar a realidade [...]” (CIAVATTA, 2009, p. 15).

Ao observarmos a próxima fotografia (Figura 43), percebemos uma imagem que recria os desfiles escolares da década de 1970. Nessa imagem, podemos ver os alunos carregando objetos que representam as disciplinas cursadas na escola.



Figura 43 - Resignificação em fortografia.
Fonte: Acervo pessoal.

Entendemos que, “[...] embora toda educação contribua para uma certa conformação do homem à realidade material e social que enfrenta, ela deve possibilitar a compreensão dessa mesma realidade, apropriando-se dela e transformando-a” (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2004, p. 21).

Entre as disciplinas cursadas na escola na década de 1970, podemos destacar a disciplina Educação para o lar, Ciências, Educação Artística, Educação Física, Técnicas Comerciais, Inglês e Francês, entre outras.

Na imagem, percebemos que os alunos carregam objetos que representam essas disciplinas estudadas. Podemos ver um aluno que carrega uma placa, fazendo alusão ao estudo de Educação Física e Ciências, cuja frase diz: “Viva Melhor, alimentando-se bem”. Outras estudantes carregam uma mandala, fazendo alusão à disciplina Educação Artística.

O desfile acontecia na frente da instituição escolar e percorria as ruas do bairro onde fica localizada a escola. Dessa forma, a comunidade escolar participava ativamente das atividades da instituição e conhecia suas produções culturais. Nessa perspectiva, faz-se necessário que a escola “[...] desenvolva possibilidades

formativas que contemplem as múltiplas necessidades socioculturais e econômicas dos sujeitos que a constituem [...]” (CIAVATTA, 2009, p. 41).

Os alunos do terceiro ano do Ensino Médio produziram interferências imagéticas dialogando com as memórias implícitas na imagem fotográfica congelada. Eles refletiram sobre as disciplinas cursadas na década de 1970 e as disciplinas atualmente cursadas pelos mesmos.

O processo reflexivo sobre a formação dos jovens está no âmago da investigação proposta. Devemos reconhecer esses jovens “[...] não como cidadãos e trabalhadores de um futuro indefinido, mas como sujeitos de direitos no momento em que cursam o Ensino Médio” (RAMOS, 2004, p. 41).

A intervenção fotográfica proposta especificamente para educação de Ensino Médio “[...] tem especificidade em si mesmo como tempo e espaço de construção de bases de conhecimentos, valores, atitudes que facultam a capacidade analítica e criativa dos sujeitos educandos em sua inserção nas múltiplas esferas da vida social” (FRIGOTTO, CIAVATTA, 2004, p.34).

Em seguida, analisamos os registros fotográficos que retratavam momentos de jogos escolares, desfiles de moda, desfiles cívicos, visitas pedagógicas, apresentação de teatro na instituição, entre outros momentos de formação da vida estudantil (Figuras 44 e 45).



Figura 44 - Aluno observando o passado/presente.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 45 - Fotografias ressignificadas.
Fonte: Acervo pessoal.

Entendemos que o processo formativo a partir da mediação com objetos artístico-documentais é constituído pela mediação entre os sujeitos englobando os aspectos sociais, culturais e históricos. Nesse sentido, as fotografias que materializaram o estilo de vida de determinada sociedade representaram a cultura da comunidade que se caracterizou pelo “[...] processo de produção de símbolos, de representações, de significados e, ao mesmo tempo, prática constituinte e constituída do/pelo tecido social” (RAMOS, 2004, p. 45).

Os alunos dialogaram com as temáticas fotográficas, sempre num processo reflexivo autêntico e intenso, fazendo referência com sua realidade escolar. A cada interferência produzida nas imagens eles se apropriam mais de conhecimentos históricos e memórias que estavam invisibilizadas pelo tempo.

Entretanto, por meio da materialidade da imagem fotográfica, os alunos apropriaram-se dessa história como parte integrante da sua constituição como alunos que participam da trajetória da instituição escolar. Entendemos as imagens fotográficas como mediadoras do processo formativo dos jovens do terceiro ano do Ensino Médio. Nessa perspectiva, acreditamos que,

A fotografia como criação da realidade, como simulacro que é e não é, ao mesmo tempo, o objeto real, a fotografia no que mostra e no que dissimula como conhecimento dissociado da experiência que redefine a própria realidade (CIAVATTA, 2009, p. 114-115).

A seguir, analisamos o registro fotográfico que representa uma partida de basquetebol. Os alunos fizeram interferências nos uniformes dos atletas, na quadra de esportes da escola e no prédio escolar que se encontra no plano de fundo da imagem (Figura 46).



Figura 46 - Desenho em fotografia antiga.
Fonte: Acervo pessoal.

Para tanto utilizaram técnicas diversificadas como desenho sobre papel fotográfico com canetas de retroprojeto de cores variadas, descoberta das cores a partir da raspagem com estiletes e processo químico com cloro. Durante a interferência, os alunos mostraram-se muito entusiasmados, pois descobriam a cada momento elementos que se aproximavam de seu contexto social e histórico.

Ciavatta (2009) propõe reflexões com os estudos de Zemelman (1987), acerca da cronologia do processo histórico. Compreende que “[...] o presente é concebido como um recorte de um processo histórico não concluído, aberto, suscetível de ser potencializado, em sua própria objetividade, pela ação humana” (CIAVATTA, 2009, p. 402).

Os alunos lembraram-se da quadra de esportes antiga da escola e de todos os momentos que praticaram atividades naquele espaço. As fotografias estão em profunda relação com os espaços de formação da escola, sendo indissociável pensar a formação sem refletir sobre a importância desse espaço-ambiente na construção do conhecimento.

A análise feita no próximo material mediado (Figura 47) mostra os alunos alinhados no pátio da escola para assistir uma apresentação de teatro. Essa informação só é

possível por um processo de investigação que reuniu diversas fontes de pesquisas: relatos orais de professores e funcionários da época, fotografias antigas e análise imagética.



Figura 47 - Resignificação com cloro.
Fonte: Acervo pessoal.

Na análise das fontes entendemos que “[...] os produtos da história oral seriam documentos nos quais a palavra é concedida àqueles que não tiveram oportunidades de registrar suas versões sobre os acontecimentos” (CIAVATTA, 2009, p. 111).

Faz-se necessário analisar não apenas os aspectos aparentes das imagens fotográficas, mas levar em consideração seu contexto e suas invisibilidades, pois “[...] como documento, tal qual um monumento, ela mostra a realidade de um tempo e esconde, atrás de si, outros tempos que já não podemos ver senão pela sua aparência, pelos vestígios, pela rerepresentação objetiva/subjetiva da realidade” (CIAVATTA, 2009, p. 114).

A fotografia como possibilidade de mediação na formação dos jovens possui uma série de particularidades e complexidades pertinentes desse processo imagético. Questões relacionadas a temporalidade, espaços em permanente transformação,

hábitos, costumes e memórias são algumas das suas possibilidades reflexivas.

A fotografia está inserida numa imbricada teia de relações sociais, conectada a uma realidade, a um lugar e a uma época. Alguns dos seus aspectos parecem visíveis, enquanto outros são invisibilizados. Nessa perspectiva, “[...] como imagem, a fotografia participa do jogo de espelhos que mostra a Narciso a imagem que ele deseja ver, pode ter uma, cem ou mil formas” (CIAVATTA, 2009, p. 114).

Tendo como suporte teórico, a história da instituição escolar e as diversas mediações dos espaços escolares onde as fotografias foram capturadas, alguns alunos que fizeram as ressignificações imagéticas reconheceram esses ambientes como espaços de formação que foram ressignificados ao longo da história.

Para a intervenção, os alunos criaram desenhos sobre fotografia com canetas de retroprojeter coloridas, construção das imagens por meio da técnica de raspagem com estiles e processo químico com cloro.

A cada rosto ressignificado, os estudantes ficavam inquietos com a história de cada aluno, levantando questões pertinentes àquela turma que fora fotografada. Algumas questões vieram à tona: Quem eram aqueles alunos? Como estão atualmente? Como era o processo educativo na década de 1970? Como foi a apresentação de teatro a que estavam assistindo?

Acreditamos que esse processo reflexivo que culmina numa série de questionamentos é importante para a formação dos jovens. As questões movem nosso desejo de aprender, são estimulantes e ocorrem após um processo reflexivo.

Proporcionar a formação dos jovens mediadas pelos ambientes intraescolares, a história da escola e suas vertentes historiográficas, documentais e imagéticas podem aprimorar o processo reflexivo e aguçar o senso crítico do aluno. Nesse sentido, entendemos que a escola deve “[...] ser um espaço propício a emancipar o aluno, formando uma consciência crítico-reflexiva e promovendo a sua autonomia”

5.5. REVELANDO DÉCADAS: MEMÓRIAS E MOMENTOS

*Qualquer inventor, mesmo um gênio,
é sempre um fruto de seu tempo e de seu meio.*

L.S. Vigotski

Após os processos de apropriação dos saberes necessários à experimentação, os estímulos relacionados à história e à memória da instituição escolar, os jovens escolheram um local para a exposição dos trabalhos em regime de colaboração com os conceitos anteriormente internalizados relacionados à arquitetura escolar, à educação dos ambientes como formadores dos sujeitos, à história e memória da instituição escolar mesclada com as histórias dos sujeitos que lá transitaram/transitam e ao senso de pertencimento dos alunos na escola.

Para o momento da exposição dos trabalhos realizados foram problematizadas algumas questões, entre elas o nome da exposição, o local que seria realizado o *vernissage*,⁴⁰, a confecção dos convites, a edição do vídeo, qual lanche seria oferecido aos alunos, qual música ou banda iria se apresentar, se os pais dos alunos poderiam participar desse momento, qual o dia seria mais apropriado para a mostra.

Após o diálogo conjunto entre a turma e a equipe pedagógica, ficaram definidas as atribuições de cada estudante e esboçamos como seria a exposição. Depois de analisar o calendário escolar, ficou definido que a mostra iria acontecer dia 06 de setembro de 2013, em todo o período do turno matutino, e todos os estudantes e pais seriam convidados formalmente.

Para tanto, confeccionamos um convite (Figuras 48 e 49) com algumas imagens produzidas na intervenção e com uma frase sugerida pela aluna Juliana Krause. A estudante comentou que a frase a sensibilizou de forma extraordinária e que sempre que via as imagens da escola ao longo das décadas rememorava a frase: “Sem você a emoção de hoje seria abafada pela emoção de ontem”.

⁴⁰ Vernissage [vèrnisážé] (palavra francesa) substantivo masculino ou feminino. Inauguração de uma exposição de arte. Fonte, PRIBERAM; Dados do PRIBERAM. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/vernissage>>. Acesso em: 18 dez 2013.



Figura 48 - Convite do vernissage- verso.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 49 - Convite do vernissage- Anverso
Fonte: Acervo pessoal.

A frase foi inspirada no filme “O fabuloso destino de Amélie Poulain”⁴¹, assistido pela aluna anteriormente, e tempos depois ela ainda estava sensibilizada. Para Vigotski (2010), a educação dos sentimentos consiste num recurso importante para o processo educativo. À medida que os alunos são estimulados emocionalmente, podem estabelecer fortes vínculos comportamentais que carregarão consigo ao longo de suas vidas.

Os estudantes estavam muito envolvidos com a exposição dos trabalhos, e o aluno Relton Cruz fez a parte gráfica do convite, bem como a edição do filme produzido pela turma para apresentação no dia do *vernissage*. Para o evento, foi necessária sua produção e divulgação, tendo a escola papel fundamental neste momento, disponibilizando assim as cópias dos convites para que tanto as famílias quanto a comunidade escolar de um modo geral contribuíssem com o processo de ensino e aprendizagem e também dele participassem.

A partir de um processo reflexivo sobre as imagens da escola ao longo dos anos de sua existência e que foram projetadas para os alunos, foi feito um diálogo, e os estudantes escolheram o nome para a exposição dos trabalhos: “Revelando Décadas: Memórias e Momentos”.

Após a escolha do nome da exposição, os alunos confeccionaram papel envelhecido⁴² para a montagem da mostra. O papel envelhecido faria uma alusão ao passado da escola materializado nas imagens fotográficas e ressignificadas pelos discentes (Figura 50).

⁴¹Disponível em: < <http://www.imdb.com/title/tt0211915/>>. Acesso em: 18 dez 2013.

⁴²Foi utilizada uma técnica artesanal para envelhecer o papel utilizando uma solução com pó de café filtrado e água. Após a secagem do papel, os alunos o queimaram para possibilitar esse aspecto envelhecido. Disponível em: <<http://www.essaseoutras.xpg.com.br/envelhecer-papel-tecnicas-envelhecimento-artesanato-como-fazer/#>>. Acesso em: 11 nov. 2013.



Figura 50 - Confeção de papel envelhecido.
Fonte: Acervo pessoal.

É importante salientar que a escola investigada disponibilizou todo o material para a montagem da exposição, valorizando o trabalho dos estudantes como resgate da memória e história da instituição (Figura 51).



Figura 51 - Montagem da exposição com os trabalhos dos alunos.
Fonte: Acervo pessoal.

A montagem da exposição das obras demandou muitas horas de dedicação dos alunos. A escolha dos espaços que seriam organizadas as intervenções fotográficas e a instalação das mesmas foram feitas por um grupo de alunos que se disponibilizou a estar na escola no seu contra-turno para a finalização da montagem da exposição (Figura 52).



Figura 52 - Montagem da exposição no contra-turno.
Fonte: Acervo pessoal.

Os alunos escolheram também o cardápio do lanche a ser servido para toda a escola no dia do *vernissage*. Com antecedência de 15 dias, foi solicitado ao setor de nutrição da Secretaria de Estado da Educação o cardápio especial para o dia acordado anteriormente. Isso demonstra um cuidado com todas as etapas da exposição dos trabalhos, desde o processo criativo ao cardápio oferecido no dia da exposição. Acreditamos que quando os alunos se sentem confortáveis na escola, o processo de apropriação de conhecimentos acontece de maneira otimizada.

Convidamos a banda “Engenheiros Trio” e a banda “Irmandade” para fazer as apresentações musicais no dia do *vernissage*. A primeira banda é composta por antigos alunos da escola e a segunda, por atuais alunos da instituição (Figura 53).



Figura 53 - Revelando Décadas: Memórias e Momentos.
Fonte: Acervo pessoal.

Foi uma apresentação surpreendente, pois os integrantes da banda “Engenheiros Trio”, ao verem as imagens ressignificadas pelos alunos, fizeram relatos sobre a escola, rememorando sua trajetória. A banda compartilhou não apenas sua música, mas também suas histórias redimensionadas pelas lembranças dadas pelas imagens ali apresentadas. Entendemos assim que a troca de saberes entre os indivíduos possibilita a ampliação do repertório de experiências dos alunos, pois a formação dos sujeitos passa pela experiência vivenciada com o outro.

Membros da comunidade escolar e da Secretaria de Estado da Educação foram convidados a prestigiar as intervenções artísticas dos alunos. Acreditamos que a parceria entre as instituições consiste num recurso importante para a disseminação da cultura na escola. As parcerias legitimam, consolidam e possibilitam visibilidade dos eventos da escola e das “obras” dos alunos (Figura 54).



Figura 54- Abertura da exposição.

Fonte: Acervo pessoal.

Os estudantes também produziram um vídeo narrando a trajetória da intervenção e as diversas experimentações durante o percurso. O vídeo foi reproduzido no dia do *vernissage* para toda a comunidade escolar. Entretanto, como o espaço possuía muita luminosidade, a projeção ficou comprometida. Dessa forma, o vídeo foi compartilhado nas redes sociais⁴³, e a comunidade escolar pôde ter acesso ao material produzido.

No vídeo os alunos apresentaram todas as etapas da produção artística. A captação das imagens e a edição foram feitas de forma colaborativa pelos estudantes. O vídeo inicia com a apresentação das imagens dos alunos durante a produção de dados e como fundo musical a obra, “Roda Gigante”, da banda Cachorro Grande.

Durante o vídeo (Figuras 55 e 56), é possível observar frases feitas pelos estudantes que dialogam com as temáticas envolvidas na investigação: espaços intraescolares, história, memória e formação dos jovens por meio da resignificação de fotografias da escola.

⁴³O vídeo foi compartilhado na rede social facebook e no canal youtube. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=c01FXVQ9qSc>>. Acesso em: 07 set. 2013.



Figura 55- Imagem do vídeo elaborado pelo 3º M 03.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 56- Imagem do vídeo elaborado pelo 3º M 03.
Fonte: Acervo pessoal.

Reproduzimos⁴⁴, a seguir, as frases criadas pela turma investigada para a edição do vídeo.

Os anos passaram tão rápido
Mas lembramos muito bem
Dos muitos lugares pessoas
Asha quem falamos de você
Guardamos na mente e no coração
Memórias, não são só memórias
Conta a história
As coisas boas da vida, não são aquelas que duram para sempre.
Mas, são aquelas que deixam boas recordações.
Recordações
Fotos são ótimas recordações
“Não se pode viver de passado, mas é preciso uma dose de recordações
pra manter a estrutura do presente.”

Notamos que no vídeo, os próprios alunos, durante a edição das imagens, nomearam-se. A Figura 57 mostra as alunas Letícia e Juliana durante a fase de produção artística. Essa atitude representa a vontade dos próprios jovens de se sentirem parte integrante do contexto escolar. Reflete o senso de pertencimento desses alunos aos espaços escolares, a construção da história da escola por meio dos fragmentos de memórias desses alunos.

⁴⁴Reproduzimos de forma fiel as frases dos alunos e preferimos não interferir ortograficamente na escrita dos mesmos.



Figura 57- Imagem do vídeo elaborado pelo 3º M 03.
Fonte: Acervo pessoal.

Na parte final do vídeo (Figura 58), fica explícito que esses alunos trabalharam de forma colaborativa durante o processo de investigação.



Figura 58- Imagem do vídeo elaborado pelo 3º M 03.
Fonte: Acervo pessoal.

Nessa parte do vídeo, temos os créditos de direção e descrição do mesmo. Como diretor do trabalho estava o aluno Relton Charles e na descrição do vídeo, estava escrito “Trabalho em equipe”.

Entendemos que num processo de pesquisa colaborativa, todos os alunos devem participar de forma coletiva em todas as etapas do processo. Ao visualizar o vídeo, acreditamos que a turma envolvida na investigação levou esse conceito em todos os momentos da pesquisa.

Durante o vernissage, uma aluna foi selecionada pela turma para ser a porta-voz da classe. Ela escreveu e leu o discurso (Figura 59), que remeteu a todas as vivências da turma ao longo da intervenção, dando ênfase à construção histórica da instituição escolar e seu papel como co-participante dessa história.

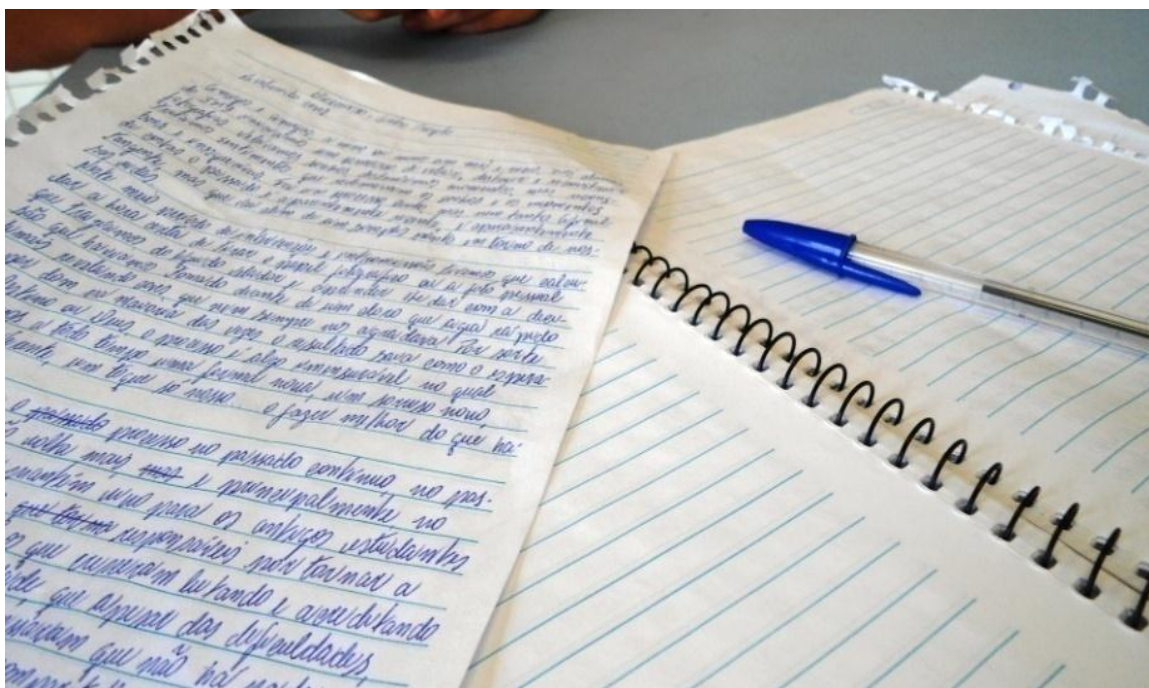


Figura 59 – Discurso proferido por uma aluna.
Fonte: Acervo pessoal.

Discurso⁴⁵ – Artes Projeto

Revelando cores

Amigos e amigas, a mais ou menos um mês e meio, nós, alunos do 3º M 03 iniciamos um processo de velar, destruir e reconstruir fotografias. Velávamos sonhos, destruíamos momentos, mas reconstruíamos

⁴⁵O discurso foi reproduzido na íntegra, de acordo com a versão original escrito pela aluna, preservando a ortografia original. Optamos em destacá-lo como citação por uma questão de forma.

sentimentos que retomavam os sonhos e os momentos bons e inesquecíveis. Foi um processo lento, mas nem tanto. Afinal de contas o passado é aparentemente recente, é aparentemente tangente, mas que vai além de um simples ponto em torno de nossas vidas.

Neste meio período de intervenções e intromissões tivemos que calcular a hora certa de tirar o papel fotográfico ou a foto pessoal que trazíamos, do líquido velador e aprender a lidar com a decisão que havíamos tomado diante de um cloro que agia rápido demais revelando cores que nem sempre nos agradava. Por sorte ou por dom na maioria das vezes o resultado saía como o esperado. Destino de Deus, o processo é algo imensurável na qual aprendemos a todo tempo uma forma nova, um sorriso novo, um jeito diferente, um toque só nosso... o fazer melhor do que já havia feito antes.

Discutiremos hoje o processo no passado contínuo, no passado, passado que não volta mais e principalmente no passado presente que se mantém vivo para os antigos estudantes do “Hunney Everest Piovesan”, responsáveis por tornar a existência da escola possível, os que cresceram lutando e acreditando em uma educação de qualidade que apesar das dificuldades, com o processo de aprendizagem, processaram que não há nada mais prazeroso que rir, praticar esportes, compartilhar momentos, lanche, abraço, conhecimento, experiência, ser e ter amigos. Amigos e amigas, que possamos também fazer assim: nos misturar e nos juntar, superar os desafios, dar boas gargalhadas e ...bater uma foto, para que fique gravado e guardado para os futuros alunos do Hunney como recordação da instituição de ensino que eles merecem.

Desde 1972 o Hunney Everest (famoso “Polivalente”) vem escrevendo sua história e nós fazemos parte dela.

Para finalizar, eu gostaria de agradecer em nome do 3º M 03, a presença de todos vocês. Muito obrigada pela atenção! Quero também agradecer aos professores, que gentilmente cederam suas aulas para que pudéssemos proceder ao trabalho, agradecer a equipe pedagógica pela compreensão, agradecer a Diretora pela permissão. As nutricionistas que fizeram o lanche, enfim, a paciência de todo o corpo da escola, a colaboração do 3ºM03 que foi essencial para a realização do Projeto, a banda por nos proporcionar este momento retrospectivo, agradecer ninguém mais e ninguém menos que o criador das intervenções nas fotografias, Marcelo Gandini e por último, porém muito importante: agradecemos a você Meire, pela oportunidade de podermos conhecer um pouco mais do nosso ambiente escolar de um ângulo artístico. Te parabenizamos por este trabalho incrível, pela pessoa persistente e dedicada que por alguns obstáculos não se deixou abater. Desejamos sucesso e toda a felicidade do mundo. Você merece! Obrigada e parabéns a todos. (Leticia Andrade, aluna do 3ºM 03, 2013).

Analisamos, nesse discurso, as mediações recorrentes em todas as fases do processo de intervenção. Leticia Andrade foi escolhida pela turma de forma democrática e colaborativa para proferir o discurso. A jovem relembra todo o processo de intervenção e o período em que ele aconteceu, faz uma explanação sobre o tempo passado, dizendo que ele é um período recente, que faz parte da vida desses estudantes. Nesse sentido, concordamos que “[...] os homens agem no presente enquanto recriam o passado” (CIAVATTA, 2009, p. 52).

O discurso relata o processo de ressignificação imagética como um processo lento,

em que o aluno não podia ter controle sobre sua produção artística, dadas as peculiaridades e volatilidades dos materiais utilizados. O ser humano possui uma necessidade de dominar todos os campos do conhecimento; entretanto, em alguns momentos, essa submissão das imagens deixa de ser possível. De acordo com Ciavatta (2009, p. 114) “A fotografia participa da criação de uma subjetividade humana que não repousa mais na ética da submissão aos limites da realidade e do bem comum”.

A história da escola também é lembrada pela aluna ao comentar que o processo de ensino e aprendizagem deve ser algo prazeroso, compartilhado, alegre e que devemos “bater”⁴⁶ uma foto para lembrar esses momentos futuramente; lembrar também que fomos alunos da escola Hunney Everest Piovesan. Nessa perspectiva, a turma compreende a importância da escola no seu processo de ensino e aprendizado e sente-se co-participante dessa etapa.

Compreendemos o sentimento de orgulho em pertencer àquela realidade escolar, em participar daquela comunidade. Isso só foi possível graças às mediações imagéticas ao longo de todo o processo de pesquisa, que não durou apenas um mês e meio, mas que foi consolidado durante todos os momentos de encontros com esses estudantes, seja nos corredores da escola, seja na sala dos professores, seja secretaria escolar em busca de material de pesquisa. Compreendemos que “[...] as mediações ocupam o campo do particular, que não está nem no objeto empírico, singular, isolado, nem no geral, na universalidade abstrata, mas no movimento do singular ao universal e deste ao singular por sua particularidade histórica”. (CIAVATTA, 2009, p. 406).

Letícia agradece em seu discurso a toda a equipe de professores e funcionários da escola, que se dedicaram para tornar possível a produção e apresentação dos trabalhos. Agradeceu ao arte-educador Marcelo Gandini pela inspiração ao trabalho proposto e nos fez um agradecimento pela perseverança em continuar o processo de intervenção, mesmo com as dificuldades decorrentes do processo educativo, como falta de disponibilidade de aulas, reuniões em alguns momentos, falta de um espaço específico para a produção artística. O discurso da aluna narra um tempo

⁴⁶Sentido de capturar uma imagem.

que passou, mas ao mesmo tempo vislumbra um tempo que ainda virá. Ancoramos em Sarlo (2007, p. 49, grifos do autor) para entender que,

É inevitável a marca do presente no ato de narrar o passado, justamente porque, no discurso, o presente tem uma hegemonia reconhecida como inevitável e os tempos verbais do passado não ficam livres de uma “experiência fenomenológica” do tempo presente da enunciação.

O discurso proferido pela aluna é carregado com as histórias e memórias de sua escola; possui as marcas da mediação recorrente de uma intervenção com as imagens da escola em diálogo com os ambientes intraescolares e compartilhada com seus amigos. Narra os tempos presente, passado e futuro numa relação em que eles se sobrepõem em momentos muito próximos e impossíveis de serem separados em tempos estanques. Ainda nos revela que esses alunos acreditam no potencial da transformação pelo ensino e aprendizado, e que nesse processo faz-se importante fazer amigos, rir e compartilhar conhecimento.

O jovem Relton Cruz entrou em contato conosco para divulgar um vídeo que a turma fez com algumas imagens e videograções que eles possuíam.⁴⁷ No vídeo, podemos perceber o diálogo entre os ambientes intraescolares, a história e a memória da escola como mediação para a formação dos jovens.

O vídeo tem início com alguns momentos da produção de dados durante a investigação. Nas imagens podemos perceber os alunos folheando álbuns de fotografias e outros fazendo a produção artística nas imagens (Figuras 60 e 61).

⁴⁷Faz-se necessário ressaltar que durante o processo de intervenção, os alunos foram convidados a fazer as gravações com as máquinas da pesquisadora. Entretanto, na era digital em que vivemos, os jovens também gravaram suas próprias imagens com seus aparelhos eletrônicos. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=CY1jUmvK3LE&feature=youtu.be&hd=1>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

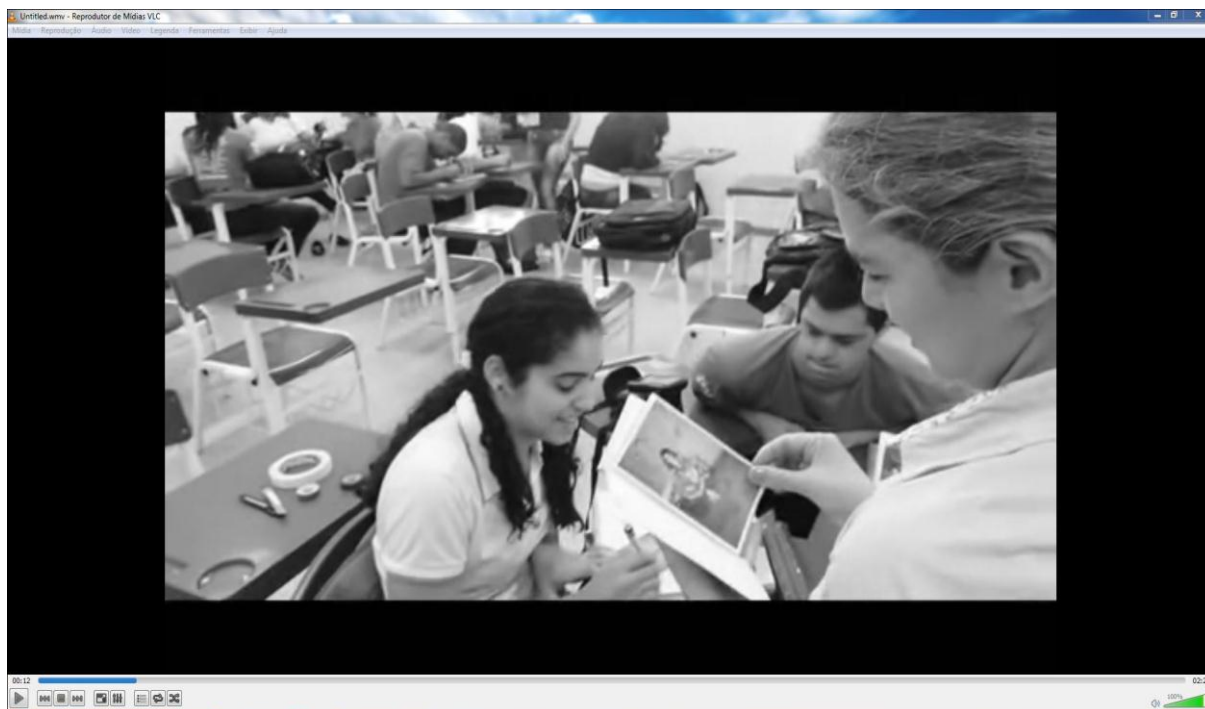


Figura 60- Imagem do vídeo elaborado pelo 3º M 03.
Fonte: Acervo pessoal.

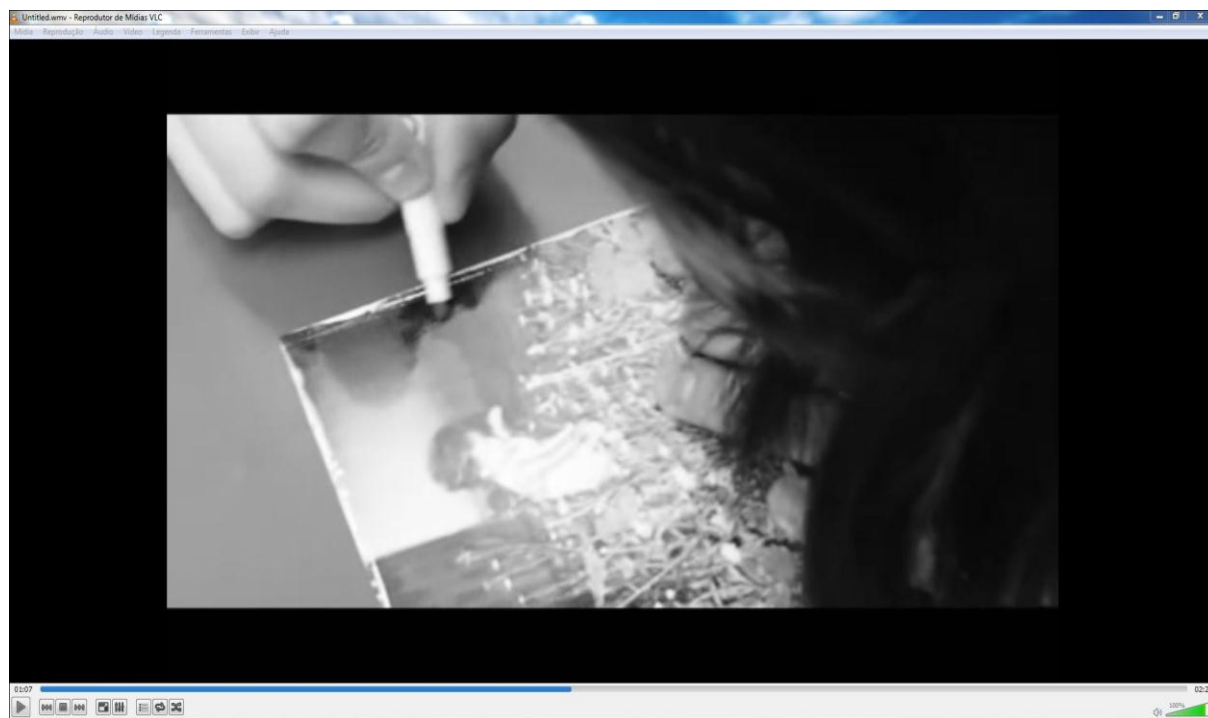


Figura 61- Imagem do vídeo elaborado pelo 3º M 03.
Fonte: Acervo pessoal.

O vídeo foi editado com as imagens nos tons de preto e branco e possui a trilha sonora do grupo Charlie Brown Jr., com a música “Dias de Luta, Dias de Glória”. Em todos os momentos do vídeo é possível perceber que todos os alunos estiveram envolvidos com os momentos de produção de dados. Especificamente nesse vídeo todas as imagens foram feitas na sala de aula (Figura 61) para, em seguida, serem trabalhadas no laboratório de fotografia instalado no vestiário feminino.

A gama de espaços intraescolares envolvidos na pesquisa em consonância com os as fotografias antigas da escola que remetem aos mesmos espaços na década de 1970 contribuiu para momentos de reflexão sobre os alunos que já foram formados e continuam sendo formados pela instituição escolar.



Figura 62- Imagem do vídeo elaborado pelo 3º M 03.
Fonte: Acervo pessoal.

Em relação às imagens da escola e à formação dos jovens no ensino da Arte é interessante salientar que o vídeo foi produzido meses após o *vernissage*, que configurou a culminância da investigação na escola. Isso nos faz pensar que o processo catártico pode ser gradual e reverberar durante toda a vida do estudante.

Nesse contexto, constatamos que o processo catártico nos jovens propicia uma transformação, uma tomada de consciência que “[...] não ocorre instantaneamente;

ela é gradual e variável, pois acontece dentro de um processo de encontros e de convívio com a obra de arte” (CHISTÉ, 2007, p. 72). Concordamos com Chisté (2007, p. 72) que essa “[...] transformação não é uniforme para todos os indivíduos que participam de uma experiência estética, pois depende de fatores subjetivos que estão relacionados com o contexto histórico-cultural de cada pessoa”.

Dessa forma, acreditamos que o processo de sensibilização por meio da Arte na formação dos jovens do Ensino Médio continuará reverberando através de lembranças, história e memória. O processo catártico continuará acontecendo ao longo da trajetória desse indivíduo. Isso contribui com o seu processo formativo relacionado às suas vivências e a sua constituição como sujeito autônomo e reflexivo a partir da educação estética.

5.6. QUESTIONÁRIO DOS JOVENS – IMAGENS DA ESCOLA, HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESPAÇOS INTRAESCOLARES

Coisas antigas, aparentemente há muito esquecidas, são preservadas dentro de nós, continuam a agir dentro de nós – frequentemente sem que as percebamos – e de repente vêm à superfície e começam a nos falar, tal como falaram a Ulisses no Hades as sombras que ele alimentava com o seu sangue.

Ernst Fischer

A constituição do ser humano perpassa por questões de contextualização histórica. Somos seres socioculturais e historicamente datados e constituídos por complexas relações sociais.

Entendemos que quando nos apropriamos historicamente das questões ligadas à comunidade escolar nos aproximamos cada vez mais da escola, aguçando nosso senso de pertencimento. A contextualização é um passo importante para esse entendimento.

Conhecer e entender como a instituição iniciou suas atividades, qual era seu contexto histórico, político, social e cultural, quais sujeitos foram formados pela escola, como os espaços atuam na formação do jovem e como acontece sua

ressignificação ao longo das décadas são questões pertinentes ao processo de apropriação dos conhecimentos.

O processo de construção do conhecimento relaciona-se com o social, com o ambiente cultural e histórico em que vivemos. Concordamos que “[...] é o conhecimento da história, das mudanças e dos percalços do processo educativo que predispõe à clareza de análise tanto na vida acadêmica como nas lutas políticas” (CIAVATTA, 2009, p. 41).

Nesse caso, a fotografia como mediação atua como suporte imagético carregado de questões significativas para a formação dos jovens na última etapa do Ensino Médio. Nesse contexto, questões relacionadas ao espaço escolar como local formativo dos jovens tornam-se o ápice da investigação. Concordamos que “[...] há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço” (FREIRE, 1996, p. 20).

A Arte inserida no currículo do terceiro ano do Ensino Médio como proposta para a formação do sujeito sensível a questões estéticas atravessa a educação dos ambientes. Devemos levar em consideração “[...] a significação do ‘discurso’ formador que faz uma escola respeitada em seu espaço” (FREIRE, 1996, p. 20).

Propusemos a aplicação do questionário sobre questões ligadas aos espaços-ambiente, história e memória da escola com o intuito de analisar o senso de pertencimento dos alunos àquele espaço. Nesse dia estavam presentes 24 alunos. Como todo processo colaborativo, foi facultado aos eles responder ao questionário. Entretanto, todos os estudantes presentes responderam total ou parcialmente a atividade proposta.

Dos 24 questionários respondidos, elegemos três para análise dos dados. O critério de escolha desse material foi a participação em todas as etapas do processo investigativo. Iniciamos nossa análise pelo questionário do aluno Durval dos Anjos, que nos traz informações interessantes a respeito das questões acima mencionadas. Em relação ao uso dos espaços escolares pela instituição o aluno comenta:

São utilizados com frequência, mas tem sempre quem não pensa no próximo e acaba vandalizando esses espaços, seja pichando ou destruindo esse patrimônio (Roteiro para entrevista dos alunos do 3ºM03, 10/10/13).

Essa fala reflete a preocupação do estudante em conservar seus espaços escolares. Acreditamos que quando o aluno toma consciência do seu papel na escolar e sente-se parte integrante da história da instituição, seu senso de preservação dos ambientes aumenta consideravelmente.

Em relação à história da escola, o aluno Durval dos Anjos demonstrou que conhece a trajetória da instituição onde estuda, tendo passado pelos três ambientes escolares ao longo da sua vida estudantil, e comentou a importância das memórias para a escola. O aluno declara:

Passou por várias mudanças nesses últimos anos. Como a destruição física da antiga escola para a construção da atual escola em que estamos. Destruição física porque ela ficará na memória de quem já estudou lá e também nas fotos que foram tiradas enquanto ela existia (Roteiro para entrevista dos alunos do 3ºM03, 10/10/13).

Esse discurso reflete o senso de pertencimento desse aluno à escola. Mesmo com a falta de materialidade da instituição, as memórias revelam sua trajetória escolar, momentos nela vividos, refletindo “[...] também uma série de traços ou signos que expressavam certas significações afetivas e culturais” (ESCOLANO, 2001, p. 24).

Em relação aos espaços utilizados nos últimos anos, o aluno comentou que a antiga estrutura já não permitia uma educação de qualidade e a estrutura provisória era ineficiente para o processo de ensino-aprendizagem. Já a estrutura nova, mesmo que parcialmente entregue para a comunidade escolar, demonstra um cuidado com a arquitetura, o que na concepção do aluno pode refletir uma qualidade melhor de ensino para os alunos e um ambiente com condições satisfatórias de trabalho para os funcionários. Ressalta ainda que uma escola com uma arquitetura que privilegie ambientes confortáveis pode reverberar no comportamento das pessoas que lá estudam e trabalham.

Podemos identificar na fala do aluno um pensamento reflexivo-crítico, pois ele tem a capacidade de relacionar os espaços educacionais e uma possível mudança no comportamento dos indivíduos que lá transitam. Percebemos a sensibilidade do aluno na combinação refinada de aspectos educacionais, arquitetônicos e culturais.

Nessa ótica, entendemos “[...] os espaços educativos como lugares que abrigam a liturgia acadêmica, estão dotados de significados e transmitem uma importante

qualidade de estímulos, conteúdos e valores [...]” (ESCOLANO, 2001, p. 27).

Em relação ao passado inserido na história e memória da instituição, o aluno explicou que não sabia responder. Entretanto, nas respostas anteriores, o estudante comenta sobre o passado da instituição e da importância da preservação das memórias. Dessa forma, percebemos que o aluno poderia não ter entendido a pergunta ou por qualquer outro motivo não pôde responder ao questionamento.

Sobre a relação entre o passado e o presente da instituição, ele comentou que não conhecia ninguém que havia estudado na escola nas últimas quatro décadas. Na indagação sobre a importância da fotografia para o resgate do passado o aluno salienta que, por meio da imagem fotográfica, fatos ocorridos em décadas anteriores poderiam ser conhecidos por pessoas que não vivenciaram esse tempo.

Nessa perspectiva, entendemos que “ objeto fotográfico, ele próprio, como memória, documento ou monumento, é mediação histórica, processo social complexo, ‘síntese’ de múltiplas determinações” (CIAVATTA, 2009, p. 142).

A partir da intervenção e de todo o processo de apropriação dos conhecimentos a respeito da educação dos ambientes, fizemos indagações sobre o conceito de espaço e sala ambiente. Em relação a essa temática, o aluno respondeu que a sala ambiente deveria ser um espaço capaz de causar uma sensação de descontração em meio à tensão da carga horária de cinco horas diárias de estudo. Ele ainda acrescenta que uma sala sem recursos capazes de promover uma educação prazerosa desgasta a pessoa emocionalmente e/ou mentalmente, o que pode colaborar com a formação de uma pessoa mais rude.

Nessa fala destacamos a arquitetura como fator preponderante na formação de vínculos emocionais nos alunos. Vigotski (2009) nos auxilia com a concepção de educação dos sentimentos e explicita que o processo educacional deve suscitar vínculos afetivos e que isso será refletido no ensino-aprendizado e na formação dos alunos. De acordo ainda com esse autor, quanto maior for o estímulo afetivo suscitado em seus alunos, maiores serão suas possibilidades de apropriação dos conhecimentos.

Perguntamos como seria a concepção desse aluno sobre sala ambiente. O

estudante respondeu que, de acordo com seu ponto de vista, seria uma sala com plantas ou algum recurso que lembrasse a natureza e também poderia ser musicalizada, poderia ter algum tipo de descontração para os alunos e todos esses recursos da sala deveriam estar em interação.

Percebemos na fala do estudante o desejo de um espaço em que questões relacionadas ao ensino-aprendizado poderiam ser trabalhadas de forma contextualizada e com o auxílio de outros instrumentos. Também identificamos na fala do aluno a necessidade de mais ambientes verdes na escola. Quando ele fala que a sala poderia ter plantas, sentimos a necessidade da interação com a natureza, visto na arquitetura escolar atual,⁴⁸ esse recurso é utilizado de forma tímida.

Foi perguntado ao aluno se a escola onde o mesmo estudava possuía sala ambiente. O aluno respondeu que a instituição não possui nenhuma sala ambiente. De acordo com a pesquisa exploratória e com base em entrevistas com os professores e equipe pedagógica da escola, a instituição possui salas ambientes nos turnos matutino e noturno. Essas salas são personalizadas a critério de cada professor.

Percebemos um impasse na resposta do aluno, pois por mais que a escola possua sala ambiente, segundo a fala dos professores e equipe pedagógica, o aluno não compreende que aquela sala é uma sala equipada com ferramentas capazes de causar uma educação diferenciada. Não possui os recursos que esse aluno entende serem premissas para um espaço-ambiente.

Deste modo, entendemos que as indagações foram respondidas de acordo com a experiência e a particularidade desse aluno. Há um universo de subjetividades implícitas nas relações sociais e educacionais que estão imbricadas pelo contexto de cada indivíduo.

O próximo material analisado foi respondido pelo aluno Hevander Matos. No questionário sobre como eram utilizados os espaços intraescolares, o aluno declarou que os ambientes são bem utilizados e isso contribui para a diversificação das aulas

⁴⁸Referimo-nos especificamente à arquitetura da escola onde a pesquisa foi realizada. Tivemos acesso às plantas topográficas da instituição e pudemos visualizar os espaços verdes que já foram entregues em maio de 2013 e que serão entregues em 2014.

comuns.

Percebemos nessa fala que o aluno considera como aula comum aquela que acontece em ambientes tradicionais, sem instrumentos capazes de causar interação ou inovação no processo de ensino e aprendizado e, por conseguinte, aula diversificada, aquela que realiza num espaço devidamente elaborado para tal finalidade.

Em relação à história da escola, o estudante demonstrou um conhecimento profundo sobre a história da instituição escolar, chegando a analisar sua arquitetura importada, o que não corresponde ao nosso padrão climático. Ele ainda analisou os espaços pelos quais a escola passou nos últimos 40 anos. Segundo Hevander, o espaço provisório era pequeno, sem possibilidade de recreação para os alunos. Já a escola nova possui uma grande área construída com muito espaço para as atividades.

Analisamos a fala do aluno e percebemos que os ambientes intraescolares são importantes espaços de interação e aprendizado, capazes de proporcionar o desenvolvimento educacional e cidadão enquanto agem como espaços formadores. Entendemos que a constitutividade do sujeito perpassa os espaços que ele transita.

Nessa perspectiva, “[...] tem-se de convir também que a arquitetura escolar é um elemento cultural e pedagógico não só pelos condicionamentos que suas estruturas induzem [...] mas também pelo papel de simbolização que desempenha na vida social” (ESCOLANO, 2001, p. 33).

Questões ligadas à história e memória da escola e sobre os sujeitos que lá passaram nas últimas quatro décadas também foram objeto de análise. Para o aluno, as pessoas podem se ancorar em fatos passados para melhorar seu presente. Ele ainda comentou que seu pai estudou na escola e que possui boas impressões e lembranças do seu momento de aluno.

Percebemos que o passado da escola é formado pela fragmentação das lembranças de vários indivíduos que lá viveram/estudaram/trabalharam. Essas lembranças, por mais que sejam individuais, mesclam-se num amálgama para a formação da identidade da instituição.

Em relação à constituição da escola a partir dos sujeitos que lá transitam, concordamos com Ramos (2004, p. 39) que esses indivíduos,

[...] não sujeitos abstratos e isolados, mas sujeitos singulares cujo projeto de vida se constrói pelas múltiplas relações sociais, na perspectiva da emancipação humana, que só pode ocorrer à medida que os projetos individuais entram em coerência com um projeto social coletivamente construído.

No que diz respeito ao resgate do passado por meio das imagens fotográficas, o estudante Hevander ressaltou que esses objetos contribuiriam para melhorar o futuro a partir das lembranças do passado.

Entendemos a imagem como mediação no processo educativo, tendo em vista sua perspectiva histórica, social e cultural. Deste modo, entendemos que propor reflexões a partir de objetos fotográficos “é uma forma de educar o olhar e a consciência, de dar a ler o mundo em torno e de pensar sobre a realidade” (CIAVATTA, 2009, p. 114).

Foi indagado ao aluno sobre sua concepção de sala-ambiente. Ele respondeu que o espaço-ambiente deveria ser climatizado e atender às necessidades de cada disciplina e ainda acrescentou que a sua escola possui sala ambiente.

Percebemos na resposta do estudante o possível desconforto climático causado pelas diversas mudanças pelas quais a escola passou ao longo das décadas. O espaço provisório, onde os alunos foram alojados durante quase dois anos em condições degradantes, ainda reverbera em suas memórias, clamando por condições mais salútares de qualidade de vida na instituição.

Na pesquisa exploratória, identificamos alguns espaços climatizados, como o laboratório de informática e a biblioteca. Entretanto nenhuma sala de aula possui climatização. Apenas ventiladores de teto e um projeto arquitetônico que privilegia o conforto climático natural e persianas fixas nas janelas.

Desta forma, podemos entender que na concepção do aluno, todos os espaços que atendam às necessidades de cada disciplina e possivelmente climatizados constituem espaços-ambiente.

O próximo material mediador analisado foi o questionário da aluna Josineia Ribeiro. Em relação à utilização dos espaços-ambiente a aluna identificou que a estrutura da escola é satisfatória. Entretanto, os espaços não são utilizados adequadamente. A aluna demonstrou um bom nível de conhecimento sobre a história da escola, comentando sobre a inauguração da instituição escolar, bem como sobre as reformas e construção da escola nova.

Ressaltou ainda que, apesar da aparência ruim e vandalismo sofrido pela escola antiga, ela gostava de estudar naquele espaço. A aluna comentou que o espaço provisório foi uma experiência extremamente desagradável, pois não reunia condições mínimas de conforto para um ensino-aprendizado. Ressaltou também que estudou naquele espaço por dois anos e que acabou reprovando, devido à falta de motivação em estudar num ambiente tão precário.

Identificamos que a aluna atribui seu fracasso escolar às condições precárias de ensino e aprendizado e o quanto é importante espaços capazes de promover o bem-estar físico e mental dos alunos. Os espaços que frequentamos têm a possibilidade de nos formar socialmente, historicamente e culturalmente. Entendemos que todos os ambientes possuem esse potencial formativo. Entretanto, sabemos que “[...] o acesso ao saber social elaborado e sistematizado se dá predominantemente na escola” (CIAVATTA, 2009, p. 29). Isso significa que os espaços são formadores do sujeito e todos têm potencial educativo, desde que seja otimizado para tal, mas por mais que estes espaços eduquem de forma “generalizada”, o saber sistematizado acontece no contexto escolar.

No questionário, a aluna acrescentou que possuía amigos que haviam estudado na escola nos anos anteriores e que seu comportamento era diferente do comportamento dos alunos na atualidade. Também acrescentou que a postura dos funcionários da instituição era diferente. Comentou ainda que por meio das imagens fotográficas pôde visualizar todos os espaços pelos quais ela passou e que outros indivíduos passaram ao longo da existência da escola.

De acordo com Ciavatta (2009), a fotografia,

Ao longo das mutações técnicas que a aperfeiçoaram, [...] atravessa os dois mundos, do modernismo ao pós-modernismo, partilhando das diversas temporalidades, criando formas cristalizadas em segundos, perpetuadas

como documentos/monumentos de um tempo, que ganham movimento como um “rio de memórias”, para mais tarde, dissolvidas em fragmentos, desfeitas em imagens fugidias, sempre mais velozmente, se projetarem criando realidades inéditas, tão surreais como a própria realidade, simulacros que são também novas realidades (CIAVATTA, 2009, p. 113-114).

Foi solicitado à aluna que respondesse questões ligadas à sua concepção de sala ambiente. Nesse contexto, a aluna comentou:

Sala ambiente é um espaço adequado para estudo, onde todo material necessário para o aprendizado, com um clima agradável, conforto e principalmente pessoas civilizadas (Roteiro para entrevista dos alunos do 3ºM03, 10/10/13).

A estudante ainda ressaltou que a sua escola possui sala ambiente, entretanto

[...] algumas salas são “ambientes”, em outras, as pessoas dizem que são mais não me agrada (Roteiro para entrevista dos alunos do 3ºM03, 10/10/13).

Analisamos que na escola há um esforço para adequar as salas de aula em espaços prazerosos de aprendizado. Entretanto, algumas salas ainda não condizem com um padrão capaz de ser considerado salas-ambiente para a aluna, pois não contempla recursos capazes de transformar a sala de aula num ambiente confortável, agradável e estimulante.

Percebemos que uma sala-ambiente deve possuir alguns elementos que possam causar essa sensação de bem-estar nos alunos, para suscitar estímulos capazes de provocar o senso de pertencimento e a motivação necessários para a formação desses jovens. Ao longo do questionário percebe-se a necessidade de possibilitar melhores vivências nos espaços intraescolares. Os alunos relatam que todos os espaços são utilizados, no entanto, poderiam usá-los com maior frequência e planejamento.

A respeito da história da escola, os alunos demonstram conhecimento, incluindo a década de inauguração da mesma e relatam a vivência sobre as três arquiteturas ainda presentes em uma mesma instituição. O desânimo é mencionado pela aluna Josineia Souza, que comenta a respeito das mudanças de espaços e que este foi um dos motivos de faltas, acarretando sua reprovação.

Em relação ao conhecimento de ex-alunos das últimas décadas nesta instituição escolar, dos três questionários analisados, dois comentam conhecimento sobre parentes e amigos que pertenceram à escola, apresentando relatos deste como bom espaço educativo. O termo “sala ambiente” é disposto de modo a promover o estímulo por meio de materiais específicos a cada disciplina juntamente a um espaço confortável.

Essas questões atravessam outros campos de estudo, mas estão indissociadas do processo educacional. Num espaço-ambiente, o mobiliário deve estar de acordo com a faixa etária e a finalidade da aula. A iluminação deve estar condizente com a proposta educativa. A organização das carteiras deve ser pensada para promover o diálogo entre a turma e de acordo com o plano pedagógico de cada disciplina.

Compreendemos que os recursos tecnológicos também devem ser inseridos nesse cenário educativo. A temperatura nesses espaços deve ser agradável para proporcionar um nível de conforto a esses alunos e favorecer seu ensino-aprendizado. Na fala da aluna percebemos que uma sala ambiente possui a necessidade da combinação de elementos ligados à arquitetura, mobiliário e recursos tecnológicos para favorecer a formação dos jovens no último ano do Ensino Médio.

Tendo em vista todos esses elementos no cenário educativo para a formação desses estudantes no terceiro ano do Ensino Médio e entendendo que para muitos alunos essa será a última etapa de ensino formal antes do ingresso no mercado de trabalho, acreditamos que entre “[...] trabalho e educação, há um universo complexo de múltiplas relações sociais” (CIAVATTA, 2009, p. 18), relações estas que permeiam nossas memórias e nos fazem refletir sobre nossa própria história em uma tentativa constante de aprender.

Nossas histórias nos tocam, nos entrelaçam e perpassam sobre tantas outras histórias constituindo-se pelas mais diversas possibilidades, aqui as imagens em diálogo com os ambientes intraescolares. Estas estão imbricadas em nosso cotidiano, que nos permite relacionarmos com diferentes culturas, ampliando assim nossa possibilidade de nos impregnar por esses contextos e fomentar conhecimento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Questões ligadas à formação dos jovens mediadas pelas imagens da escola em diálogo com a história, a memória e os ambientes intraescolares sempre se configuraram como uma inquietação na minha trajetória como docente. Uma questão recorrente e instigadora foi Como as imagens da escola atuam como mediadoras do processo formativo dos jovens no ensino da Arte, em diálogo com a história, a memória e os ambientes intraescolares? Esse questionamento ampliou-se e culminou na elaboração desta pesquisa.

Para a construção desta dissertação, buscamos nos apropriar dos campos de estudo ligados ao conceito de Imagens da Escola, Mediação, Arte, História, Memória e Ambientes Intraescolares.

A partir dos estudos de Vigotski (2010), refletimos sobre o meio social e o contexto educacional. Entendemos o processo de reeducação, a criação de novos vínculos àqueles já existentes no nosso comportamento e o conceito de mediação. Em relação a esse último conceito, sua obra trouxe importantes considerações. Percebemos as mediações recorrentes do processo criativo dos jovens e a importância da experiência na formação dos alunos durante o processo de produção artística. Observamos, a partir dos estudos desse autor, que a mediação ocorre por meio da imagem, objetos e também do outro.

Para pensarmos os ambientes intraescolares e a formação dos jovens do Ensino Médio recorreremos aos estudos ligados à Educação dos Ambientes em Buffa (2002), Frago e Escolano (2001). Nessa perspectiva, entendemos que a materialidade presente na arquitetura escolar pode refletir os discursos pedagógicos invisibilizados. Constitui-se numa forma de educação silenciosa. Compreendemos também que os ambientes intraescolares formam os jovens do Ensino Médio por meio da mediação imagética que a própria materialidade da escola suscita, desde que estimulados e valorizados.

Buscamos compreender a imagem como fonte histórica, o cultivo da memória, o senso de pertencimento dos alunos à instituição e o conceito de mediação a partir dos estudos de Ciavatta (2009) e Schütz-Foerste (2004). Dessa forma, analisamos como ocorre a formação dos jovens mediada pelas imagens da escola em diálogo

com a história, a memória e aos ambientes intraescolares. Os sujeitos da pesquisa foram ex-alunos e alunos do terceiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio “Hunney Everest Piovesan”, localizada no Município de Cariacica.

Com o objetivo de ampliar as discussões sobre os campos de estudo, identificamos as produções acadêmicas digitais do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, o banco digital de teses da Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior, o sítio eletrônico do Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil, o sítio da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas e o acervo digital da Associação Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em Educação, que tratam de questões ligadas aos Espaços Intraescolares, Arte, Mediação, Imagens, História e Memória. Notamos um número reduzido de produções que abordam questões relacionadas à Formação dos Jovens e Educação dos ambientes Intraescolares em diálogo com a história e memória da escola.

A partir da questão central da pesquisa, dos estudos com os autores e da identificação dos trabalhos que complementaram nossa investigação, partimos para a produção de dados. Nessa fase, a investigação analisou as imagens da escola como mediadoras do processo formativo dos jovens em diálogo com a história, memória e os ambientes intraescolares. Para tanto, proporcionamos aos alunos aproximações com as obras do arte-educador Marcelo Gandini e a contextualização histórica da instituição escolar.

A partir dessas problematizações e do contato com outras imagens e produções artísticas, planejamos seis momentos de intervenções com os estudantes. Essas intervenções foram apresentadas e analisadas ao longo do texto, pois entendemos que são momentos indissociáveis.

A primeira intervenção teve como ponto de partida diversas experimentações com o papel fotográfico. Nesse momento os estudantes foram para o laboratório de fotografia improvisado no vestiário feminino da escola e puderam ampliar seu repertório artístico a partir de experimentações com os diversos materiais utilizados. Após esse momento de apropriação de conhecimentos e experimentações, tivemos a “Intervenção na Própria História”. Os alunos puderam fazer ressignificações

artísticas nas suas fotografias antigas e refletir sobre questões ligadas à história, memória e meio social que perpassam suas vivências.

Compreendemos a importância da imagem no processo de ensino e aprendizagem, e esta, voltada a reflexões e análises sobre sua história, revigora antigas e não só recentes memórias. A imagem nos permite recordar. Entretanto, nessa fase da pesquisa foi necessário repensarmos nossa prática no sentido de não termos providenciado cópias das fotografias dos alunos. Estes terão agora apenas suas ressignificações e lembranças de como um dia foi aquela imagem. Deste modo, acreditamos que toda intervenção é válida, mas é preciso ser avaliada, pensada e redirecionada, para que tenhamos a oportunidade de modificá-las e/ou repaginá-las sempre que desejarmos. Nesse sentido, o pesquisador tem a possibilidade de redirecionar a sua prática e aprimorá-la para futuros estudos.

A próxima intervenção proposta durante a fase de produção de dados foi “Escrevendo seu nome na História”. Pensamos em proporcionar momentos coletivos de apropriação de saberes. Nesse sentido, os jovens escreveram todos os nomes dos integrantes da turma num único papel fotográfico, utilizando a técnica do isolamento com fitas adesivas para posteriormente ressignificá-lo. A premissa desta intervenção foi refletir sobre a coletividade, o senso de pertencimento àquele espaço escolar, as marcas deixadas por esses sujeitos que transitaram na instituição escolar e a formação desses jovens a partir desses aspectos.

A seguir, a intervenção planejada foi “Ampliações e ressignificações da memória”. Nessa fase da pesquisa o objetivo da proposta foi escolher fotografias antigas da escola para serem ampliadas e posteriormente ressignificadas artisticamente. Nesse sentido, a cada ampliação, questões ligadas ao cultivo da memória escolar, aos ambientes intraescolares retratados naquelas imagens e à história da escola eram problematizadas.

Entendemos que as fotografias recontam fatos vivenciados, recriam histórias, mas compreendemos que esses relatos estão impregnados pelas próprias experiências individuais que se amalgamam à história da escola. É nessa teia imbricada de relações sociais e culturais que a imagem como fonte histórica e como testemunho do passado se situa.

Após esses momentos de produção artística, culminamos nossa investigação com a exposição dos trabalhos denominada “Revelando Décadas, Memórias e Momentos”. Nesse *vernissage* os alunos expuseram os trabalhos realizados durante a investigação. É importante salientar que todas as produções dialogavam com questões que versavam sobre a memória escolar, os ambientes intraescolares, a história da escola e o senso de pertencimento à instituição.

Posteriormente, foi aplicado aos alunos um questionário com o objetivo de analisar questões recorrentes aos espaços intraescolares, à história, à memória e à formação dos jovens. Com os ex-alunos da instituição foram feitas entrevistas com o intuito de reunir os fragmentos das histórias e memórias dos vários sujeitos que transitaram na instituição e foram formados por ela e (re)construir a história da escola a partir desses relatos e dos dados produzidos durante os momentos de intervenção .

(Re)construir a história de uma instituição de ensino constitui-se numa tarefa desafiadora, pois foi identificado, a partir de reuniões com a comunidade escolar, que esta almeja ter sua história escrita como parte da sua existência num cenário local. Nesse contexto, entendemos o nosso papel como pesquisadora e assumimos a tarefa de dar visibilidade aos discursos das pessoas que contribuíram com suas valorosas memórias e histórias carregadas de experiências, nostalgia e lembranças daquele tempo escolar.

Durante a pesquisa na escola “Hunney Everest Piovesan”, fomos convidados a fazer um trabalho de conscientização e resgate histórico da instituição com todas as turmas da instituição. O intuito foi de aguçar o senso de pertencimento desses estudantes e tentar minimizar os prejuízos decorrentes da depredação do patrimônio público. Isso demonstra que a instituição de ensino entende que o processo de investigação não se restringe à academia, mas está inserido no contexto social daquela escola.

É interessante ressaltar que durante a pesquisa também tivemos a oportunidade de vivenciar experiências e aprofundar estudos ligados à questão da formação dos jovens e a educação dos ambientes em diálogo com a história e a memória em outros países. Uma dessas oportunidades foi uma viagem à Colômbia para a apresentação de um artigo que versava sobre a formação dos jovens mediada pelos

ambientes intraescolares. Nessa ocasião tivemos uma aproximação com um Centro de Pesquisa Latino-Americano localizado na Turquia.

A partir desses estudos e pesquisas a respeito da educação dos ambientes e a formação dos jovens em diálogo com a história e memória, procuramos entender as diferenças estruturais, pedagógicas e culturais existentes nas mais variadas culturas. Essa investigação nos proporcionou uma aproximação com as relações sócio-históricas e culturais da Turquia por meio de intercâmbio acadêmico.⁴⁹

A partir do exposto, é possível pensar na formação dos jovens pelo ensino da Arte mediada pelas imagens da escola em diálogo com os ambientes intraescolares estimulados e valorizados, a história e o cultivo da memória escolar. Compreendemos que nos momentos de intervenção, a imaginação dos jovens manifestava-se em todos os campos de suas vidas e tinha ligação direta com suas experiências acumuladas.

Percebemos que os ambientes intraescolares formam os jovens por meio da sua materialidade implícita nas paredes da escola e a partir da sua subjetividade através dos discursos pedagógicos, culturais e políticos. As memórias valorativas de todos os sujeitos que concorreram para a construção dessa história que a escola carrega em seu bojo fazem com que um aluno, ao ler uma imagem, rememore fatos passados nunca vivenciados por ele, sinta cheiros e gostos a partir daquela imagem fotográfica.

Deste modo, compreendemos que a contextualização histórica no processo educativo é de fundamental importância para a formação dos alunos. Jovens conscientes de seu papel como coautores da história daquela unidade escolar que foram transformados por ela têm possibilidade de transformar sua realidade social.

Enfim, presumimos que, a partir do senso de pertencimento à escola, os sujeitos que

⁴⁹Intercâmbio este financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES), por meio do programa de estágio técnico-científico aberto a todos os níveis de ensino. Dessa forma, concorreremos de maneira desigual, visto que alunos e professores disputam as mesmas vagas. É importante ressaltar que para o nível de mestrado, a Universidade Federal do Espírito Santo não dispõe de fomento com destino à Europa e Ásia. Acrescentamos ainda que em nível nacional os programas de incentivo a mestrados para intercâmbio acadêmico no contexto euro-asiático são raros. Deste modo, refletimos sobre o papel da universidade e das instituições de fomento no auxílio e valorização da troca de conhecimentos em nível internacional.

por ela transitam corroboram a conservação de seu patrimônio material e imaterial, na instituição investigada. A diminuição da depredação desse patrimônio público foi percebida durante e depois da pesquisa. Esse fato também foi diagnosticado em relatos realizados durante as reuniões escolares.

(Re)construímos a história da escola “Hunney Everest Piovesan” por meio dos fragmentos de memórias de vários membros da comunidade escolar e percebemos as marcas dos sujeitos que fizeram parte dessa instituição e como essas marcas reverberam no cultivo da memória escolar e na formação dos jovens em diálogo com os ambientes intraescolares, a história e a memória da escola.

Constatamos que as imagens da escola em diálogo com a história, memória e ambientes intraescolares medeiam o processo formativo dos jovens no terceiro ano do Ensino Médio, contribuindo para a construção de um sujeito engajado, crítico e reflexivo, capaz de intervir em seu próprio contexto, transformando-o.

7. REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. Desafios da pós-graduação e da pesquisa sobre formação de professores. **Revista Educação & Linguagem**, Ano 10, n. 15, p. 43-59, jan./jun., 2007.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BAUMAN, Z. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição [da] Republica Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 13 fev. 2013.

_____. **Decreto n.5.884, de 21 de abril de 1933**. Institui o Código de Educação do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1933/decreto%20n.5.884,%20de%2021.04.1933.html>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

_____. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 02 ago. 2013.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio**, 1999.

BREDARIOLI, R. L.B. **FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPOS DO JORDÃO, 14.: variações sobre temas de ensino da arte**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-19112010-091513/pt-br.php>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

_____. **Imagens no tempo: re-(a)presentações de uma “experiência de julho” em histórias e memórias**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAP, 2011, p. 1115-1130.

BUFFA, E.; ALMEIDA PINTO, G. **Arquitetura e educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893-1971**. São Carlos/Brasília: EDUFSCar/INEP, 2002.

CARVALHO, L. Q. **A leitura literária em espaços não escolares e a universidade: diálogos possíveis para novas questões na formação de professores**. 2012. 290 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

CHISTÉ, P. S. **O processo catártico no ensino da Arte: uma parceria entre escola e espaço expositivo**. 2007. 234 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

_____. **Educação estética no Ensino Médio integrado: mediações das obras de**

arte de Raphael Samú. 2013. 335 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

CIAVATTA, M. **O mundo do trabalho em imagens**: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900 – 1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. **Mediações históricas de trabalho e educação**: gênese e disputas na formação de trabalhadores - Rio de Janeiro, 1930-1960. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

_____. (Org.). **Ensino Médio integrado**: concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

CIAVATTA, M.; ALVES, N. (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social**: história, educação e comunicação. São Paulo: Cortez, 2008.

ESCOLANO, A. A arquitetura como programa. In: FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade**: a Arquitetura como programa. Rio de Janeiro, DP & A. 2001.

FOERSTE, E. **Parceria na formação de professores**. São Paulo: Cortez, 2005.

FRAGO, A. V. In: FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade**: a Arquitetura como programa. Rio de Janeiro, DP & A. 2001.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_conscientizacao.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2013.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <<http://www.economia.esalq.usp.br/intranet/uploadfiles/3687.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. A busca de articulação entre trabalho, ciência e cultura no Ensino Médio. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Orgs.). **Ensino Médio**: ciência, cultura e trabalho. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.

GALEANO, E. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/ODczMTQ/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GÓES, M. C. R.; SMOLKA, A. L. B. (Orgs.). **A significação nos espaços educacionais**: Interação social e subjetivação. Campinas: Papyrus, 1997.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

IAVELBERG, R. **Para gostar de aprender arte**: sala de aula e formação de

professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

IBIAPINA, I. M. L. M. **Pesquisa colaborativa**: Investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber Livro, 2008.

JAMESON, F. **Espaço e imagem**: Teorias do Pós-Moderno e outros ensaios. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

JÚNIOR, J. B. L. S. A fotografia como ferramenta pedagógica na terceira idade. SEMINÁRIO DO ENSINO DE ARTE DO ESTADO DE GOIÁS,: desafios e possibilidades contemporâneas, 7. e CONFAEB, **Anais...** Goiânia, 2010, p. 305-312.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LOCATELLI, A. B. **Espaços e tempos de grupos escolares capixabas na cena republicana do início do século XX**: arquitetura, memórias e história. 2012. 222 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

MAAS, M. C. O olhar construído na escola – identidade, diferença, autonomia e reconhecimento. SEMINÁRIO DO ENSINO DE ARTE DO ESTADO DE GOIÁS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES CONTEMPORÂNEAS, 7. e CONFAEB. **Anais...** Goiânia, 2010, p. 1.087-1.095.

MAGRO, A. R. **A significação do espaço escolar**. 2010. 201 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

MAGRO, A. Inter relações entre o espaço escolar e a arte. ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAP, 2011, p. 147-161.

MELO, S. D. G.; DUARTE, A. Políticas para o Ensino Médio no Brasil: perspectivas para a universalização. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 31, n. 84, p. 231-251, maio/ago. 2011.

MONTEIRO, T. B. **Cinema de animação no ensino de arte**: A experiência e a narrativa na formação da criança em contexto campestre. 2013. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

OTT, R. W. Ensinando crítica nos museus In: BARBOSA, A. M. (Org.). **Arte-Educação**: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 2008.

PAIVA, J. Concepção curricular para o Ensino Médio na modalidade de jovens e adultos: experiências como fundamento. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Orgs.). **Ensino Médio**: ciência, cultura e trabalho. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.

PINO, A. **As marcas do humano**: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2008.

RAMOS, M. N. O projeto unitário de Ensino Médio sob 5s princípios do trabalho, da ciência e da cultura. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Orgs.). **Ensino Médio**: ciência, cultura e trabalho. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.

REIS, R. Experiência escolar de jovens/alunos do Ensino Médio: os sentidos atribuídos à escola e aos estudos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 637-652, jul./set. 2012.

SABINES, J. Disponível em: <<http://www.jaimesabines.org.mx/bibliografia/yuria/si-sobrevives/>>. Acesso em: 07 nov. 2013.

SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHÜTZ-FOERSTE, G. **Leitura de imagens**: um desafio à educação contemporânea. Vitória/ES: EDUFES, 2004.

SOARES, M. A. V. **Produções artístico-culturais do município de Serra**: diálogos com o ensino da arte na infância. 2012. 160 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

TRIERWEILLER, P. C. Repertórios artístico-culturais de professores da educação infantil: discursos e sentidos estéticos. In: KRAMER, S. ROCHA. E. C. **Educação Infantil**: enfoques em diálogo. Campinas: Papirus, 2011

URDAY, L. A identidade do olhar: os usos da fotografia na construção das memórias sociais. SEMINÁRIO DO ENSINO DE ARTE DO ESTADO DE GOIÁS: desafios e possibilidades contemporâneas, 7. e CONFAEB, Goiânia, **Anais...** 2010, p. 313-326.

VIGOTSKI, L. S. **A imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. São Paulo: Ática, 2009.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2007.

_____. **Psicologia pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VITELLI, C. A disciplina de arte nas escolas de Ensino Médio da região metropolitana de Porto Alegre qualifica a formação cultural dos jovens? ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAP, 2012.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO, DIVULGAÇÃO DE VOZ E IMAGEM

Eu, _____, brasileiro(a), estado civil, _____ profissão _____, portador(a) da Cédula de Identidade RG nº _____, CPF nº _____, endereço residencial _____ – Espírito Santo, responsável pelo menor _____, estudante do _____ da E.E.E.M. “Hunney Everest Piovesan”, situada na Rua Carlos Rogério de Jesus Gomes, s/nº Santa Fé, Cariacica – ES -CEP: 29.144-190 AUTORIZO o uso da imagem, voz e transcrição de depoimento do menor, em todo e qualquer material entre fotos, documentos e outros meios de comunicação, para ser utilizada em trabalho acadêmico – *Dissertação de Mestrado da aluna **Rosemeire Maria de Souza**, matrícula 2012130042, sob responsabilidade da Prof^a. Dr^a. Gerda Margit Schütz Foerste do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.*

As imagens e vozes concedidas serão destinadas à pesquisa de Mestrado sob a forma de dissertação e/ou artigos acadêmicos que abordem o tema educação em suas diversas modalidades, sem fins lucrativos.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionada em todo o território nacional e no exterior, no qual aborde a Educação como eixo norteador.

A pesquisa não utilizará procedimentos que representem risco de qualquer natureza para os participantes, encontrando-se em conformidade com as Resoluções 196/96/CNS e 016/2000/CFP, que regulam a ética em pesquisa com seres humanos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02(duas) vias de igual teor e forma.

Cariacica, _____ de _____ de 2013.

Nome do responsável

Rosemeire Maria de Souza
Mestranda em Educação

APÊNDICE B – AMBIENTES INTRAESCOLARES COMO MEDIADORES DO PROCESSO FORMATIVO DOS JOVENS NO ENSINO DA ARTE

Cara Família,

Sou Rosemeire Maria de Souza, pesquisadora e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES). Faço pesquisas relacionadas à educação nos Ambientes Ensino Médio, ensino da Arte e mediação, assim venho informar-lhes e também pedir seu consentimento para que a turma de seu(sua) filho(a) participe de uma pesquisa acadêmica do PPGE/UFES, com o intuito de observar o comportamento dos Jovens mediado pela educação dos ambientes intraescolares.

A fim de elaborarmos um bom trabalho visando à importância da família no ambiente escolar, peço sua colaboração e consentimento autorizando o uso da voz e imagem de seu(sua) filho(a) na participação desta pesquisa acadêmica.

A pesquisa acontecerá nas aulas de Artes ministradas pela professora de Arte Laudicéia M. A. Cordeiro, na turma do 3º ano M03 da E.E.E.M. "Hunney Everest Piovesan", visto que o foco acadêmico seja de cunho das linguagens visuais.

A Educação nos ambientes investiga a contribuição do uso dos espaços intraescolares como mediadores na formação do jovem no ensino da Arte. Deste modo, as experiências demonstradas em sala de aula serão relatadas em minha dissertação de Mestrado e quiçá nos futuros trabalhos desenvolvidos por mim e/ou pela escola ao retratarmos a formação do jovem do Ensino Médio.

Autorizada pela E.E.E.M. "Hunney Everest Piovesan", conto com sua colaboração.

Atenciosamente

Rosemeire Maria de Souza

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA DIVULGAÇÃO DE IMAGEM PARA ASSINATURA DOS JOVENS

Eu, _____, aluno(a) do Ensino Médio, Turma 3º M 03, da Escola Estadual de Ensino Médio “Hunney Everest Piovesan”, autorizo a divulgação da minha imagem e participação na pesquisa acadêmica, sem fins lucrativos, que está sendo desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, sob a responsabilidade da Profª Dra. Gerda Margit Schütz Foerste, e da pesquisadora e professora de Artes Rosemeire Maria de Souza.

As imagens apenas serão publicadas em meios de divulgação científica, impressos e digitais, visando a contribuir com as novas análises sobre a Educação dos Ambientes, Processo formativo dos jovens, História e Memória, Mediação e Imagens.

A pesquisa não utilizará procedimentos que representem risco de qualquer natureza para os participantes, encontrando-se em conformidade com as Resoluções nº 196/96/CNS e nº 016/2000/CFP, que regulam a ética em pesquisa com seres humanos.

Assinatura do jovem: _____

Cariacica, _____ de _____ de 2013.

APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTA DOS JOVENS

Roteiro para entrevista dos alunos do 3ºM03

Nome:

Idade:

Data:

- 1- Como você analisa a utilização dos espaços-ambiente intraescolares (sala de aula, refeitório, biblioteca, pátio, quadra de esportes, laboratório de informática, entre outros) disponibilizados pela escola para o ensino-aprendizagem?
- 2- Tendo como base as informações que você possui, comente um pouco sobre a história da escola em que você estuda.
- 3- Nos últimos meses, a escola passou por 3 ambientes distintos: a escola antiga, o espaço provisório e a escola nova. Como você analisa os três espaços escolares e sua infraestrutura, bem como seus diversos espaços de aprendizado.
- 4- Como você entende o passado inserido na história e memória da escola.
- 5- Você conhece alguém que estudou na escola nas 4 últimas décadas. Comente sobre a relação passado x presente deste aluno (a) e você.
- 6- Como a fotografia pode contribuir para o resgate do passado?
- 7- De acordo como a sua concepção de espaços, explique o que é uma sala ambiente.
- 8- Em sua opinião, como deve/deveria ser uma sala ambiente?
- 9- A escola que você estuda possui sala-ambiente?

APÊNDICE E – PARTE DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO TÉCNICO-CIENTÍFICO NA UNIVERSIDADE DE ANCARA - TURQUIA

1. RELAÇÕES EDUCACIONAIS ENTRE BRASIL E TURQUIA

*Paz em casa, paz no mundo.
Mustafa Kemal Atatürk*

A investigação foi realizada a partir de um intercâmbio acadêmico entre o Centro de Estudos Latino-Americanos⁵⁰ (LAMER) da Universidade de Ancara⁵¹ na Turquia e a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no Brasil, com o fomento da Fundação de Amparo a Pesquisa do Espírito Santo (FAPES).

Este estudo se propõe a investigar as relações educacionais entre o Brasil e a República Democrática da Turquia⁵², especificamente a formação dos jovens no Ensino Médio⁵³. Trata-se de um estudo exploratório que tem como intuito analisar o contexto educacional de Ensino Médio na República Democrática da Turquia. As questões socioculturais e históricas estão na base do sistema educativo envolvido e serão problematizadas na investigação.

⁵⁰Ver: < <http://latinamerika.ankara.edu.tr/> > acesso em 20 jan 2014.

⁵¹A universidade de Ancara (Ankara Üniversitesi) foi criada em 1946 por Mustafa Kemal, mais conhecido como Atatürk, que em turco significa “o pai dos turcos”, tendo proclamado a República Democrática da Turquia em 1923. O estabelecimento da República da Turquia pautava-se na busca dos ideais democráticos e na modernização das ciências. Uma das premissas da universidade consiste em contribuir para a produção da ciência, tecnologia e arte. A Universidade de Ancara é a instituição universitária mais antiga da República, possuindo atualmente 109 programas de pós-graduação e um total de 59.851 estudantes nos níveis de graduação e pós-graduação.

⁵²A Turquia é um país que possui 3% do seu território localizado na Europa e 97% no continente Asiático. Faz fronteira com 8 países, entre eles Grécia, Bulgária, Geórgia, Armênia, Azerbaijão (República Autônoma Nakhchivan), Irã, Iraque e Síria. Sua população é estimada em 75.627.384, segundo censo realizado em 2012 pela agência oficial do governo da Turquia (Türk İstatistik Enstitüsü). O idioma oficial é o turco, que também é falado oficialmente na República Turca de Chipre do Norte. Em outras regiões, o turco também é falado por minorias, como na Grécia, Bulgária, Macedônia, Kosovo e Romênia. É interessante ressaltar que na década de 1960 e 1970, a Alemanha recebeu um número significativo de imigrantes turcos que procuravam novas oportunidades de trabalho. Desse modo, na Alemanha, temos uma grande comunidade turca, que utiliza sua língua materna de forma não-oficial. Ver em: <http://www.tuik.gov.tr/Start.do;jsessionid=6394SmFMznhN600T4MhQ27R5WnPlly9rdT0CpnsC60YmQ8K59zfr!1624481155>>. Acesso em: 23 jan. 2014, e <<http://www.ankara4students.com/turkey.html>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

⁵³No Brasil, a Educação Básica divide-se em Ensino Fundamental e Ensino Médio. Na Turquia, o sistema educacional divide-se em Okul Öncesi, İlkokul, Ortaokul e Lise. Esses níveis correspondem respectivamente a Pré-escola, Ensino Primário, Ensino Secundário e Colégio. Ver em: <<http://www.meb.gov.tr/>>. Acesso em: 24 jan. 2014.

É importante evidenciar a relevância social, científica e originalidade deste estudo, visto que em pesquisas em bancos de dados⁵⁴ no Brasil e na Turquia foram encontrados poucos e incipientes trabalhos que tratam da temática analisada.

Alguns motivos podem ser levantados para a falta de estudos ligados ao contexto educativo turco e brasileiro. Entre eles podemos citar as diferenças culturais, sociais e histórias e a diferença no idioma. Entretanto, no cenário contemporâneo, com o advento da globalização econômica e social, mesmo com essas diferenças culturais e históricas, procuramos traçar alguns pontos que atravessam os sistemas educacionais envolvidos. Nessa perspectiva buscamos problematizar o contexto educativo das duas nações, particularmente o Ensino Médio, evidenciando suas singularidades e complexidades em cada país e seu respectivo sistema educacional.

No mundo contemporâneo, as distâncias entre os países tornou-se uma barreira facilmente transponível pela velocidade das comunicações e meios de transporte. Atualmente é possível investigar sistemas educacionais em quase todos os lugares do planeta, com o intuito de investigar suas metodologias, sistemas de ensino-aprendizado e recursos utilizados, bem como os espaços ambientes utilizados para a formação do indivíduo.

Contudo, traçar relações entre os sistemas educacionais de distintos países consiste numa tarefa desafiadora, pois é necessário estar inserido na cultura daquele país, criar laços de confiança com as pessoas que convive, na tentativa de apreender seus hábitos, tradições e cultura, para que as informações produzidas tornem-se contextualizadas e chegue ao mais alto grau de veracidade e imparcialidade.

Propor uma investigação num país secular e com diferenças socioculturais tão marcantes requer uma aproximação com o contexto local e a criação de relações de confiança entre seus pares, estreitando suas diferenças culturais e sociais. Dessa forma, faz-se necessário a aquisição da linguagem local e a criação de vínculos de respeito e afetividade com as pessoas de convívio para uma melhor compreensão da realidade educacional.

Ao tratarmos da questão educacional de uma nação secular, que, ao longo dos

⁵⁴Ver em: <http://kutuphane.ankara.edu.tr/index.php?bil=bil_icerik&icerik_id=45>. Acesso em: 20 jan. 2014. Ver em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

séculos, foi uma potência econômica e militar, tendo agregado muitos territórios e inúmeras culturas, devemos levar em consideração várias questões sociais, históricas e religiosas, que contribuíram para a formação do sistema de ensino turco. A formação do sistema educacional turco e suas diversas transformações foram analisadas, de forma particular o Ensino Médio, assim como seus contrastes e conexões com a educação brasileira.

1.1 A UNIVERSIDADE DE ANCARA

A investigação na Turquia foi desenvolvida por meio de uma parceria internacional com a Universidade de Ancara⁵⁵, através do Centro de Estudos Latino-Americanos daquela instituição.



Imagem 1 - Universidade de Ancara.
Fonte: Acervo Pessoal.

A instituição foi a primeira Universidade da República da Turquia tendo sido inaugurada em 1946 por Mustafa Kemal Atatürk, fundador da República da Turquia.

A República Democrática da Turquia foi fundada em 29 de outubro de 1923 por

⁵⁵O nome original em turco da instituição é Ankara Üniversitesi. Entretanto, por se tratar de um estudo escrito no idioma português e com o intuito de fomentar a investigação para a comunidade lusófona, o nome da universidade foi traduzido para o português.

Mustafa Kemal Atatürk num contexto de princípios e reformas em todo o país com o intuito de espalhar a modernidade e a ciência.



Imagem 2 - Foto de Atatürk na criação da Universidade de Ancara.

Fonte: <http://www.ankara.edu.tr/kurumsal/tanitim/tarihce/>. Acesso em: 08 jan. 2014.

A Universidade de Ancara é uma instituição pública que possui diversos campus localizados na cidade de Ancara e em outras cidades da Turquia. A instituição conta com 14 faculdades, 1 conservatório, 12 escolas de formação profissional, 13 institutos e 37 Centros de Investigação, totalizando 59.851 alunos de graduação e pós-graduação.

A Universidade de Ancara participa da Convenção de Bolonha, que visa a criação de um espaço europeu de transparência e mobilidade educacional entre diversas universidades européias. A Convenção de Bolonha conta com 47 (quarenta e sete) países membros e colaboração de diversas instituições internacionais.

1.2 O CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS

O sucesso no caminho da civilização depende da inovação.

Mustafa Kemal Atatürk

A pesquisa foi desenvolvida no Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Ancara. O Centro de Investigação teve sua criação legal com a publicação de seu regulamento no Diário oficial da República da Turquia no dia 11 de abril de 2009.

Entre os principais objetivos do Centro estão a realização de pesquisas científicas sobre a América Latina, a publicação dos resultados dessas pesquisas, a amostragem de como os acontecimentos na América Latina são percebidos na Turquia, da mesma forma como os acontecimentos que ocorrem na Turquia são interpretados na América Latina, e a formação de pesquisadores especializados na região. O Centro colabora também com instituições acadêmicas, universidades, centros de pesquisas, embaixadas, consulados e outras organizações nacionais e especialmente internacionais relacionadas com a região.

O Centro de Estudos Latino-americanos possui uma biblioteca, um centro de documentação e um arquivo de materiais visuais, que, por meio da recolha, tanto na Turquia como no exterior, de publicações sobre a América Latina, podem ser utilizados como referência.

O Centro também organiza seminários, conferências, painéis nacionais e internacionais; apoia os projetos científicos que têm interesse em realizar pesquisas sobre a América Latina e fornece informações concernentes à América Latina ao público e a instituições tanto públicas como privadas. A inauguração do Centro de Estudos Latino-Americanos foi realizada no dia 29 de julho de 2009 pelo Prof. Dr. Ahmet Davutoğlu, Ministro das Relações Exteriores da República da Turquia, e a direção do Centro está a cargo do Professor Dr. Mehmet Necati Kutlu.

Outra dimensão importante do Centro de Pesquisa são os acordos internacionais. Atualmente, o Centro conta com acordos de colaboração assinados com entidades acadêmicas do México, Equador, Cuba, Chile, Venezuela, Peru, Bulgária e Sérvia, com programas de intercâmbio de alunos e professores.

O Centro de Estudos Latino-Americanos conta com um programa de mestrado único na Turquia: o “Programa de Mestrado em Estudos Latino-Americanos”, que é um programa criado pelo Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Ancara e aprovado pelo Conselho Superior Universitário da República da Turquia, em 28 de setembro de 2010. Este programa está ligado ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Ancara e admitiu sua quarta turma de alunos no ano de 2013, com 45 alunos matriculados.

1.3 O SISTEMA EDUCACIONAL TURCO NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO

Pessoas que moram aqui merecem tudo de melhor.

Frase escrita no jardim da Ankara Üniversitesi Geliştirme Vakfı Özel Okulları

Neste apêndice, trataremos do processo investigativo exploratório realizado na Turquia durante um intercâmbio acadêmico. O estudo pautou-se em algumas questões pertinentes ao contexto do Ensino Médio.

Entre as várias questões abordadas, analisamos a legislação educacional, a duração do Ensino Médio, o perfil dos alunos, a imagética dos espaços intraescolares e a formação dos jovens, as salas-ambiente e seus recursos, formação dos professores e sistema de avaliação dos alunos. Durante esse estudo, conhecemos um estudante brasileiro com escolaridade de Ensino Médio, que cursou seus estudos na Turquia em 2013, participando de um intercâmbio escolar no qual estudou por ano numa escola em Ancara.

Este estudo trata do sistema educacional turco, especificamente de Ensino Médio nos moldes atuais. Entretanto faz-se necessário apontar algumas questões sócio-históricas e religiosas que perpassaram e contribuíram para a atual configuração desse sistema de ensino. Durante o Império Otomano, o ensino da Turquia acontecia por meio do sistema das madrassas, que eram instituições de ensino religioso que se dedicavam ao estudo da religião islâmica.

Após a Primeira Guerra Mundial, o Império Turco Otomano teve seu golpe fatal, e em seguida seu desfalecimento. Como consequência do tratado de Sévres⁵⁶, o Império Turco Otomano teve seus territórios divididos entre países que nem sequer possuíam título oficial de Estado e nem tinham participado da Guerra. O Tratado de Sévres previa, nos artigos primeiro, quarto e quinto, a partilha de territórios Otomanos com a Grécia e a Armênia. O artigo quinto estabelecia que o presidente dos Estados Unidos escolheria as províncias que deveriam ser entregues à Armênia.

⁵⁶Ver em: <http://www.dipublico.com.ar/3680/tratado-de-sevres-1920/>. Acesso em: 25 nov. 2013. O tratado de Sévres é um tratado entre a Turquia e as nações aliadas da Primeira Guerra Mundial. Foi firmado na cidade de Sévres, na França, em 10 de agosto de 1920, e propunha o desmembramento das terras do Império Turco Otomano.

Entretanto, Mustafa Kemal Atatürk, que era um líder militar, revoltou-se contra o poder estabelecido pela Tríplice Entente e lutou pela independência da Turquia, o que aconteceu em 29 de outubro de 1923. Entre as reformas estabelecidas, estão as propostas de modernização do ensino, que prevê a diminuição drástica das madrassas em prol de um ensino moderno nos moldes da Arte e das Ciências.

É importante destacar que na Turquia, assim como em outros países muçulmanos, ainda existem o ensino nas madrassas. Contudo, no país eleito para a nossa investigação, o número dessas instituições é muito reduzido. Geralmente elas estão localizadas em regiões abruptas e distantes dos grandes centros urbanos.

Após essa breve contextualização, faremos uma análise na escola eleita para a investigação. É importante ressaltar que essas apreensões e aproximações partem de um intercâmbio acadêmico de curto prazo e poderão ser aprofundadas num estudo futuro.

O processo investigativo exploratório aconteceu na instituição Ankara Üniversitesi Geliştirme Vakfı Özel Okulları⁵⁷, no período do intercâmbio acadêmico entre os meses de novembro e janeiro de 2014. A escola é uma fundação vinculada à Universidade de Ancara na Turquia e oferta todos os níveis de educação básica. Entretanto, neste estudo analisamos apenas o processo educacional no Ensino Médio.

A instituição de ensino possui um total de 214 alunos matriculados no Ensino Médio. A faixa etária dos estudantes dessa etapa é de quinze a dezoito anos. A escola conta, em seu quadro de trabalho, com 60 funcionários, sendo 47 professores.

⁵⁷ Ver em: <http://www.ankukolej.k12.tr/>. Acesso em: 10 jan. 2014.



Imagem 3 - Ankara Üniversitesi Geliştirme Vakfı Özel Okulları.
Fonte: Acervo pessoal.

A duração do Ensino Médio na escola investigada é de quatro anos, divididos em 9º, 10º, 11º e 12º anos. Diariamente os alunos possuem nove aulas com duração de 40 minutos cada aula e intervalos ora de 10, ora de 5 minutos entre as aulas. Além desses intervalos, os alunos possuem um horário de 45 minutos para almoçar e descansar.

A carga horária semanal dos alunos é de 44 horas, sendo que na sexta-feira os alunos estudam 8 horas diárias e nos outros dias, 9 horas. Os alunos almoçam no refeitório da escola, que também é utilizado por professores, equipe pedagógica e direção da escola.

As salas de aula possuem no máximo vinte alunos, sendo que algumas turmas ou aulas específicas, como línguas, têm um número de estudantes reduzidos, com quinze ou sete alunos por classe. Em algumas escolas existem ainda o ensino individual, no qual um único aluno é atendido pelos professores.

Entre as disciplinas obrigatórias ofertadas pela instituição Ankara Üniversitesi Geliştirme Vakfı Özel Okulları estão a língua e literatura turca, matemática, geometria, ciências sociais, inglês, física, educação física, química e biologia e

ensino religioso.

Quando os alunos estão cursando o ensino secundário⁵⁸, eles devem optar por uma segunda língua estrangeira. Assim, eles estudam o idioma escolhido até finalizar o Ensino Médio. Entre os idiomas oferecidos estão francês, espanhol e alemão.



Imagem 4 - Alunos no intervalo da aula de inglês.

Fonte: Acervo pessoal.

Em entrevista com a diretora do Departamento de Línguas da escola, pudemos notar que atualmente o espanhol é a segunda língua mais requisitada. Entre os motivos elencados para tal escolha, ela citou a influência do futebol, dos filmes, da música, da televisão e de outras mídias.

Ressaltou ainda que em anos anteriores o idioma mais procurado pelos estudantes era o francês, devido à grande influência desse país no cenário europeu e midiático. Entretanto, no momento atual, o idioma espanhol domina a preferência dos estudantes num segundo idioma estrangeiro.

A escola oferece espaços educacionais tradicionais e ambientes configurados de acordo com cada disciplina ofertada. Entre esses espaços-ambiente, a instituição possui sala de ciências, sala de conferências, duas salas de esportes cobertas, ao ar

⁵⁸O ensino secundário turco corresponde aos anos finais do ensino fundamental brasileiro.

livre, observatório astronômico da Universidade de Ancara que pode ser utilizado pelos alunos da escola, cantina, refeitório, biblioteca, laboratório de ciências e jardins. A instituição ainda possui um prédio somente dedicado para as aulas aplicativas. Nesse ambiente, funciona o laboratório de computação, sala de Arte e sala de música.



Figura 5 - Quadra esportiva Ankara Üniversitesi Geliştirme Vakfı Özel Okulları.
Fonte: Acervo Pessoal.

Além das disciplinas obrigatórias, a escola também oferece matérias eletivas. Entre elas Arte⁵⁹, Música e Tecnologia da Informação. Para a prática dessas disciplinas a instituição possui um prédio específico e devidamente equipado de acordo com as necessidades e peculiaridades de cada matéria.

Na disciplina Arte, a sala-ambiente possui mobiliário especial para pintura, desenho e outras práticas artísticas. Possui ainda cavaletes espalhados pela sala, material artístico acondicionado em estantes, pia para higienizar os materiais utilizados, e no quadro de avisos pode-se perceber informações ligadas às apresentações artistas

⁵⁹ Todas as disciplinas eletivas foram iniciadas com letra maiúscula para evidenciar que mesmo estando num contexto de não obrigatoriedade, entendemos que essas matérias constituem um campo específico do conhecimento humano.

na cidade de Ancara, na Turquia.

Dentro das reformas educacionais propostas por Mustafa Kemal Atatürk está a formação de indivíduos sensíveis ao meio ambiente e à sociedade. Nessa perspectiva, o ensino da Arte na instituição escolar investigada busca lidar com a obra de arte propondo uma reflexão no âmbito global do cenário artístico.

O espaço-ambiente para a prática de música possui uma sala com quadro branco com pauta para música, vários instrumentos musicais, recortes de revistas e jornais nas paredes contendo notícias dos estudantes da escola em apresentações musicais, quadros com retratos de vários compositores mundiais, computador e som ambiente.

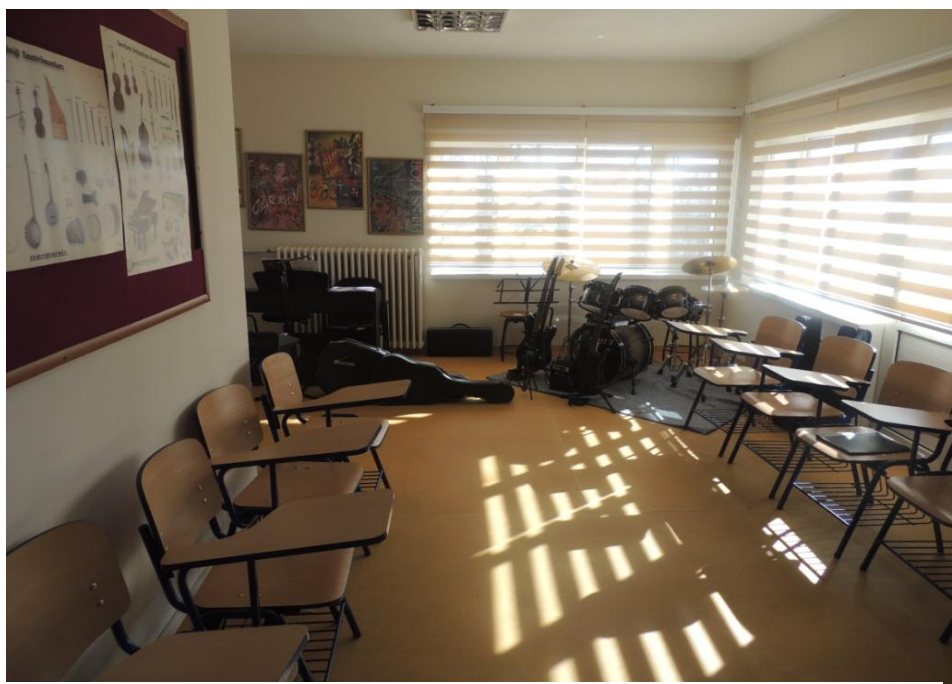


Figura 6 - Sala de música Ankara Üniversitesi Geliştirme Vakfı Özel Okulları.
Fonte: Acervo Pessoal.

Ao entrarmos nessa sala, nos envolvemos com a disciplina proposta, pois todos os elementos nos remetiam à sensibilidade musical. Nesse momento, rememoramos o quanto se faz importante a estética dos ambientes para a formação do jovem no Ensino Médio em qualquer contexto social, cultural e econômico. Na prática de Música, os alunos ainda podem participar da orquestra da escola, tendo a possibilidade de se fazer apresentações culturais em concertos em outros espaços da cidade e até mesmo fora de Ancara, quando convidados.

Atividades esportivas também são ofertadas nos finais de semana. Para essa prática, os alunos utilizam os espaços esportivos oferecidos pela escola. Entre esses ambientes, a escola possui duas quadras cobertas, quadra de tênis, de basquetebol, sala de ginástica e musculação e vários outros espaços ao ar livre.

Na disciplina de Tecnologia da Informação, a sala de aula prática é provida com computadores, climatização, recursos audiovisuais e ferramentas tecnológicas. A concepção da instituição escolar ao oferecer essa matéria consiste na veloz sociedade da informação em que esses alunos estão inseridos.

Nesse contexto, diariamente os estudantes são confrontados com a tecnologia da informação ao realizar quase todas as tarefas cotidianas com o uso da informática. Deste modo, desenvolver habilidades de processamento de informação e informática, bem como desenvolver habilidades tecnológicas, estão no bojo da disciplina.

A disciplina Educação Física é obrigatória, e os espaços utilizados para as aulas práticas são quadras cobertas e áreas ao ar livre. Entre os espaços cobertos, a escola possui uma sala de ginástica e musculação e uma quadra poliesportiva. Entre os espaços ao ar livre, os alunos utilizam a quadra de tênis, os campos de futebol e outras áreas destinadas à prática de esportes.

O intuito do Departamento de Educação Física no Ensino Médio é o de desenvolver a cultura do esporte na escola e a capacidade dos estudantes em reconhecerem-se a si mesmos. Entre os esportes oferecidos pela instituição podemos elencar a patinação no gelo, yoga, pilates, spinning, natação, boliche, golfe, paintball, aulas de esgrima, entre outros. Essas aulas são oferecidas pelos professores da escola e por especialistas nas respectivas áreas desportivas.

Nos meses de janeiro, maio e junho, os estudantes participam de uma semana especial chamada “Semana de Vida Esportiva”. Além disso, a escola leva os alunos que cursam o 9º ano para uma instalação de ÖRSEM⁶⁰, localizada numa montanha

³As Estações de Ilgaz e Manavgat são vinculadas à ÖRSEM (Öğrenci Rehabilitasyon Spor Eğitim Merkezi / Centro de Reabilitação, Educação Esportes e Educação para Alunos), que é filiada à Universidade de Ancara.

chamada Ilgaz⁶¹, para o ensino de disciplinas ligadas ao esporte esqui. No mês de junho, os estudantes têm a oportunidade de vivenciar esportes aquáticos numa outra instalação de ÖRSEM, em Manavgat⁶², onde os estudantes aprendem várias disciplinas desportivas com convivência.

Há dois anos o sistema educacional turco sofreu mudanças na legislação. Atualmente o cenário educacional segue alguns padrões europeus e adotam o sistema 4 + 4 + 4 na educação básica. Nesse sistema, o ensino é dividido em: quatro anos nos anos iniciais no Ensino Fundamental, quatro anos nos anos finais do Ensino Fundamental e quatro anos no Ensino Médio.

O Ensino Médio turco oferece diversificados sistemas de ensino. Entre eles podemos destacar as escolas ordinárias, que ofertam o Ensino Médio tradicional, com o ensino de várias disciplinas; as escolas religiosas, que ofertam o Ensino Médio, tendo como premissa os moldes religiosos muçulmanos e o ensino do alcorão; as escolas de Ensino Médio profissionalizantes e as escolas militares.

O ingresso em algumas dessas escolas faz-se por processo seletivo. É importante destacar que nas escolas religiosas e nas escolas militares há grande concorrência, pois muitos jovens optam por essas carreiras pelo ensino de qualidade e inserção na sociedade.

O sistema de avaliação é contínuo, acontecendo ao longo do ano letivo, que é dividido em três trimestres que totalizam cem pontos. Por meio de matérias eletivas, como Arte, por exemplo, os alunos têm a possibilidade de elevar seu coeficiente escolar, pois ao final do ano eles devem apresentar seus trabalhos finais, e esta pontuação melhora seu rendimento escolar. Para um aluno ser considerado aprovado ele deve alcançar no mínimo 50% da pontuação prevista.

Nesse contexto, entendemos que, mesmo sendo disciplinas eletivas, elas concorrem para a formação dos alunos e possuem espaços privilegiados, o que nos faz acreditar que o sistema turco compreende a educação estética como um processo formativo dos seus jovens. Foi observado também que os professores participam, ao longo do ano letivo, de vários momentos de formação oferecidos pela instituição

⁶¹Ilgaz é uma montanha que é famosa por suas estações de esqui e fica na interior da cidade Çankırı.

⁶²Manavgat é um distrito da cidade Antália, que é litoral do Mar Mediterrâneo.

escolar, totalizando 45 horas de momentos reflexivos e formativos sobre a prática pedagógica.

Durante a investigação, conhecemos um aluno brasileiro, chamado Matheus Bezerra, que estudou o ano letivo de 2013 numa outra escola de Ensino Médio em Ancara. Ele participou de um intercâmbio escolar e cursou o correspondente ao primeiro ano do Ensino Médio brasileiro. Ele respondeu a um questionário que tratava de questões pertinentes ao contexto educacional por ele vivenciado.

Analisando o questionário respondido por Matheus Bezerra, observamos que durante o período no qual estudou na Turquia sua adaptação à cultura aconteceu de forma progressiva e satisfatória, e a receptividade por parte dos estudantes turcos foi acolhedora. Em relação às disciplinas estudadas, o aluno comentou que não sentiu grande diferença em relação ao estudo brasileiro, apenas destacando que não teve aula de Arte nesse nível de estudo. Ainda salientou que a segunda língua estrangeira opcional foi o francês, além do turco, que compõe a grade curricular obrigatória. No questionário respondido percebemos que o aluno já falava inglês e que de acordo com o estudante isso facilitou o aprendizado do idioma turco. Perguntamos sobre a escolha do país para fazer o intercâmbio. Matheus respondeu:

Eu não escolhi, o programa de intercâmbio me selecionou para estudar na Turquia, mas depois de pesquisar sobre o país descobri que a Turquia é história pura e me interessei muito por lá (DIÁRIO DE BORDO, 08/01/2014).

A partir de todo o período de intercâmbio nos diversos espaços da Universidade de Ancara, da escola investigada e do contato com os vários sujeitos que permeiam essa investigação, constatamos que as questões culturais e religiosas moldaram e estão imbricadas naquele sistema de ensino. A preocupação com a educação dos ambientes, os recursos tecnológicos inseridos nesses espaços e a preocupação com a formação dos docentes também foi observada.

Inferimos que a educação no contexto euroasiático, especificamente na Turquia, sofre uma influência europeia, demonstrada principalmente na mudança recente na legislação em busca de aproximação com a realidade do bloco europeu e uma preocupação com as imagens materializadas no contexto escolar, que colaboram para a formação dos jovens no Ensino Médio.

Destacamos também a importância dos espaços intraescolares para a formação dos jovens no contexto turco. Notamos a preocupação em proporcionar ambientes estimulantes para os estudantes, principalmente nas salas de aula dedicadas às disciplinas de Arte, Música e Informática. Nesse sentido, entendemos que a educação turca em nível de Ensino Médio privilegia a formação dos jovens em diálogo com os ambientes intraescolares e seu potencial formativo.

O processo de pesquisa na Turquia trouxe contribuições para a nossa pesquisa, pois analisou especificamente a educação turca em nível de Ensino Médio. Investigou os espaços intraescolares e o processo formativo dos jovens. Destacamos também a contribuição no campo da história e memória para o processo formativo dos alunos, visto que a Turquia, como um país secular, privilegia o senso de pertencimento dos estudantes às instituições escolares e a seu país.

Notamos uma postura nacionalista e de exaltação ao país em todos os ambientes escolares. Nesses espaços, observamos bandeiras da Turquia e imagens do fundador da República Mustafa Kemal Atatürk. Essa imagética que permeia todo o contexto turco reverbera na formação moral e ética do cidadão.

Na investigação em nível euroasiático, propomos aproximações com o contexto educacional turco perpassado por suas questões sócio-históricas e culturais. Entretanto várias lacunas e possibilidades se abrem ao problematizar tais questões, devido às suas complexidades seculares e religiosas, o que nos indica um campo fecundo para futuras e inovadoras pesquisas.

APÊNDICE F – PROTOCOLO DA PESQUISA/TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

Ankara ,Türkiye, 22 de janeiro de 2014.

À escola: Ankara Üniversitesi Geliştirme Vakfı

Özel Okulları

A/C: Suzan Saral

Apresento a síntese do projeto de pesquisa intitulado “**AMBIENTES INTRAESCOLARES COMO MEDIADORES DO PROCESSO FORMATIVO DOS JOVENS NO ENSINO DA ARTE: RELAÇÕES EDUCACIONAIS ENTRE BRASIL E TURQUIA**”, orientado pela Prof^a. Dr^a. Gerda Margit Schütz Foerste, no Curso de Mestrado em Educação/PPGE/UFES, tendo como linha de pesquisa Educação e Linguagens, com o objetivo de estabelecer parceria com essa unidade de ensino para o desenvolvimento da investigação proposta. Essa escola foi selecionada, pois está vinculada à fundação da Unviersidade de Ancara, por possuir as condições necessárias para a pesquisa e por atuar no nível Lise de ensino, critério essencial para a investigação proposta.

Perfil do pesquisador

Dados pessoais

Nome: Rosemeire Maria de Souza

Endereço: Rua Getúlio Vargas, 91, Rosa da Penha, Cariacica – ES. CEP:29143-410

Telefone: +55 27 3343-6392 e 99233-3266

E-mail: meire10000@bol.com.br

Idade: 33 anos

Estado civil: solteira

Natural de Vila Velha/ES

Profissão: Professora (Governo do Estado do Espírito Santo) e Pesquisadora (Universidade Federal do Espírito Santo)

Interesse da pesquisa

A investigação tem como interesse analisar o sistema educacional turco, especificamente no nível médio, e estabelecer relações com o sistema educacional brasileiro.

Tendo em vista as peculiaridades de cada país, não pretendemos fazer um estudo comparativo, mas problematizar questões educacionais de cada sistema de ensino, suas metodologias, avaliação, recursos e espaços utilizados para a formação dos jovens nessa etapa de ensino.

Considerando a intrincada teia de relações que envolvem o cenário educacional Turco-Brasileiro, sobretudo as conquistas sociais que são refletidas no âmbito educacional, a pesquisa possibilitará a troca sistemática e consistente do conhecimento produzido, por meio de parceria acadêmica entre o Brasil e Turquia, visando ao aprimoramento dos processos de ensino-aprendizagem.

A investigação na escola Ankara Üniversitesi Geliştirme Vakfı Özel Okulları é de caráter exploratório, visando conhecer a realidade educacional turca no contexto específico do Ensino Médio.

A pesquisa não utilizará procedimentos que representem risco de qualquer natureza para os participantes, encontrando-se em conformidade com as Resoluções nº 196/96/CNS Brasil e nº 016/2000/CFP Brasil, que regulam a ética em pesquisa com seres humanos.

Os dados/resultados da pesquisa terão tratamento ético, sendo apresentados no texto de dissertação e poderão ser utilizados para publicação. Por isso, solicito, por meio da assinatura deste Termo de Consentimento, sua autorização para que a pesquisa possa ser concretizada.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz em todo o território nacional e exterior, no qual aborda Educação como eixo norteador.

Por esta ser expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a de qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor

e forma.

Ankara, Türkiye, 22 de janeiro de 2014.

Suzan Saral (Müdür)

Ankara Üniversitesi Geliştirme Vakfı Özel Okulları

Rosemeire Maria de Souza (Mestranda)

Universidade Federal do Espírito Santo

Roteiro de Investigação da Escola Ankara Üniversitesi Geliştirme Vakfı Özel Okulları

Perguntas:

- 1- Qual é o horário de entrada e saída dos alunos do Lise na escola?
- 2- Quantos anos de duração tem o Lise?
- 3- Quantos alunos o Lise possui e qual é a faixa etária desses alunos?
- 4- Quais são as disciplinas ofertadas no Lise e quantos professores atuam nessa etapa de ensino?
- 5- Quantos funcionários possui a escola?
- 6- Quando a escola foi inaugurada?
- 7- Quantas salas de aula a escola possui?
- 8- Especificamente na aula de Artes, os alunos possuem sala específica para essa disciplina ou estudam em salas tradicionais?
- 9- Quais são os espaços que a escola disponibiliza para o ensino-aprendizado dos alunos? (exemplo: Teatro, sala de Artes, auditório, quadra de esportes)
- 10- Quais os recursos audiovisuais que as salas de aula possuem?

- 11- Qual é a formação dos professores para atuar no Lise?
- 12- Qual a legislação educacional que a escola adota para o Lise?
- 13- Como é o sistema de avaliação que a escola adota?
- 14- Como acontece o processo educacional dos alunos com necessidades especiais?
- 15- É possível fotografar os espaços da escola para finalidades acadêmicas?

APÊNDICE G – PROTOCOLO DA PESQUISA / TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO EM TURCO

ARAŞTIRMA PROTOKOLÜ / SERBEST DÖNEM ONAYI

Ankara ,Türkiye, 22 Ocak 2014.

Okul: Ankara Üniversitesi Geliştirme Vakfı

Özel Okulları

A/C: Suzan Saral

PPGE/UFES (Espírito Santo Federal Üniversitesi) Eğitim Fakültesi Master Dersi'nde Prof^a. Dr^a. Gerda Margit Schütz Foerste tarafından rehberlik edilen “**EĞİTİM ÇEVRELERİNDE GENÇLERİN SANAT EĞİTİMİNDEKİ GELİŞİMLERİ NASILDIR? :BREZİLYA VE TÜRKİYE ARASINDA EĞİTİMSEL İLİŞKİLER**” başlıklı, Eğitim ve Diller hakkında bir araştırma niteliği taşıyan, bu konuda bir ortaklık kurarak bu incelemenin geliştirilmesi amacını taşıyan araştırma projesinin özetini sunuyorum. Bu okul önerilen araştırmann esas kriteri olan ortaöğretim düzeyinin araştırılması için gerekli şartların sağlanabilmesi amacıyla Ankara Üniversitesi'ne bağlı olduğu için seçilmiştir.

Araştırmacının Profili

Kişisel Bilgiler

Ad / Soyad: Rosemeire Maria de Souza

Adres: Rua Getúlio Vargas, 91, Rosa da Penha, Cariacica – ES. CEP: 29143-410

Telefon: +55 27 3343-6392 e 99233-3266

E-posta: meire10000@bol.com.br

Yaş: 33 Doğum Yeri: Vila Velha/ES Medeni Durum: Bekar

Meslek: Öğretmen (Espírito Santo Eyaleti Hükümeti) ve Araştırmacı (Espírito Santo Federal Üniversitesi)

Araştırmanın Amaçları

İncelemenin amacı Türk eğitim sistemini özellikle ortaöğretim seviyesinde analiz etmek ve Brezilya eğitim sistemi ile ilişkiler kurmaktır.

Her ülkenin kendine özgü özellikleri göz önünde bulundurulduğunda karşılaştırmalı bir çalışma yapamayız ancak iki ortaöğretim sisteminin de sorunlarını, metodolojilerini, değerlendirmelerini, kullanılan kaynakları ve gençlerin formasyonu için kullanılan sınıfları tartışabiliriz.

Türkiye-Brezilya arasındaki eğitimsel senaryoları, karmaşık ağ ilişkileri ,özellikle de çevresine yansıtılan başarılar göz önünde bulundurulduğunda; araştırma Brezilya-Türkiye arasında kurulan akademik ortaklık aracılığıyla, öğretim ve öğrenimin geliştirilmesi amacıyla sistematik ve tutarlı bir bilgi alışverişine imkan sağlayacaktır.

Ankara Üniversitesi Geliştirme Vakfı Özel Okulları'ndaki inceleme ortaöğretim özelinde Türk eğitim sisteminin gerçeğini tanımak amacıyla yapılan bir keşif niteliği taşımaktadır.

Araştırma etik ve insani araştırmaları düzenleyen n° 196/96/CNS Brasil ve n° 016/2000/CFP Brasil sayılı önergeler uyarınca araştırmacılar için risk taşıyabilecek hiçbir prosedürü kullanmayacaktır.

Araştırma verileri/sonuçları etik işleme tabi olacaktır ve yayınlanmak üzere kullanılabilir. Bu nedenle, araştırmacının yetkilerinin kazanılabilmesi için bu belgeyi imzalamanız gerekmektedir.

Bu yetki ücretsiz olarak verilir, ülke içinde ve ülke dışında görüntü ve ses kullanımını kapsar ve eğitimsel rehber niteliğindedir.

Bunun bir irade beyanması için, yukarıda belirtilen amaçlarla kullanılacak olan benim veya herhangi başka bir kişinin görüntüsüne ilişkin hiçbir hak talebinde bulunmayacağımı kabul ediyorum, aynı şekil ve biçimde olmak üzere bu yetki belgesinin 2 özdeş kopyasını imzalıyorum.

Ankara, Türkiye, 22 Ocak 2014.

Suzan Saral (Müdür)
Ankara Üniversitesi Geliştirme Vakfı Özel Okulları

Rosemeire Maria de Souza (Yüksek Lisans Öğrencisi)
Espírito Santo Federal Üniversitesi

Ankara Üniversitesi Geliştirme Vakfı Özel Okulları Araştırmasının Senaryosu

Sorular:

- 1- Lise öğrencilerinin giriş ve çıkış saatleri nelerdir?
- 2- Lise öğrenimi kaç yıl sürer?
- 3- Lisenin kaç öğrencisi var ve bu öğrencilerin yaş grupları nelerdir?
- 4- Lisede hangi dersler verilmektedir ve öğrenimin bu kademesinde kaç öğretmen görev yapmaktadır?
- 5- Okulun kaç tane çalışanı var?
- 6- Okul ne zaman kuruldu?
- 7- Okulun kaç tane dersliği var?
- 8- Özellikle sanat derslerinde öğrencilerin özellikle bu disiplin için ayrı bir sınıfları var mı yoksa bu dersi normal sınıflarda mı görüyorlar?
- 9- Okulun öğrenciler için sağladığı alanlar nelerdir? (exemplo: Tiyatro, sanat sınıfı, konferans salonu, spor salonu)
- 10-Sınıflarda varolan görsel-işitsel kaynaklar nelerdir?
- 11-Lise'de görev yapabilmek için öğretmenlerin alması gereken formasyonlar nelerdir?
- 12-Lisenin tabi olduğu yasalar nelerdir?
- 13-Okulun değerlendirme sistemi nasıldır?
- 14-Özel ihtiyaçları olan öğrenciler için eğitimsel süreç nasıl işliyor?
- 15-Akademik amaçlarla okulun alanlarını fotoğraflamak mümkün mü?

APÊNDICE H – QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS BRASILEIROS QUE ESTUDARAM NA TURQUIA

Questionário para alunos brasileiros que estudaram na Turquia

- 1- Como foi o seu ingresso numa escola turca de nível médio?
- 2- Quantos anos você estudou na Turquia?
- 3- No Lise em que você estudou, você cursou ensino médio ordinário ou técnico?
- 4- A escola em que você estudou era pública ou privada?
- 5- Quais disciplinas você cursou no Lise?
- 6- Caso você tenha estudado Arte, como eram as aulas dessa disciplina? A disciplina Arte possuía alguma sala específica para as matérias práticas?
- 7- Quais espaços educacionais (por exemplo: biblioteca, quadra de esportes, teatro, auditório, entre outros) a escola que você cursou disponibilizava para o ensino-aprendizado dos alunos?
- 8- Como era sua sala de aula? Quantos alunos estudavam nesse espaço?
- 9- A sala de aula possuía algum recurso tecnológico ou audiovisual?
- 10- Qual era a sua carga horária de estudo diária e semanal na escola? Quantas aulas você tinha por dia e qual a duração dessas aulas?
- 11- Como era dividido o ano escolar e qual era a pontuação necessária para ser aprovado? (por exemplo: bimestre, trimestre, semestre)
- 12- Como era o processo de avaliação dos alunos?
- 13- Como foi a sua adaptação com o idioma turco?
- 14- Como era sua relação com os alunos e professores da escola?
- 15- Por que optar em estudar o nível médio numa escola turca?
- 16- A diferença cultural trouxe algum impacto (positivo ou negativo) para sua formação no nível médio?
- 17- Na sua opinião, quais são as principais diferenças e pontos em comum no contexto educativo de uma escola turca e brasileira?

APÊNDICE I – TABULAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS DOS JOVENS DO 3ºM 03

	1-Como você analisa a utilização dos espaços-ambiente intraescolares (sala de aula, refeitórios, biblioteca, pátio, quadra de esportes, laboratório de informática, entre outros) disponibilizados pela escola para o ensino- aprendizagem.	2- Tendo como base as informações que você possui, comente um pouco sobre a história da escola que você estuda.	3-Nos últimos anos, a escola passou por 3 ambientes distintos, a escola antiga, o espaço provisório e a escola nova.Como você analisa os três espaços escolares e sua infraestrutura, bem como seus diversos espaços de aprendizado.	4- Como você entende o passado inserido na historia e memória da escola.
Durval	São utilizados com frequência, mas tem sempre quem não pensa no próximo e acaba vandalizando esses espaços, seja pichando ou destruindo esse patrimônio.	Passou por varias mudanças esses anos , como a destruição , física, da antiga escola para construção da escola atual em que estamos> destruição física por que ela ficará na memoria de quem já estudou lá e também nas fotos que foram tiradas enquanto ela existia.	A escola que foi destruída para construção não possuía um bom ambiente de estudos para os alunos que La estudavam e a provisória que foi construída tinha uma boa estrutura até, mas não o ideal para um ensino de qualidade. A atual, agora ainda se encontra em processo de construção, mas já tem uma ótima estrutura que oferece aos alunos uma qualidade melhor de ensino e aos funcionários também melhor condição de trabalho, mas ainda tem muito o que melhorar não só na escola mas nas pessoas que nela estudam.	Não sei
Relton	Um pouco mal aproveitado, porque tem locais mal preservados como a biblioteca.	Não lembro muito mais das fotos lembro da evolução de comportamento e modo de se vestir daquela época.	No primeiro espaço não cheguei a conhecer, só o provisório a estrutura era um pouco precária e era um pouco difícil de aprender.	É uma trajetória percorrida durante o tempo mostrando erros e acertos de um passado promissor.
Izabella	Nessa escola nova esses espaços são ótimos e foram muito bem distribuídos.	Depois de muitos anos que já estudei a única coisa que sei dessa escola é que ela foi fundada em 70 e já teve vários eventos como feiras onde os alunos faziam seus projetos e ficavam explicando.	Na escola antiga era mais ou menos de se estudar porque quando entrei a escola já estava praticamente destruída e no espaço provisório era ruim porque fazia muito calor e ficava muito ruim de se estudar, na escola nova é bom de se estudar é bom de tudo .	Que os alunos de antigamente poderiam ter feito algo para mudar a escola e que mais para frente isso seria reconhecido.

Julia	Na minha opinião esses espaços são bem aproveitados	Não sei como era na escola antigamente mas pelas fotos tive uma ideia , a escola era bonita , tinha varias atividades que não possuem agora e que os alunos demonstravam gostar desse espaço	Na escola antiga não tive a oportunidade de por isso não tenho o que falar, o espaço provisório era horrível, era pequeno e não tinha boas condições para os alunos. A escola nova alem de não esta 100% pronta e muito melhor do que o espaço provisório , ela é bonita, tem condições de receber os alunos , é organizada , e esta muito melhor estudar aqui.	
Juliana	Acredito que apesar do temperamento de alguns alunos que atrapalham o uso é bem disponibilizado.	Sei que é uma escola antiga , haviam muitas oficinas , sofreu com o tempo , com os vândalos e pela negligencia do governo.	Escola antiga não cheguei a estudar nela, escola temporária era apertado, mas servia, escola nova clara, colorida mas mal projetada.	Uma forma de honrar aqueles que vieram antes de nós.
Cleiffton	Eu acho que é muito pouco aproveitada.	E uma escola fundada na década de 70 tem uns funcionários que estão aqui que estudou naquela época, professor que se bestar esta aqui desde que ela inaugurou.	A escola antiga já estava defasada, a provisória era uma porcaria e a nova é muito melhor.	Que é muito importante para o construímento da memória histórica.
Haliphe	Os espaços muitas das vezes não são totalmente usados de forma adequada.	A escola foi inaugurada na década de 70 com um modelo europeu com o passar das décadas a escola foi derrubada e construíram outra com estilo estadual.	Hoje no espaço novo tem diversas salas apropriadas para o ensino aonde os outros espaços não existia.	
Gabriel	São boas	Não sei muito da historia do polivalente mas sei que todos eram escola modelo e davam cursos técnicos.	A escola antiga não dava para fazer nada não tinha espaço, a escola provisória nem se fala, mas a escola nova ficou boa nem ficou pronta ainda e a estrutura melhor que escola particular.	Um pouco não possuo vasto conhecimento sobre o passado da escola.

Maik	Ficaram melhores	No começo era escola completa e bem arrumada depois o uso do colégio ficou velha e destruída e depois eles reformaram novamente.	Antiga :estava velha mas ainda dava para estudar. Provisória: muito ruim, sem quase nenhuma condição de estudar. Nova: muito boa	No passado, eles podem ter lutado por algo que temos hoje.
Ariadne	Olha , eu acho tudo muito bacana este ano , a sala de aula tem ótima estrutura, o refeitório, quadra etc., não tenho nada a reclamar.	A escola foi feita na década de 70.	A escola provisória era horrível, não tinha estrutura nenhuma para aprendizado, e a escola antiga eu não estudei.	Que os alunos da década de 70 pode ter reivindicado para alguma coisa que trouxe benefício para a gente.
Daniela	E bastante usado sendo que a biblioteca quase não é usada a variação de livros não chama a atenção.	Não sei muita coisa, mas ela possui lembranças de alunos e professores onde os atuais também estão deixando uma historia que o passado deixou onde hoje vai se a mesma coisa com fotos deixadas para trás.	Por ficar dois anos no espaço provisório acompanhei a construção da escola nova e agora esta sendo usada.	Um pouco
Lucas	O funcionamento da escola esta excelente tudo funcionando perfeitamente em sincronia.	A escola foi fundada na década de 70 e ate hoje já se passou por 3 locais.	E claro que o rendimento na escola nova é muito melhor por ter mais espaço e diversidade para os estudos.	Eu não conheço o passado da escola.
Josias	Hoje muito bom , espaço adequado para cada tipo de atividade comportando muito bem todos os alunos.	A escola foi feita na década de 70 muitas pessoas passaram por aqui pessoas que estudaram aqui hoje trabalham dando aula.	A escola velha era boa mais por mal uso dos alunos foi destruída, o local provisório era muito ruim por não ter espaço a nova é ótima.	E importante para quem não conhece o passado da nossa escola sabendo de tudo por que ela passou para hoje darmos valor a nossa escola.
Jonathan	Apenas a sala de informática que não esta má excelente.	A escola foi fundada na década de 70 e ao longo dos anos foi sofrendo mudanças boas e ruins no ano de 2013 ela já táva boa parte reconstruída.	O primeiro espaço era completamente destruído, não tinha como estudar lá, o segundo espaço era muito abafado, e o espaço atual é ótimo, arejado muito bom o novo espaço.	Antigamente a escola tinha muitos campeonatos de atletismo.

Hevander	E uma utilização boa ajuda a diversificar as aulas comuns.	Fundada nos anos 70 e foi construída em padrão europeu e hoje reconstruída no padrão estadual.	Foram espaços distintos, cada um com sua estrutura, no espaço provisório a situação era baixo, pouco espaço de recreação e na escola nova a gente tinha muito espaço e muitas atividades.	E bom porque nos podemos nos espelhar neles talvez eles ajudem a melhorar a escola.
Jessica	Nesse novo ambiente os espaços são bem utilizados e bem distribuídos.	Eu não estudo muito tempo na escola não sei quase nada sobre o passado.	Eu só utilizei o espaço provisório e agora a escola nova o espaço provisório era muito ruim e mal planejado, hoje a escola esta em uma melhor condição.	Os alunos de outras décadas poderiam ter feito um movimento para reivindicar uma melhoria na escola e isso favoreceu para nos hoje.
Thais	Analiso de forma em que os espaços são bem utilizados por todos.	Não sei exatamente como era a escola antigamente mais sei que uma escola muito antiga e que alguns professores que dão aula ate já estudaram aqui, então sei que essa escola tem muita historia.	Estudei nos três ambientes, e o melhor sem duvida é a escola nova, por que as outras não tinham a comodidade que temos nessa.	Entendo de forma em que a escola era bem arrumada de acordo com cada década.
Lindanara	Eu acho que a escola foi feita para nos estudar e ela é muito boa.	A escola foi fundada em 1970 e ela hoje é uma escola modelo e vai ter tudo.	A escola antiga era uma escola toda quebrada e hoje a escola tá toda inteira.	Eu acho que o passado foi mais diferente do que hoje.
Deize	Os ambientes citados são totalmente adequados para o uso dos alunos dessa escola, pois são organizados e limpos A sala de informática que é um pouco ruim Mis da para pesquisar por lá.	Eu não conheço a historia dessa escola mais a escola nova ficou mais organizada e moderna.	Não conheci a escola antiga, só o espaço provisório mais garanto que todo espaço improvisado e a escola antiga o melhor espaço mesmo é a escola nova, pois tem mais espaço e mais estrutura.	É muito importante o passado dessa escola, pois existem pessoas que estudam na escola antiga e hoje trabalham na nova.
Arthur	Agora com o novo prédio e as novas instalações considero tudo de grande utilidade ainda mais estando tudo novo.	Sei que foi construída em um terreno doado, já ouve um acaso de morte neste local por afogamento e que grande parte da população local estudou aqui.	A cada mudança de espaço as melhorias foram gradativas passamos de uma sede destruída e limitada para um novo espaço moderno e melhor.	Importante, pois por aqui passaram varias historias e ainda se passam varias historias onde nos alunos fazemos parte A escola é a ponte entre o passado, presente e futuro.

Daniele	E claro que alguns locais como a sala de informática precisa de melhorias, como mais computadores para todos os alunos, mas na minha opinião os outros espaços estão sendo utilizados da maneira correta.	Não só os alunos que mudaram, a estrutura da escola também mudou na minha opinião para melhor, ficou mais moderna e mais aberta pois o modelo da outra escola dizem que era muito quente.	Escola antiga: não tenho o que falar, pois não tive a oportunidade de estudar lá. escola provisória: não era confortável pois os alunos começaram a depredar e piorou com mal cheiro e salas sem estruturas. Escola nova: apesar de não estar pronta eu acho bastante confortável e com uma ótima estrutura nas salas de aula.	O passado da escola nos mostra pessoas e coisas completamente diferentes do que é hoje, a escola é diferente na estrutura e os alunos também.
Josineia	A estrutura é muito boa, porem, não são muito utilizados adequadamente alguns ambientes como o laboratório de informática, biblioteca e o refeitório.	A escola foi construída na década de 70 com uma estrutura de escola americana e ficou com a mesma estrutura até 2012. Atualmente encontra-se em reforma.	A escola antiga apesar da aparência ruim por causa do tempo e do vandalismo eu gostava de estudar nela. O espaço provisório foi o pior que eu já vi na minha vida, estudei lá durante 2 anos e o espaço era ruim e prejudicou muito meu aprendizado, até reprovei por causa do desânimo de vir para escola que não tinha condições de estudar.	Na minha opinião o passado deixou marcas no presente sim seja ela boa ou ruins.
Keity	Alguns lugares estão devidamente organizados e atendem as necessidades dos alunos, mas alguns lugares da escola estão muito desorganizados, pois é uma escola nova então deveria estar melhor.	Não sei muita coisa da minha escola, mas o que eu sei é que ela já existe há décadas e tem uma história interessante e já foi uma das melhores escolas.	A escola antiga estava bem ruim em péssimas condições por causa dos alunos, o espaço provisório foi destruído em menos de um ano, e a escola nova ficou bem legal mas muita coisa poderia ser feita.	Ah, que a memória da história da escola está de alguma forma presente nas nossas vidas, influenciando uns aos outros.
Paulo	A escola é boa refeitório a educação física foi boa até no pátio. informática e boa	Aulas foram boas e fundamentais.	Ventilador quebrado. Cadeira quebrada	Foi feliz. Passava de ano

	5- Você conhece alguém que estudou na escola a 4 décadas atrás. Comente sobre a relação passado x presente desde aluno (a) e você.	6- Como a fotografia pode contribuir para o resgate do passado.	7- De acordo com a concepção de espaços. Explique o que é uma sala.	8- Em sua opinião, como deve /deveria ser uma sala ambiente.	9- A escola que você estuda possui sala ambiente.
Durval	Não	Por que nelas pode se observar momentos diversos que aconteceram no passado e que pessoas, alunos atuais não saberiam que ocorrerão.	Para mim é um espaço onde há descontração, onde pode-se relaxar em meio a tensão de ter que ficar entorno de 5 horas em uma sala fechada, que acaba desgastando mentalmente e emocionalmente o que reflete mais tarde em uma pessoa mais rude.	Um local onde haja interação com a natureza, não tem problema de ser uma sala fechada mas poderia ser personalizada estrategicamente com alguns tipos de plantas, um tipo de som de fundo relaxante, algum tipo de descontração para as aulas e as aulas que promovam interação de toda sala .	Se for por todos esses pontos de vista citados ela não possui.
Relton	Sim alguns alunos que hoje são professores.	Pode contribuir de varias formas tanto para mostrar o estilo de vida dos antigos alunos ou a estrutura da antiga escola.	No meu ponto de vista seria uma sala diretamente ligada ao ambiente.	Deveria ser ligada ao ambiente.	Sim Possi sala ambiente.
Izabella	Sim minha irmã estudou ali,ela saiu da escola em 2009para estudar em outra.	Para saber o que foi feito antes de estudarmos aqui o que aconteceu naquela época.	Para mim tem vários significados mais um deles para mim que sempre penso é que são os alunos trocando de sala.	Seria um a sala calma , um aroma bom e os alunos se comportando.	Sim
Julia	Sim, meus pais estudavam na escola antiga, sempre falavam muito bem da escola e hoje também falo dessa escola que so a estrutura mudou porque o modo de estudo seja o mesmo.	Pois através delas podemos ver e saber como era a escola antigamente não perdendo a memória do passado.	Uma sala confortável, arrumada, que tenha condições de receber os alunos, agradável.	Uma sala climatizada, organizada, limpa e que tenha boas condições .	Até que sim
Juliana	Não	A fotografia e a reprodução fiel de um determinado monento capturado, esse momento então se torna eterno.	Um espaço funcional e que atende as necessidades imposta a ele.	Bem projetada e funcional.	Sim

Cleiffton	Não	Para nos lembrar de algo que talvez agente já tinha se esquecido.	Uma sala ambiente é uma sala a onde tem todo o material próprio para aquela aula.	Como eu já disse na pergunta anterior deve ter todo aparato para aquela aula.	Não
Haliphe	No passado não tinha toda a infraestrutura como hoje o ensino esta muito melhor em relação a infraestrutura.	Através das imagens mostradas pode trazer lembranças de algo ou lugar.	Um sala aonde vai atender as necessidades da atividade do aluno.	De uma forma que atende-se as necessidades dos alunos.	Não
Gabriel	Não	Voce pode ver o passado e lembrar ou ver como era as coisas naquela época.	Para mim uam sala ambiente é uam sala confortável e fresca.	Grande , fresca e confortável.	Sim
Maik	Não conheço	Ao vermos uma imagem podemos preservar e resgatar memórias que e contando historias elas podem ser lembradas.	E uma sala diferenciada mas aconchegante e moderna.	So com professoras de biquínis bem malhadas e bonitas e uma piscina aquecida.	não
Ariadne	Conheço não	Para todos que não vivenciou conhecer melhor e voltar ao passado para ver fotos de pessoas conhecidas por elas hoje em dia e ver a escola antes de depois.	Que os alunos mudam de sala e não o professor.	Arrumadinha e cheirosa.	Sim na minha concepção.
Daniela	Conheço e ate hoje tenho contato com elas	Pode contribuir para lembranças e quando olhamos as fotos podemos sorrir e lembrar.	Uma sala com materiais preparados para educação.	Deveria mudar as vezes trocar a dinâmica na sala de aula.	Varia às vezes
Lucas	Não conheço	Trazendo lembranças do passado e de como as coisas mudam ate os dias atuais.	Uma sala fixa para cada professor com deslocamento dos alunos ao final da aula.	Ar condicionado, videogame,e poltrona reclinável.	Sim
Josias	Meu prof de Ed física	Vendo como era as pessoas que fazem parte e ficam na nossa memória.	E a sala onde o professor prepara a aula especial.	Preparada elaborada e construída para cada tipo de aula.	Não da forma que eu gostaria que fosse.

Jonathan	Minha mãe ela terminou os estudos e eu comecei a estudar a partir da 6 serie.	Relembrando os bons momentos vividos por quem esta na foto.	Cada professor tem sua sala fixa e os alunos trocam de sala.	Cada professor deveria ter a sua sala fixa e os alunos deveriam trocar de sala.	Sim
Hevander	Conheço meu pai ele estudou aqui e falou muito bem da escola.	Pode contribuir para ajudar a melhorar o nosso futuro e assim temos lembranças do passado.	Uma sala climatizada e decorado com materiais escolares.	Uma sala climatizada cheio de materiais.	Sim
Jessica	Sim minha mãe, não me recordo o ano, mas ela estudou aqui	Ela marca memórias traz o passado ate o presente de uma forma visual e mais concreta	E a troca de sala que os alunos fazem a cada aula, ao invés dos professores são só alunos que trocam	Deveria ser uma sala ligada diretamente ao ambiente	Sim possui
Thais	Sim meu irmão fez da 8 serie ao 3 ano, ele estudou na escola velha ele gostava muito e dizia ser um a escola boa.	Pode contribuir de tal forma em que podemos ver o uniforme velho todo arrumadinho vemos pessoas que hoje são velhas com uniforme e que hoje contam como era.	E uma sala bem dividida pelo prof. que sabe fazer com que o aluno se sinta confortável e muito bem acolhido.	Deveria ser mais acolhedora de cada prof. e cada aula.	Sim
Lindanara	Não	Eu sinto muita saudade da outra escola.	E uma sala que não tem barulho e é em silencio.	É tudo quietinho e sem escândalo.	Não
Deize	Não conheço	De muitas maneiras pois sem as fotografias não podemos relembrar os momentos do nosso passado.	É uma um ambiente limpo, cheiroso, organizado e confortável.	Um ambiente adequado e confortável para estudos	Sim
Arthur	Conheço hoje meu professor de educação física, Lauro.	Fazendo com que imaginemos como tudo era trazendo pela imaginação um filme do passado e possibilidade de comparações.	Professor sentado, aluno para Ca e para La procurando a sala certa.	Na minha opinião não deveria existir, as salas ser divididas por turmas e não por professores.	Sim infelizmente
Daniele	Minha mãe estudou na escola e estudou com um professor que hoje me da aula	Com fotografias podemos voltar ao passado e relembrar momentos que nem lembrávamos mais.	Uma sala que esta apropriada para se estudar, uma sala confortável.	Uma sala confortável e agradável	

Josineia	Sim meus amigos que já estudaram aqui tinham um comportamento muito diferente dos alunos atuais, porem o tratamento dos professores e funcionários também eram bem diferentes.	Relembrando cenas, eventos e pessoas que já passaram por essa mesma escola, revendo as mesmas salas, laboratórios , professores e alunos que faziam parte da escola tudo isso, através da fotografia.	Sala ambiente é um espaço adequado para o estudo, onde todo material necessário para o aprendizado, com clima agradável, conforto e principalmente pessoas civilizadas.	Uma sala onde os alunos pudessem permanecer se quizessem não por obrigação, com conforto necessário e colegas e professores com educação e respeito.	Sim, algumas salas são ambientes outras as pessoas dizem que são mais não me agradam.
Keity	Minha mãe e o professor aloirson de geografia, minha mãe ela estou aqui fazendo a 5 serie , na época a escola era uma das melhores e muitos espaços legais.	Ela nos traz muitas lembranças boas e ruins, coisa em que pode contar a historia de uma pessoa ou ate mesmo de um lugar, e é um forma muito interessante de relembrar os fatos passados.	Onde cada professor tem seu material de acordo com sua matéria, ou seja, uma sala climatizada onde só o professor poderá usar e passar o melhor para seus alunos com esse beneficio.	Uma sala que tivesse todos os materiais que o professor precisa para seu trabalho e salas de acordo com as necessidades do professor.	Sim, mas só de manha , eles falam que é sala ambiente mas na minha opinião falta alguns detalhes para melhorar as salas e nem sempre o professor tem os materiais necessários.
Paulo	Pasavas de ano smi				